

# **ILUSTRAÇÃO EDITORIAL**

**Prof. Daniel Bueno**



# ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: OPINIÃO

# ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: OPINIÃO

Introdução



# Ilustração: Opinião

Nesse Módulo iremos conferir atenção especial à OPINIÃO, ao modo como ilustradores criam trabalhos para textos opinativos e também exprimem uma visão e postura pessoal nesses espaços. Sendo assim, iremos observar mais detalhadamente:

- a produção de ilustrações para textos opinativos de revistas e jornais.
- os variados modos como a opinião e postura do ilustrador podem ser comunicados e expressos graficamente na geração de idéias, na abordagem gráfica, nos subtextos.

# Ilustração: Opinião

A Ilustração Editorial é um gênero que valoriza a abordagem **PESSOAL** do ilustrador.

Isso pode se traduzir em ilustrações com **opiniões** específicas do ilustrador em seus trabalhos.

O ilustrador pode também sugerir – de modo amplo - sua visão de mundo e modo de enxergar as coisas na **exploração de abordagens gráficas**.

# Ilustração: Opinião

O modo de expressar uma opinião vai variar de acordo com:

1) As características do trabalho do ilustrador. Por exemplo, alguns são mais diretos, outros mais sutis. Alguns são mais aguerridos, outros mais ponderados e amistosos.

2) O contexto, o veículo, o texto:

- algumas publicações valorizam mais a voz do ilustrador e conferem maior liberdade para o profissional.

- Alguns textos estimulam mais posturas opinativas, outros trazem assuntos menos provocativos.

# Ilustração com opinião: subtexto

O ilustrador deve tentar **não ser redundante**, ou seja, deve evitar apenas repetir o texto sem acrescentar nada.

Mas “acrescentar” o quê?

Aí entra a “**opinião**”, o **lado pessoal**, uma visão própria das coisas do mundo e da arte, uma idéia inusitada, uma composição instigante, uma investigação gráfica específica do ilustrador, etc.

E também a capacidade de dar alguma **abertura pro leitor**, estimulando sua imaginação e interpretação de imagens.

# Ilustração com opinião: subtexto

Um modo de fazer isso - imagens com abertura de leitura - é gerar ilustrações que não se esgotam de imediato, na primeira olhada.

Além da informação que chega rapidamente, que está na superfície, a ilustração pode proporcionar “camadas de leituras”. À medida que o leitor olha e “viaja” pelo desenho, ele vai percebendo outras coisas, e tirando novas conclusões.

Nesses casos, a ilustração traz um certo mistério, nem tudo é totalmente conclusivo, e o leitor pode pensar em novas correlações, estabelecer conexões e analogias inesperadas.

Pois **subtexto** é isso: é o conteúdo que fica nas entrelinhas, implícito, não está anunciado explicitamente.

# Novela, a única invenção da TV brasileira

Vera Saavedra Duão

Dois dos maiores nomes da telenovela brasileira — Dias Gomes e sua mulher Janete Clair — não consideram o gênero um produto alienante, mas uma manifestação cultural e, também, política. Dependendo, evidentemente, de quem a faz e das condições de liberdade em que ela é realizada. Para eles, é falso que a novela tenha sido inventada com o objetivo de alienar porque o efeito pode ser exatamente o contrário, como por exemplo, quando mostra o nível de vida do sulista ao miserável do Nordeste.

Ambos são unânimes em afirmar que se trata de "um novo gênero de arte popular" e que a telenovela teve um papel impulsionador no desenvolvimento da tevê nestes 30 anos de sua história, sendo "a única coisa que a televisão brasileira inventou com as características de um produto de televisão, com uma linguagem própria para a tevê".

Dias Gomes, teatrólogo e escritor, já recebeu muitas críticas por haver se tornado, nos últimos dez anos, um autor de novelas. Este tipo de julgamento ele considera "uma atitude burra, retrógrada e reacionária", preconceito de "pseudo-intelectual". No seu entender, "o verdadeiro intelectual deve ser sensível ao novo. E a televisão é o novo, ela faz parte do nosso tempo".

Para ele, é bobagem dizer que a novela "surtiu com o objetivo de alienar, pois ela não aliena, nem desaliena ninguém. Depende da novela. O gênero em si não tem nada a ver. A novela tanto pode ser alienante quanto conscientizante". Janete Clair, autora de novelas para rádio e tevê desde o início da década de 60, não se importa muito com as acusações, mas lhe fazem de produzir "novelas alienantes". Janete tem opinião própria a respeito do assunto e confessa que não gosta de política.

"Acho que o público também precisa sonhar um pouco. Por que só política? É chato política, não gosto de política. Não sou político. Eu gosto de sonhar, de fantasiar". Considerando-se "uma contadora de histórias que o público gosta de ouvir", Janete Clair reage contra seus críticos observando que "sou alienante até certo ponto, pois na medida em que faço uma novela e coloco nela o cotidiano de uma história, estou fazendo política. Porque tudo hoje é política. Você falar da fila do feijão é política".

## UM PRODUTO SOFISTICADO

Dias Gomes, que no momento está disposto a abandonar a telenovela para voltar a fazer teatro, acompanha desde o início a história da novela na televisão. Segundo ele, da mesma forma que se adaptou ao rádio, ao teatro e ao cinema, o gênero originário do folhetim literário se adaptou à tevê. Entretanto, no Brasil, conforme destaca, "a novela evoluiu para um produto mais sofisticado, culturalmente mais pretencioso, embora ainda se possa acusá-la de superficialidade e outras coisas, mas de qualquer maneira é um produto inteiramente novo, pois em outros países ela conservou sua forma original folhética e melodramática".

Com base neste raciocínio, acho que "a telenovela foi a única coisa que a televisão brasileira inventou com características de um produto típico de televisão. Isto, porque a nossa televisão surgiu copiando ou adaptando velhos programas de rádio e, também, tirando alguma coisa do teatro ou veiculando cinema e matando o teatro de revistas ao transferi-lo para a própria televisão. A novela, entretanto, conseguiu



se desenvolver aqui como um fenômeno da televisão brasileira".

O escritor avalia que o papel desempenhado pela novela na televisão "foi um papel de arregimentar grandes massas para a tevê, pois ela se transformou no produto mais popular, de maior apelo popular e de maior comunicação popular, tornando-se um grande veículo. Não só um veículo de divulgação, pois através dela se divulga arte, cultura, conhecimento, como também num veículo de criação. Espécie de uma nova maneira de expressão popular. Um novo gênero de arte popular, vamos dizer. Este é o papel da novela na TV, que também empurrou o seu setor mais criativo para a pesquisa de uma linguagem própria para a televisão. Além disto, ela impulsionou também o desenvolvimento da parte técnica da TV, com as externas exigindo a aquisição pelas emissoras de material mais atual".

## TEMAS BRASILEIROS PROIBIDOS NO INÍCIO

Dias Gomes conta que "a novela começou na televisão como uma cópia das novelas de rádio. Era levada, no início, três vezes por semana e até 64/65 não tinha um grande apelo. Muitas pessoas achavam que a novela não ia pegar na tevê. Eu mesmo participava desta opinião. Para mim, a novela não pegaria na tevê como pegou no rádio, porque eu achava que ela era um produto dirigido à dona de casa, que ouvia rádio mas não podia largar seu trabalho para ver televisão, sob pena do feijão queimar na

panela. Eu não imaginava que a novela viesse a evoluir e se tornar um produto dirigido a todas as camadas da população, como é agora. Esse meu equívoco era o de muita gente, na época. Só com o "Direito de Nascer" é que houve o grande estouro. A partir daí, a novela passou a ser diária e a televisão descobriu que a novela era uma questão de hábito. Quando começou a ser exibida toda noite, à mesma hora, foi que ela começou a pegar".

Janete Clair chama a atenção para o fato de que nesta ocasião, os primeiros sucessos ainda eram novelas desligadas da realidade brasileira, como "O Direito de Nascer", "O Shik de Agadir" e outras. O ingresso de autores brasileiros não mudou muito isto, lembra Janete Clair, pois os diretores estrangeiros aqui radicados, que ocupavam altos postos na tevê, impunham mudanças nas novelas "riçosamente brasileiras".

"Foi o meu caso em 'Rosa Rebelde', fala Janete Clair, "quando a Glória Magadan me forçou a levar a história para a Espanha, quando no original ela se passava no interior de Minas. Ela argumentava que 'o brasileiro não era romântico' e a minha novela, que era bem brasileira, teve que se transferir para o interior da Espanha, país que eu não conhecia. Estas coisas, estas bobagens, estas aberrações, a gente era obrigado a fazer porque os lugares de comando nas emissoras eram dados a estrangeiros. Mas, depois nós conseguimos mudar isto".

Sobre as mudanças ocorridas com a telenovela, Dias Gomes as atribui a um

movimento inovador do qual participaram autores, diretores, partindo da TV Globo e que resultou numa transformação do gênero folhético, melodramático e estrangeiro numa novela ligada à realidade brasileira. "Não fui eu que transformei a novela", explica Dias Gomes, "foram várias pessoas e vários fatores. A novela que a Janete faz hoje não tem nada a ver com o 'O Direito de Nascer'".

## ACENSURA DE ORELHA EM PE

Tanto Janete Clair como Dias Gomes, acreditam que a continuação da "abertura política" pode abrir um novo campo para a novela, a partir da discussão de temas considerados tabus. O teatrólogo, porém, considera que "a abertura ainda é muito pequena para a televisão, uma frestazinha". A televisão, conforme afirma, "ainda é muito censurada e acredito que vá ser sempre pelo seu alto poder de comunicação de massas". Mas mesmo esta pequenina abertura poderá ser benéfica para a novela, no entender de Dias Gomes, "porque ela se desenvolveu debaixo de uma censura muito rigorosa, talvez mais ainda do que o jornalismo".

O escritor revela que "durante os tempos mais rigorosos da censura, temas que podiam ser abordados pelo jornalismo não podiam constar das novelas. Certa vez, uma censora sugeriu que se mudasse o nome — novela — para outro nome, porque quando se falava em novela a censura ficava toda ourelada, mais rigorosa. 'Talvez seja o problema do nome', me disse a censora numa de minhas idas a Brasília. 'Novela é uma coisa que já deixa a censura de orelha em pé'. Neste tempo, tive muitas dificuldades, muitas vezes fui à Capital Federal discutir com a própria censura, e eram discussões kafkianas que nunca cheguei a entender.

"Aliás, nunca entendi a censura e nem ela a mim. Seus critérios sempre foram de um critério total. Era difícil escrever dentro das suas normas, pois elas não existiam, mesmo que eu quisesse. Na verdade eu nunca quis, porque o problema da censura é censurar e o meu é escrever. Eles que cortem como sempre cortaram, é o trabalho deles, pouco inglês, mas é o deles."

Mesmo que os tempos agora sejam outros, distantes do início da década de 70, Dias Gomes confessa que não ocorreram grandes mudanças no relacionamento novela e censura. "Continua a haver censura. Não houve uma abertura total, você não pode escrever o que quer. Os problemas continuam, ali, os scripts continuam a ser lidos, os tapes continuam a ser liberados na véspera de ir para o ar. Portanto, a censura continua. Você não pode assumir a responsabilidade do que faz para que a censura venha a posteriori enquadrar você. Existe um código censorino. A censura a priori existe, por isso eu acho que continue a haver censura, por isso a censura a posteriori existe. Mas, mais rigoroso do que na imprensa, muito mais rigoroso do que no cinema ou no teatro."

Apesar disto, Dias Gomes não descreu do poder de conscientização e informação da novela, um gênero que pretende abandonar no momento por já ter encerrado seu "ciclo criativo". Para o escritor, "por mais censurada que ela seja, a novela passa informações. Hoje em dia, o caboclo do interior do Amazonas sabe como se vive no Rio, em Ipanema, em São Paulo. Sabe como as pessoas do Sul vivem, seu nível de vida, o que possuem e tudo isto conscientiza. Antigamente ele não podia estabelecer um paralelo entre a sua vida, seu desconforto pessoal e o conforto das grandes cidades. Isto não lhe dá uma consciência?"

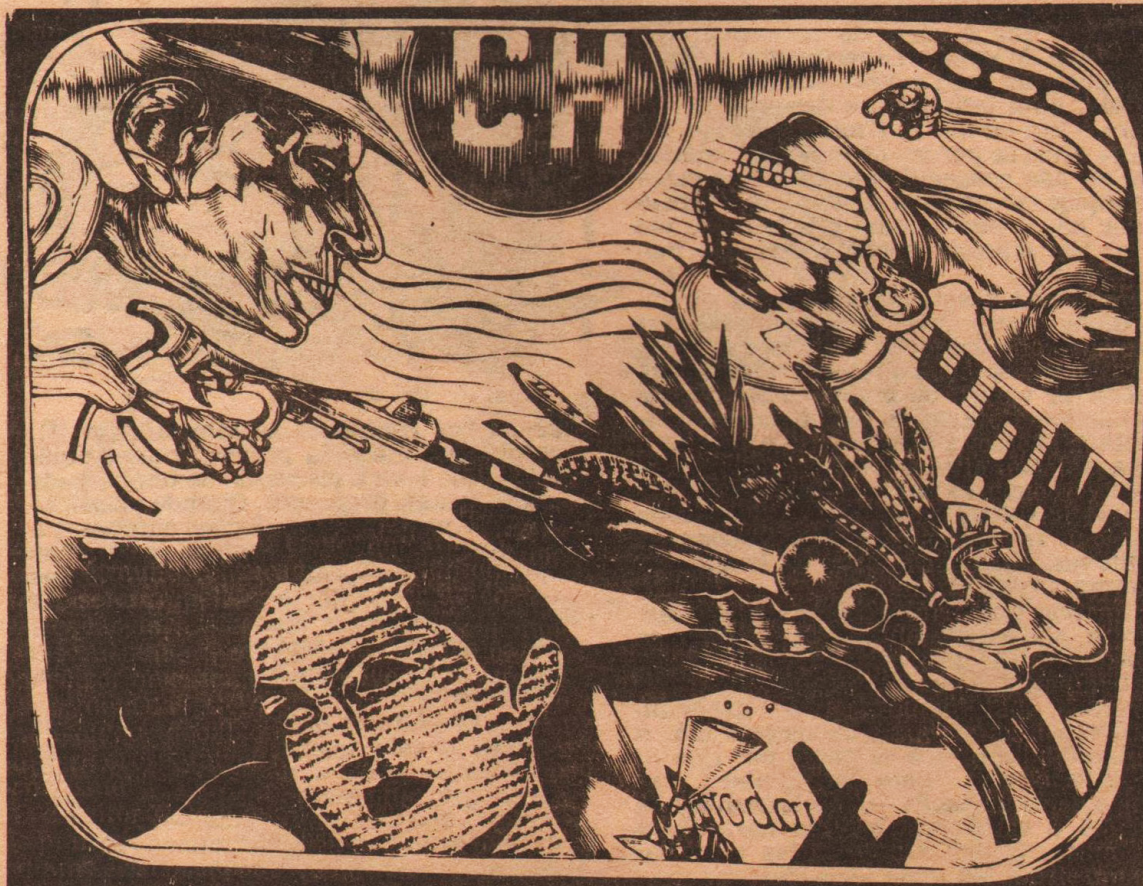
Vamos observar essa ilustração de Rubem Grilo pro Folhetim de 1980.

Num primeiro momento vemos com clareza dois telespectadores e uma TV, elementos que estabelecem conexão entre o texto e a imagem.

A primeira impressão traz um tom melancólico e bizarro, adequado ao texto.

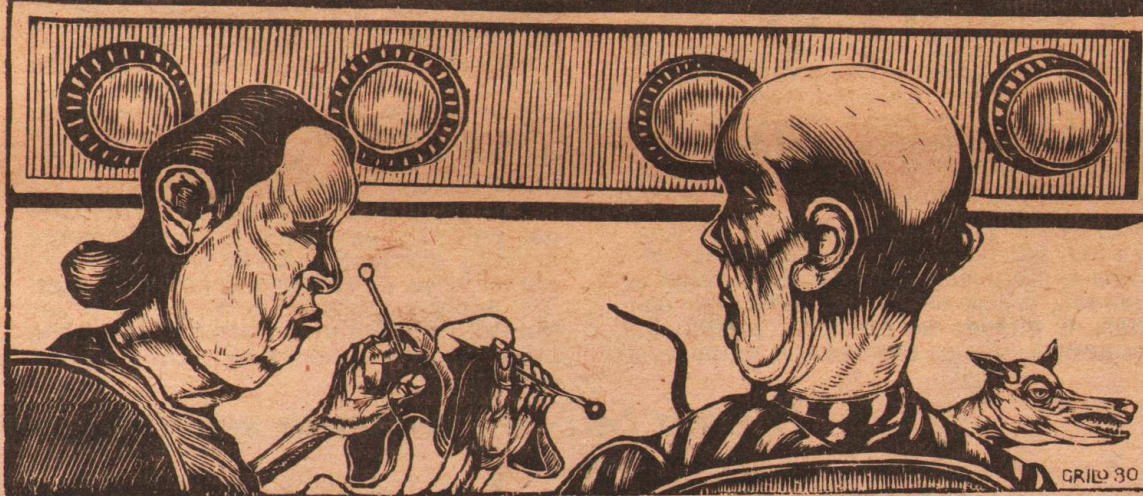
Os elementos gráficos têm capacidade pra instigar o observador e ativar sua curiosidade.



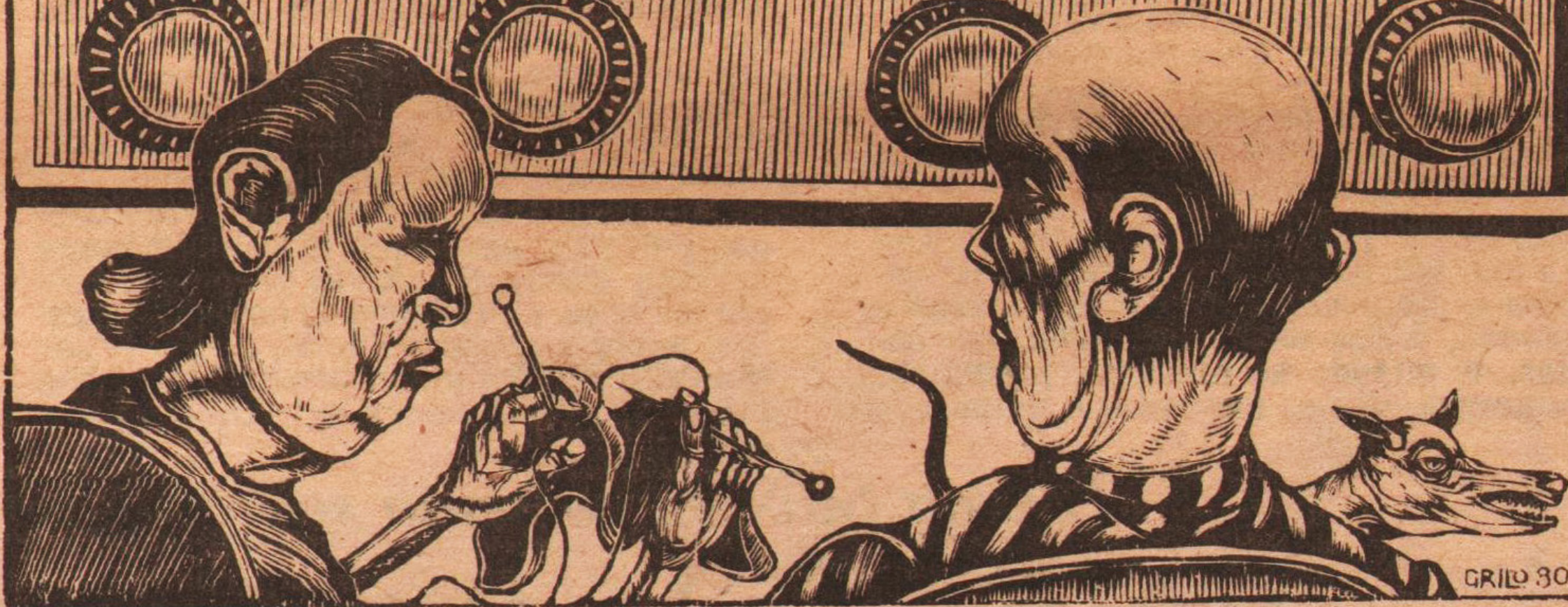


O leitor interessado, “capturado” pela qualidade da ilustração, passa então a olhar todos os elementos da imagem com maior curiosidade e atenção.

De imediato percebemos uma composição interessante, que divide a ilustração em dois campos retangulares: dentro da TV / fora da TV.







O olhar cansado e a postura dos personagens enfatizam o tom que o ilustrador quer conferir à ilustração. E contribui para reforçar um contexto, o da família brasileira acomodada em frente a TV - esta de tamanho bastante grande (reparem no tamanho dos botões) e situada oportunamente sobre a cabeça deles na composição. Rubem Grilo não apenas “descreve” a cena, de modo esquemático e óbvio: cada detalhe dessa xilo traz inventividade nas formas e grafismos. Como podemos ver no rosto expressivo do cão, por exemplo.





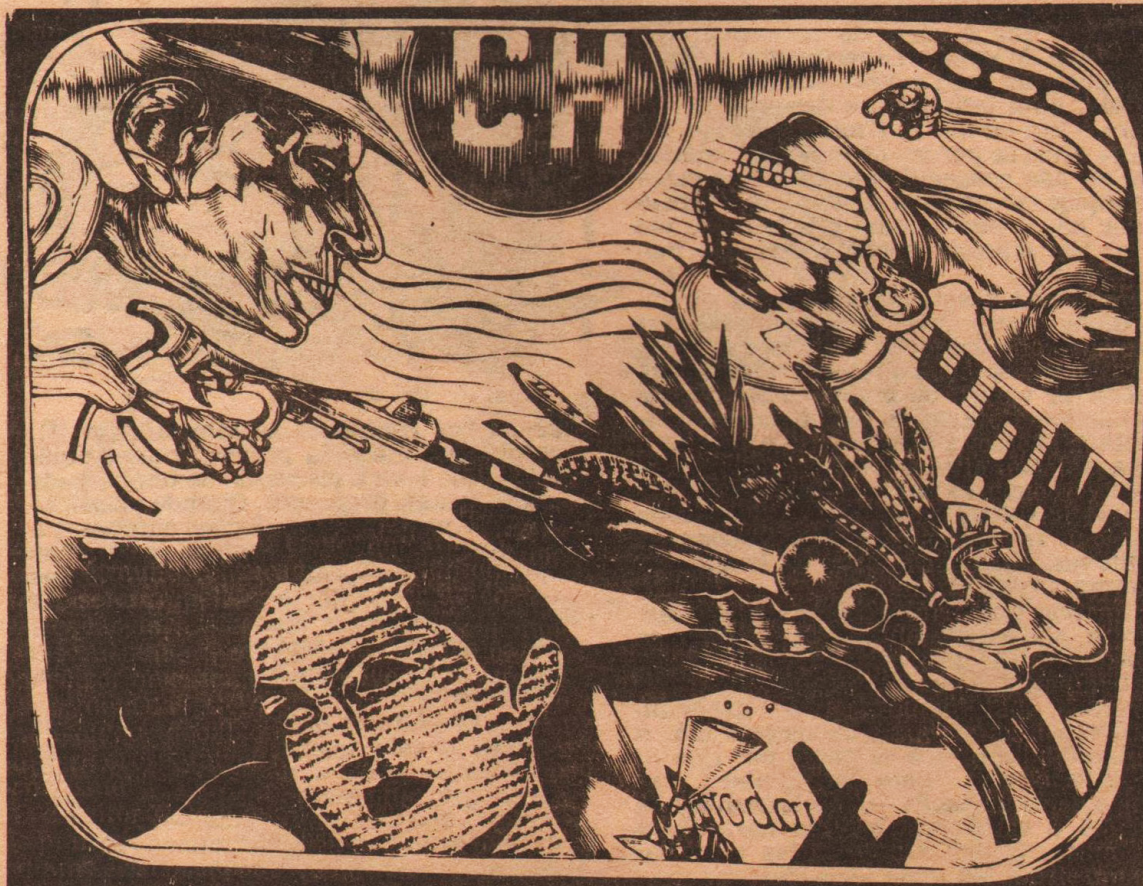
Dentro da TV surgem imagens desconexas e imprecisas, e cada leitor pode fazer uma “viagem particular” procurando interpretar o que aparece.

Vemos, por exemplo, elementos que remetem à Carmen Miranda – representativo do Brasil.

Outros sugerem agressividade, violência. Nada de modo muito óbvio e literal; e tudo sendo explorado graficamente com originalidade.

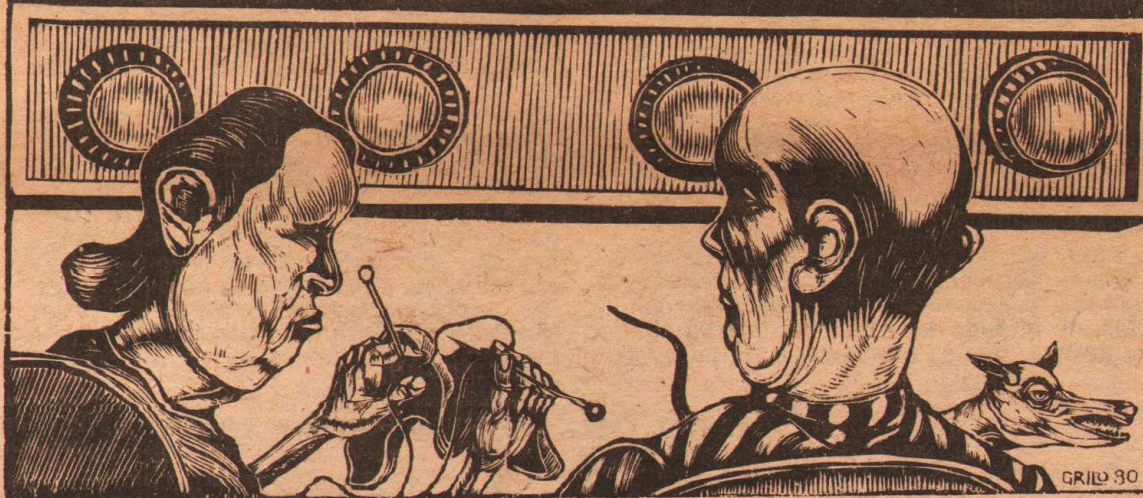
Reparem nos grafismos no rosto da figura feminina; ou na deformação da arma. E assim por diante.



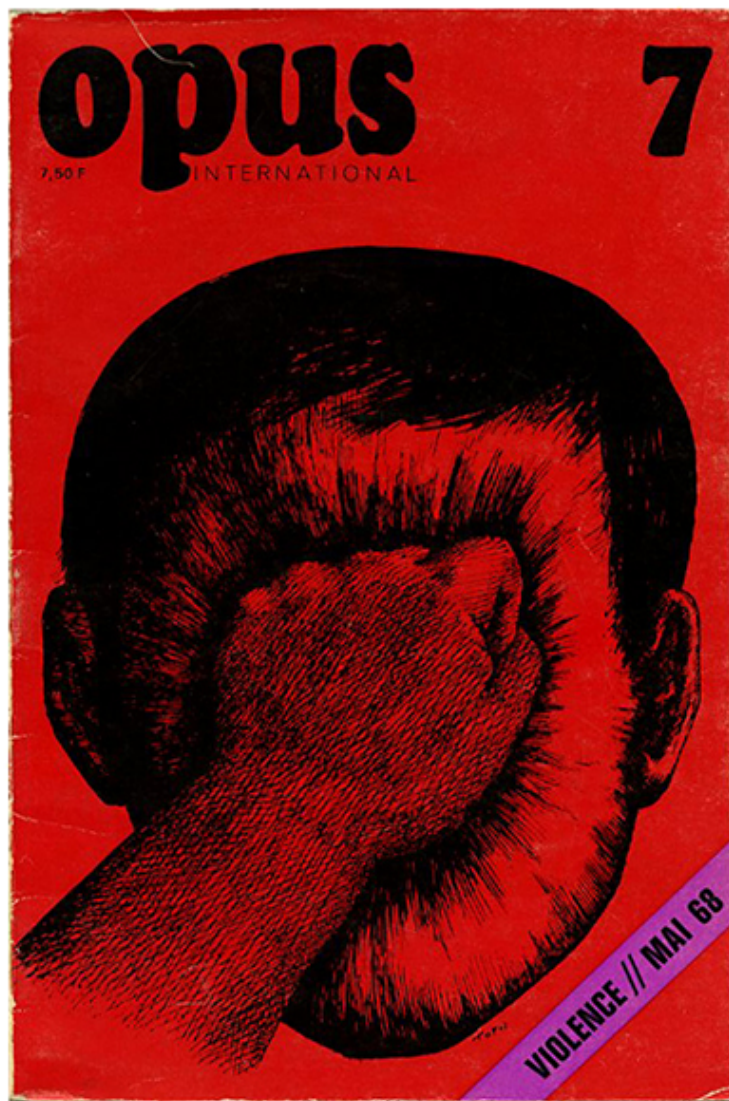


Quando voltamos para a imagem geral, como um todo, fica reforçado o contraste entre o plano dinâmico do que está dentro da TV e a morosidade e melancolia da “vida real” fora da TV.

Essa foi minha leitura.  
E a sua, qual é?







Em certos casos o que predomina é o impacto imediato da ilustração.

Nessa capa de Torpor para a revista francesa Opus, de 1968, a violência do tema é traduzido num desenho coeso, direto, expressivo, provocativo, pouco convencional.

Ao contrário de outras ilustrações, essa não traz detalhes secundários para que o leitor fique “viajando”, percorrendo o olhar por elementos variados. Mas o absurdo da situação e o resultado gráfico do desenho tornam a imagem instigante, nada redundante.

No mais, há um certo “mistério” e abertura para que o leitor fique envolvido, observando o trabalho, admirando, refletindo, tendo pensamentos e interpretações.

# Ilustração com opinião: o “estilo”

Como já dissemos, quando o assunto é Ilustração Editorial logo pensamos em opinião e postura pessoal.

As abordagens gráficas do ilustrador acabam tendo um papel importante nessa questão, pois conferem identidade e toque pessoal ao seu trabalho.

São suas escolhas, seus interesses estéticos e gráficos ajudando a compor sua personalidade.

Mas como isso acontece?

O iniciante deve sair desenhando desesperado tentando encontrar um estilo?

O ilustrador deve ter “um estilo”?

# Ilustração com opinião: o “estilo”

Ao longo de sua carreira, o ilustrador acaba tendo um **vocabulário gráfico**, que envolve um **modo de fazer** e suas **preferências visuais**.

Alguns ilustradores optam por ter um leque maior de opções, outros gostam de fechar e delimitar mais.

O importante, qualquer que seja o caso no contexto da Ilustração Editorial, é não se perder demais.

É importante ter algum critério pra fazer escolhas. Com o tempo, isso gera personalidade.

Mesmo quando há variedade, é importante que o ilustrador olhe pro conjunto de seu trabalho e sinta algum tipo e grau de conexão entre as ilustrações.

# Ilustração com opinião: o “estilo”

O ilustrador não precisa necessariamente ter “um estilo”. Se ele fechar muito suas escolhas, existe o risco de ficar repetitivo e preso a um tipo de solução.

Um modo de criar é ter ideias e soluções gráficas a partir do texto. Ou seja, o ilustrador não começa a desenvolver a ilustração com uma solução gráfica demarcada a priori – ele ainda verá o que funciona melhor para aquela ocasião.

Esse tipo de postura criativa leva o ilustrador para desafios, e alto grau de surpresas e acasos no processo criativo.



# Ilustração com opinião: o “estilo”

Existem os ilustradores que preferem “fechar mais” suas abordagens, delimitando preferências técnicas e soluções formais.

Quando o profissional fica conhecido por um “estilo”, a tendência é o cliente pedir ilustrações já pensando na adequação dessa abordagem pessoal ao texto e veículo.

Mesmo com um estilo definido, esse ilustrador pode trabalhar com alguma maleabilidade, deixando alguns aspectos de sua abordagem gráfica mais infantis num livro infantil, mais conceituais numa ilustração para revistas intelectualizadas, etc.

Ele também pode ir, ao longo do tempo e aos poucos, trabalhando sua abordagem, atento aos detalhes, fazendo ajustes, depurando soluções, etc.

# Ilustração com opinião: o “estilo”

Não é preciso ter pressa. O vocabulário gráfico de um ilustrador é construído com o tempo, ao longo de sua carreira.

Não existe “um jeito certo” de fazer ilustração. O objetivo desse curso é permitir que cada um encontre seu caminho. O leque de possibilidades é muito grande.

# Ilustração com opinião: o “estilo”

Seguem abaixo algumas dicas para o ilustrador que quer ter um trabalho original:

- 1) Misturar estilos: para isso, é preciso ter olhar atento, ter referências e bom repertório gráfico.
- 2) Ter espírito exploratório, gostar de investigar: perder um pouco o medo de errar e usar conteúdos do texto e briefing como inspiração para experimentar algo novo em termos de ideias, materiais, abordagens gráficas.
- 3) Não se acomodar em simplesmente repetir o que já existe. Buscar alguma provocação, contrariar convenções e modismos.
- 4) Refletir sobre você mesmo, o que realmente gosta, o que faz a diferença, o que tem a ver com sua personalidade e modo de enxergar o mundo.

# Exemplo 1: Rubem Grilo

Vamos observar um ilustrador que apresenta abordagem marcante, pautada por um desenho expressionista e essencialmente produzida na técnica de xilogravura.

Atentemos para a permanente criatividade formal dentro de seu definido vocabulário gráfico e também a mudanças efetuadas ao longo do tempo.









meio da população pobre. O que torna a questão um pouco mais complicada. O desejo de democracia racial tem que ser um pouco matizado por essa constatação, de que os valores instalados por uma elite dominante acabam por penetrar em todos os setores da sociedade, e penetram, a meu ver, até poderosamente.

### O 14 de maio, um dia imenso de 90 anos

ESMERALDO TARQUÍNIO — O que o Boris, o Clovis Moura e os demais falam, me fez pegar uma nota de 500 cruzeiros. Está aqui, no anverso, um trabalho artístico em que pretende dar a evolução da raça brasileira, como eles a chamam. Então, tem aqui uma projeção desde o índio, passando pelo europeu e português, o negro, um europeu de outras origens, mais nórdico talvez, e finalmente, o que o Gilberto Freyre está tentando incluir na gente de que há uma morenidade. Não há mais necessidade, portanto, de se falar em negros e brancos, porque hoje há uma morenidade no Brasil. Essa morenidade me calou, me tangei, me machucou. Mas que negócio de morenidade? Será que o Gilberto Freyre esqueceu das coisas que ele escreveu e que culminaram na "Casa Grande e Senzala"? Ao menos ali ele estava sendo mais sério e registrando as coisas melhor.

A gente sente, realmente, um esforço oficial de destruir quaisquer diferenças pelo menos na papel e na exportação. A realidade existente é a de que nós encontramos uma discriminação séria, sutil, muito mais inteligente, por conseguinte muito mais maldosa do que a do anglo-saxão, nos Estados Unidos. E mesmo a marginalização, até mesmo quase genocida. A gente nota uma vontade de extrair o negro que se projeta aqui e ali da sua comunidade, pra fazer com que digam: "Não você não é negro. Você é queimado do sol", essas coisas que eu venho ouvindo desde menino no grupo escolar.

Houve uma época em que eu já estava aqui exilado, com o meu pai que era vítima de outras revoluções. Eu estudava no Grupo Escolar Eduardo Prado, no Brasil em São Paulo, quando explodiu a guerra da Abissínia. Ah, pensa, que delícia! Você não sabe que é ser negro num meio absolutamente italiano! Havia ali alguns portugueses, mas a grande massa, em 1935, no Brasil, era italiana. E ali então eu senti as primeiras barreiras. Foi salvo por uma professora, dona Maria Aparecida Malvi, uma mulher que me deu valor quando eu tinha oito anos.

Quando Rui Barbosa mandou queimar os arquivos das alfândegas por onde ingressaram e foram registradas as entradas de negros escravos, foi com o propósito de limpar o que ele chamava de noção na História do Brasil, com os burocratas e os cravos, com a escravatura neste País. Fazia tão pouquinho que nós tínhamos sabido do 14 de maio e ninguém mais falaria do 14 de maio em que nós vivemos até hoje. O 14 de maio, o dia seguinte está aí. E um dia imenso, um dia de 90 anos em que nós todos sentimos que há realmente uma marginalização.

Essa marginalização do negro existe na sua forma mais pura e precisa que a gente tenha a honestidade de dizer: há discriminação sim, nas Forças Armadas, como há discriminação nas escolas, nos empregos, principalmente no comércio, a questão da boa aparência, que o Joel colocou.

### Com amigos israelitas, unidos pela segregação

JOEL — Tarquínio, um minutinho só. Eu me lembro que ali, uns anos atrás, você me chamou a atenção para o regulamento de ingresso nas escolas militares que exige que o candidato não tenha bunda empinada.

TARQUÍNIO — Quando fiz a ob-

servação, não usei essa palavra. Usei termos mais científicos. (risos). JOEL — Pois é uma forma de discriminar o negro, porque é o negro que tem bunda empinada. TARQUÍNIO — São limites antropométricos. (risos). Se a régua giteia for um tanto maior o candidato está eliminado. E se tiver be chato, também. Acontece que há determinado tipo africano que tem, realmente, o arco do pé baixo. Entretanto, ele caminha, regiões enormes, é um povo caminhador.

BORIS — Há alguma referência a nariz grande nesse regulamento? (risos). ESMERALDO — Já vamos chegar lá, já vamos chegar no nariz grande. Porque, há uma quase aliança, aqui em São Paulo, no setor judeu não étilista, que é a rua José Paulino, Bom Retiro etc. Nesse setor é que se viram as primeiras empregadas negras balconistas. E, seria talvez uma questão de mão-de-obra, mais barata? É possível, mas, também houve, pelo menos, a vontade de se dar uma oportunidade a negros, não há dúvida que houve. E nós sempre tivemos uma certa identidade, um certo juntar de magoa, digamos assim, nos momentos raros em que a gente se magoa por alguma coisa, entre amigos meus de origem e de criação israelita. Porque nós nos sentimos unidos pela segregação de que somos vítimas.

JONAS DE ARAÚJO ROMUALDO — Eu gostaria de continuar perseguindo aquele problema das causas do mito da democracia racial. Fica muito difícil destacar o que é origem e o que é a função desse mito. Mas, de qualquer forma, pra pôr lenha na fogueira, eu acho que uma das causas é também o próprio comportamento dos grupos chamados de esquerda, que o tempo todo dizem que não é interessante culpar a luta do negro, porque é uma outra etapa, e que ainda o problema racial nos Estados Unidos é diferente do problema do negro brasileiro, chegando através desse raciocínio até a apoiar às vezes a luta do negro americano. Mas, vejamos a exploração do trabalhador brasileiro e a exploração do trabalhador alemão e a mesma exploração é exploração. Eu acho que no problema racial a coisa é igual. A questão do grau não se coloca. Exploração pra mim não é questão de grau. A sociedade racista que explora, explorando o multo, está explorando do mesmo jeito. E, de qualquer forma, também da discriminação não é uma questão de grau.

ESMERALDO — Você já parou pra pensar no mundo de trabalhadores espanhóis e portugueses atraídos a subempregos na Alemanha e na França?

JONAS — Eu acho que dentro do capitalismo, realmente, alguma vez ter que se f... né?

ESMERALDO — Não sei se é só no capitalismo, não sei. Acho que a gente está vendo isso de qualquer modo, porque eu também não entendo por que razão se havia de utilizar prisioneiros de guerra como trabalhadores forçados. E isso aconteceu na União Soviética.

### O brasileiro tem vergonha de se ver na tela

GUILLON — Vamos retomar a discussão. Há uma particularidade na questão do mito da democracia racial, que é o fato de que ela não é somente uma ideia, mas uma espécie de pensamento mais ou menos ingênuo, dominante, geral etc. mas, que ela teve no Brasil, ou tentou ter no Brasil, uma certa conotação científica, não é? Por um lado a ideia da democracia racial, e por outro existe a tentativa de negar a existên-

"O maior problema no Brasil é ao nível da colonização cultural. Para o público brasileiro, o negro americano é bonito, mas o negro brasileiro é feio." Tizuka Yamasaki



GRILLO 1980

ência do racismo, através do conceito do preconceito de cor. Acho que nisso os intelectuais, os cientistas, sociais poderiam contribuir. Não sei, mas, no momento eles deveriam dizer, bom-que-fato, há uma diferença entre o negro brasileiro e o negro americano. Mas, vejamos a exploração do trabalhador brasileiro e a exploração do trabalhador alemão e a mesma exploração é exploração. Eu acho que no problema racial a coisa é igual. A questão do grau não se coloca. Exploração pra mim não é questão de grau. A sociedade racista que explora, explorando o multo, está explorando do mesmo jeito. E, de qualquer forma, também da discriminação não é uma questão de grau.

TIZUKA YAMAZAKI — Vocês me desculpem, mas eu não sou intelectual nem desenvolvedor, eu sou um estudante do nível da ciência. Me parece que o maior problema que a gente tem hoje no Brasil é o nível de colonização cultural. Por exemplo, na área de cinema, onde eu trabalho, sinto que o público brasileiro tem muita vergonha de se ver na tela. Isso não é problema de ser negro, ou ser branco, ou ser nordestino. Então, me parece que para o público brasileiro, coisas desse tipo, eu fico muito preocupada com isso.

Eu acho que nessa discussão sobre a democracia racial, na medida em que a gente se fecha nas minorias raciais e fica discutindo e querendo saber o que existe em cada uma delas, a coisa

se dilui. E também tentar descobrir as nossas raízes é importante, mas não ficar preocupado em definir uma identidade brasileira, se é o moreno, se é o sujeito com cara de índio ou com cara de branco, entende? Porque, de repente, o modelo brasileiro podem ser vários e não um único, não normalmente nos é imposto. GUILLON — Eu queria registrar que vocês falaram por último, também os (risos). TIZUKA YAMAZAKI — Não tem nada a ver não. ESMERALDO — Depois dos negros (risos).

### Emancipação dos índios e branqueamento

MANUELA CARNEIRO DA CUNHA — Eu queria retomar um pouquinho a questão que o Clovis Moura levantou, quando falou que se está expropriando o negro da sua identidade. Me parece que se deveria questionar o próprio conceito dessa democracia racial. O que é que vem a ser uma verdadeira democracia racial? Nesse ponto eu pergunto ao Joel, essa colocação no fundo não traz a tona uma certa ambiguidade? Esse desejo de democracia racial que você, Tizuka, apontou me parece que está muito próximo a uma ideia de que a democracia seria uma nivelção geral, de uma igualdade suposta, e que supõe, por sua vez, que todos participem de um modelo único. Me parece que era isso que você estava apontando agora, não é?

TIZUKA — Eu acho que não deveria haver um modelo único. De repente podem existir vários modelos.

MANUELA — Exatamente. Eu acho que colocando essa demo-

cracia racial como uma meta de nivelamento geral, me parece que se está falsificando um problema muito importante que é o de justamente reconhecer as diferenças, não é? O de permitir aos grupos de se estruturarem segundo seus modos próprios de reverter justamente sua identidade étnica.

Em nome de que esse modelo de branqueamento que o Boris Fausto apontou seria um modelo? E no caso dos índios? Aliás, esse modelo de branqueamento ficou muito patente há uns dois anos atrás, quando houve aquele movimento, contra o projeto de emancipação das comunidades indígenas que o "registro" Hangel Reis queria fazer passar. Naquele caso, toda a retórica oficial era que "os índios têm direitos e serem como nós". Não é que eles tinham o direito de ser como eles, não é? (risos). Os índios tinham o direito de ser como nós e toda a questão era apresentada como uma concessão no sentido de todos serem iguais.

Eu acho que isso é uma coisa que deveria ser pensada, porque o Brasil é, realmente, uma verdadeira metáfora e tem que ser reconhecido nas suas implicações de que existem modelos diferentes ou valores diferentes.

### No socialismo, esses problemas se diluem?

CARLOS B. RODRIGUES — Eu acho perigoso quando o Jonas coloca a questão apenas dentro de uma lógica do capitalismo, porque, de repente, a gente vai pensar que com o socialismo se diluem esses problemas, essas diferenças, essas desigualdades.

Com relação à questão do mulato eu acho que é também

Rubem Grilo, ilustração de 1980 publicada no caderno Folhetim, jornal Folha de S. Paulo.



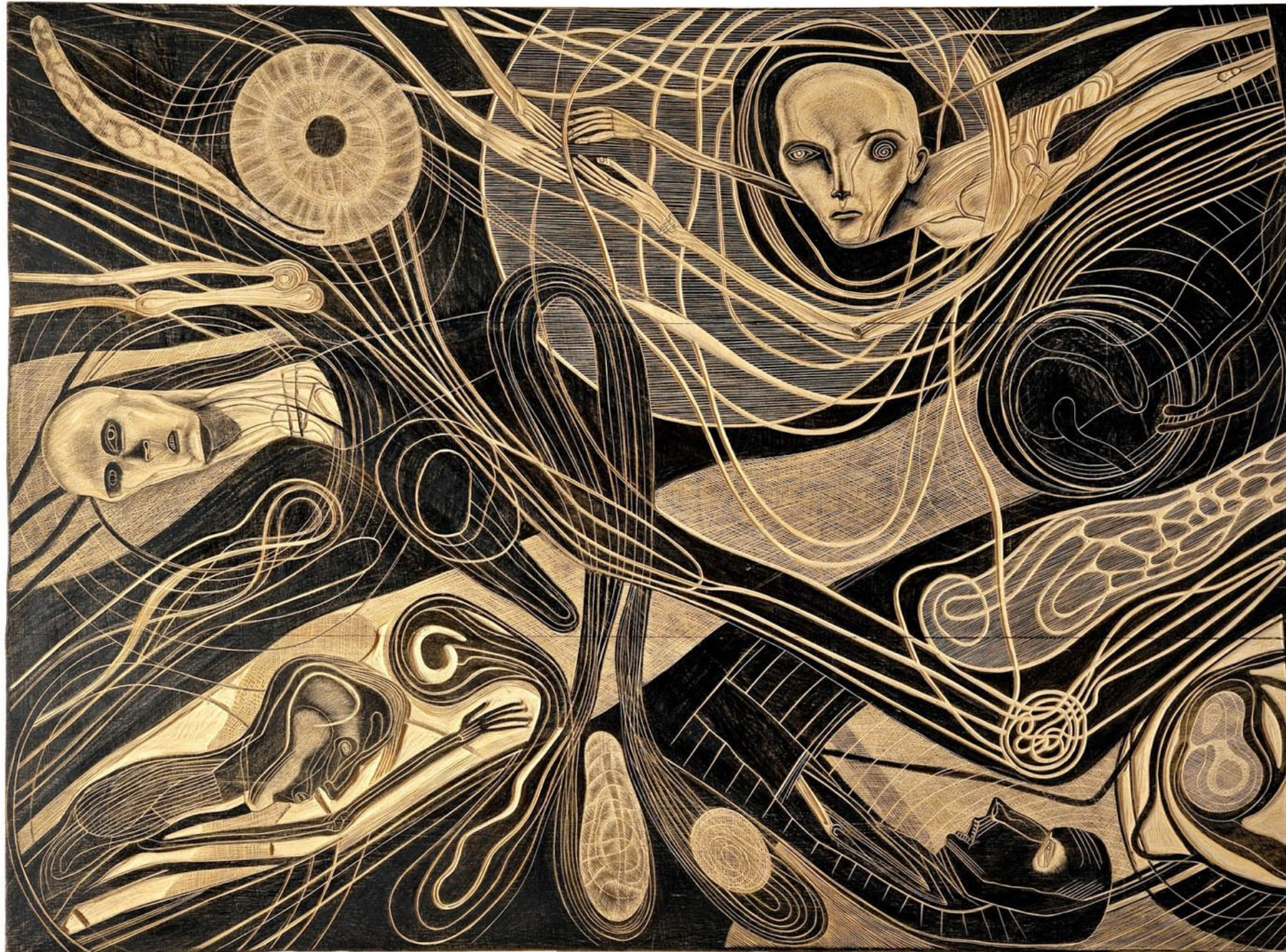


Rubem Grilo,  
ilustração de  
1984 publicada  
no livro "Grilo",  
Circo Editorial.



Rubem Grilo,  
ilustração de  
1984 publicada  
no livro "Grilo",  
Circo Editorial.





Rubem Grilo,  
matriz da  
gravura  
“Subterrâneos”,  
2010.

Publicada no  
catálogo  
“Rubem Grilo –  
Xilográfico  
1985-2010”,  
CAIXA Cultural  
São Paulo.



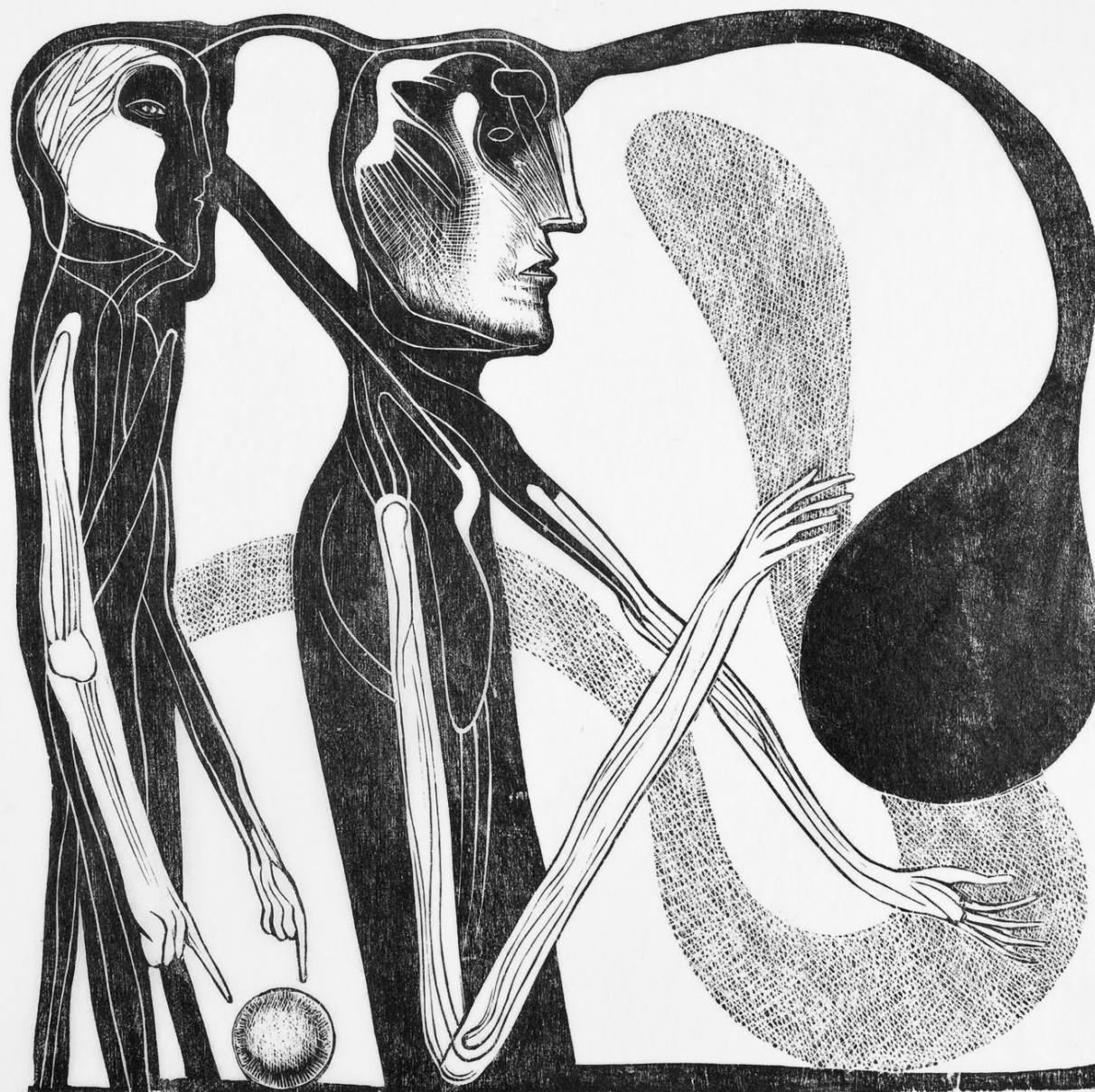


21/100

BAD BOY

Grilo, 1998

Rubem Grilo,  
"Bad Boy",  
1998.



21/100

BICÉPHALO

grilo, 2006

As idéias políticas do gal. Golbery do Couto e Silva  
A linguagem das crianças  
O trabalho das mulheres brasileiras  
Comércio externo: como pagar as importações

11 de março de 1974

n.º 70 Cr\$ 3,50

# opinião

com a edição semanal brasileira do

**Le Monde**



Carlos Castañeda, o novo culto do oculto

Rubem Grilo: ao lado, xilogravura "Bicéphalo", 2006. Acima, capa do jornal Opinião, 1974.

## Exemplo 2: Saul Steinberg

Vamos observar um ilustrador que apresenta grande coerência em seu trabalho, mas com uma variedade de abordagens e técnicas muito grande ao longo de sua carreira.

Reparem como, mesmo diante dessa diversidade, ele consegue ter personalidade e uma postura forte diante das coisas.

Batemos os olhos e identificamos: “é um Saul Steinberg!”

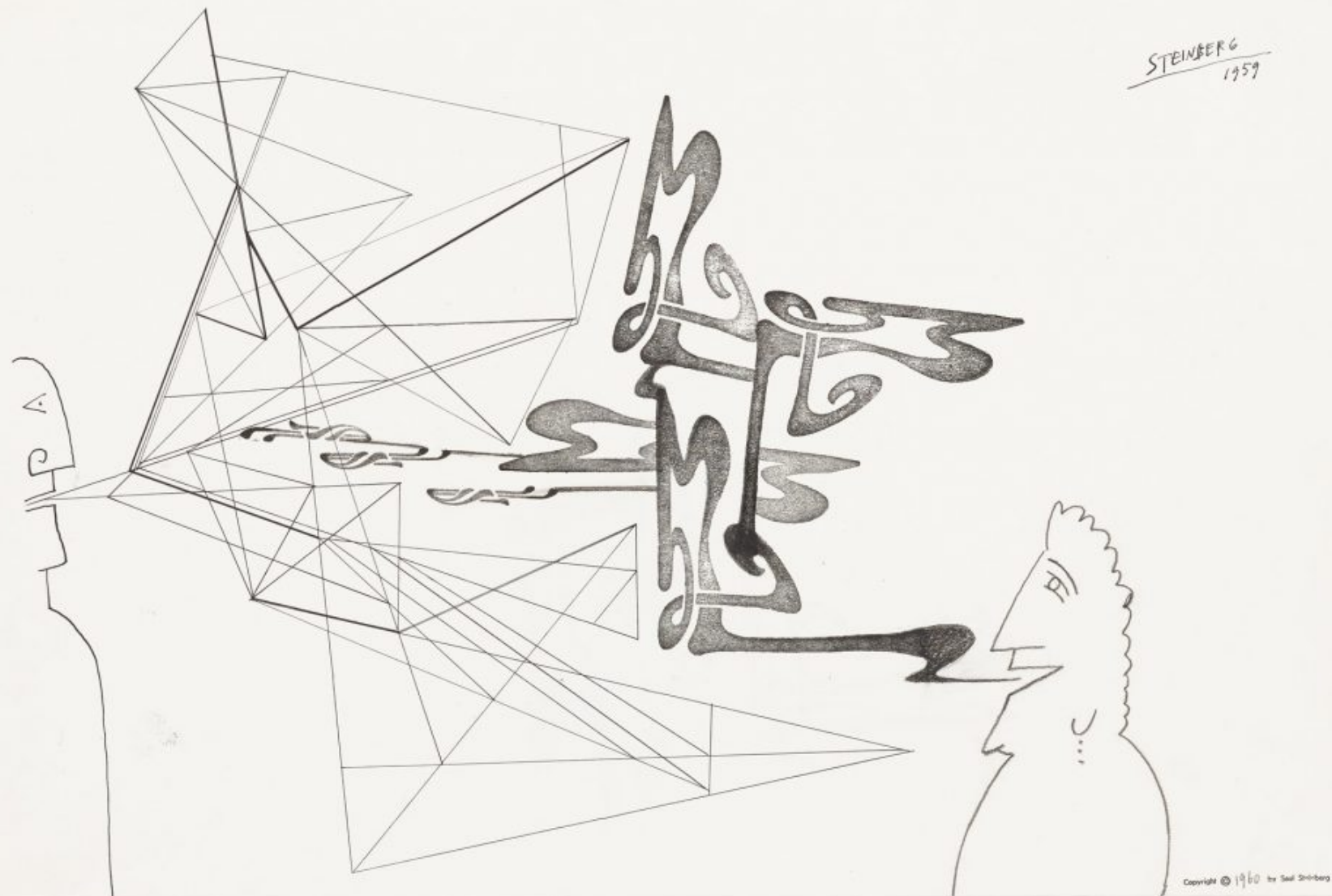




Saul Steinberg:  
"Chicago", 1952.  
Nanquim,  
aquarela e  
colagem sobre  
papel.

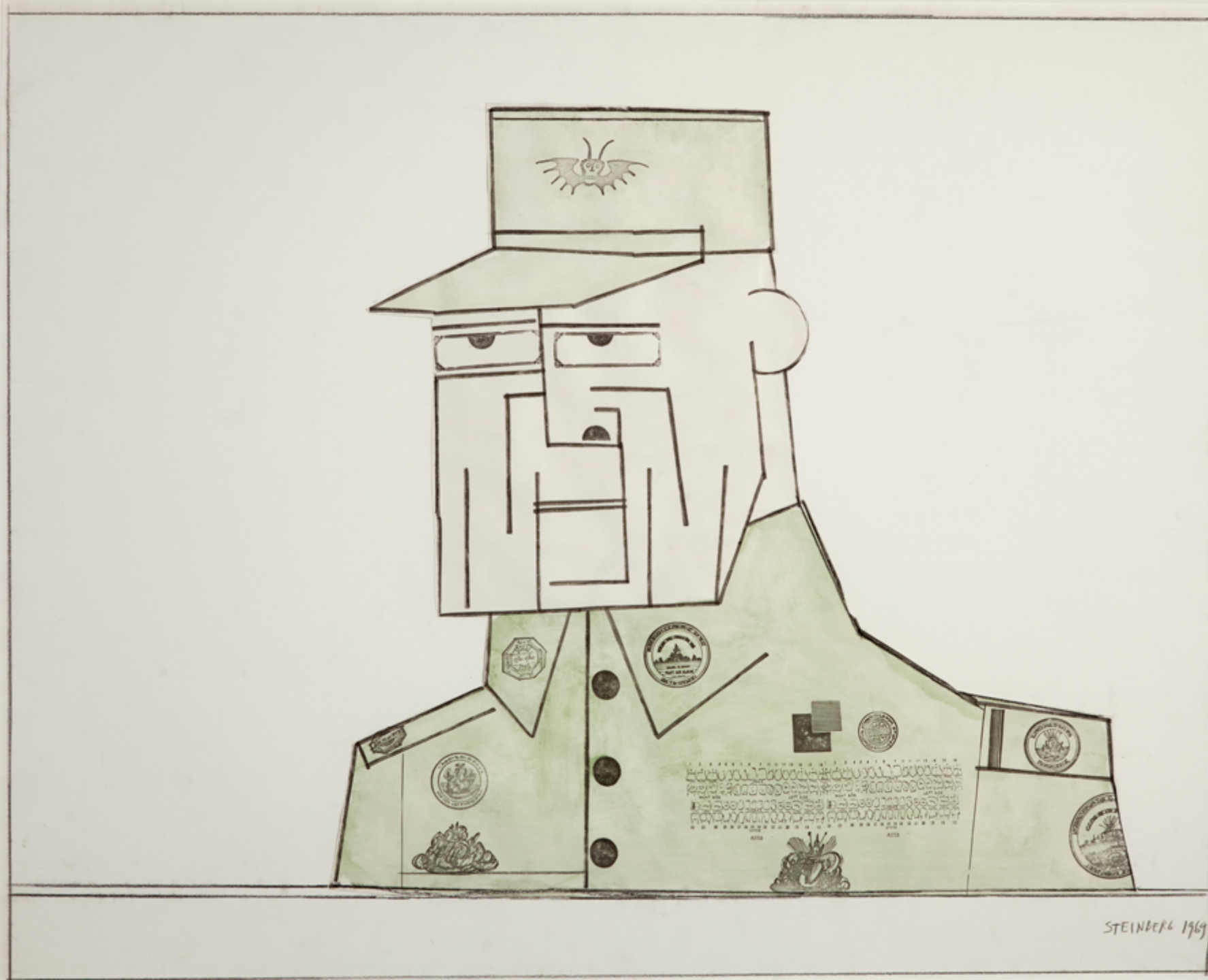






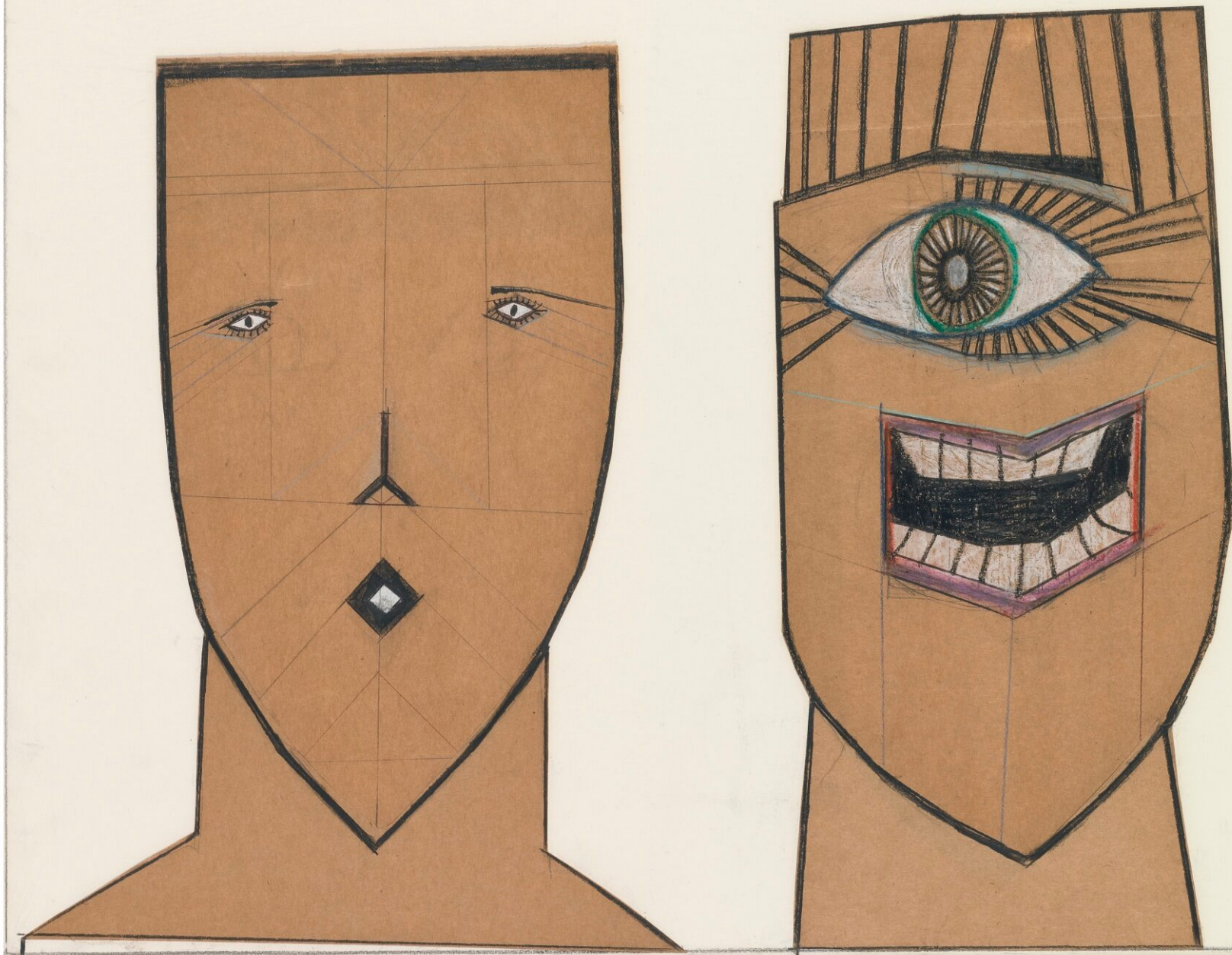
Saul Steinberg:  
"Speech"  
1959. Nanquim,  
lápiz, giz crayon  
e carimbo sobre  
papel.





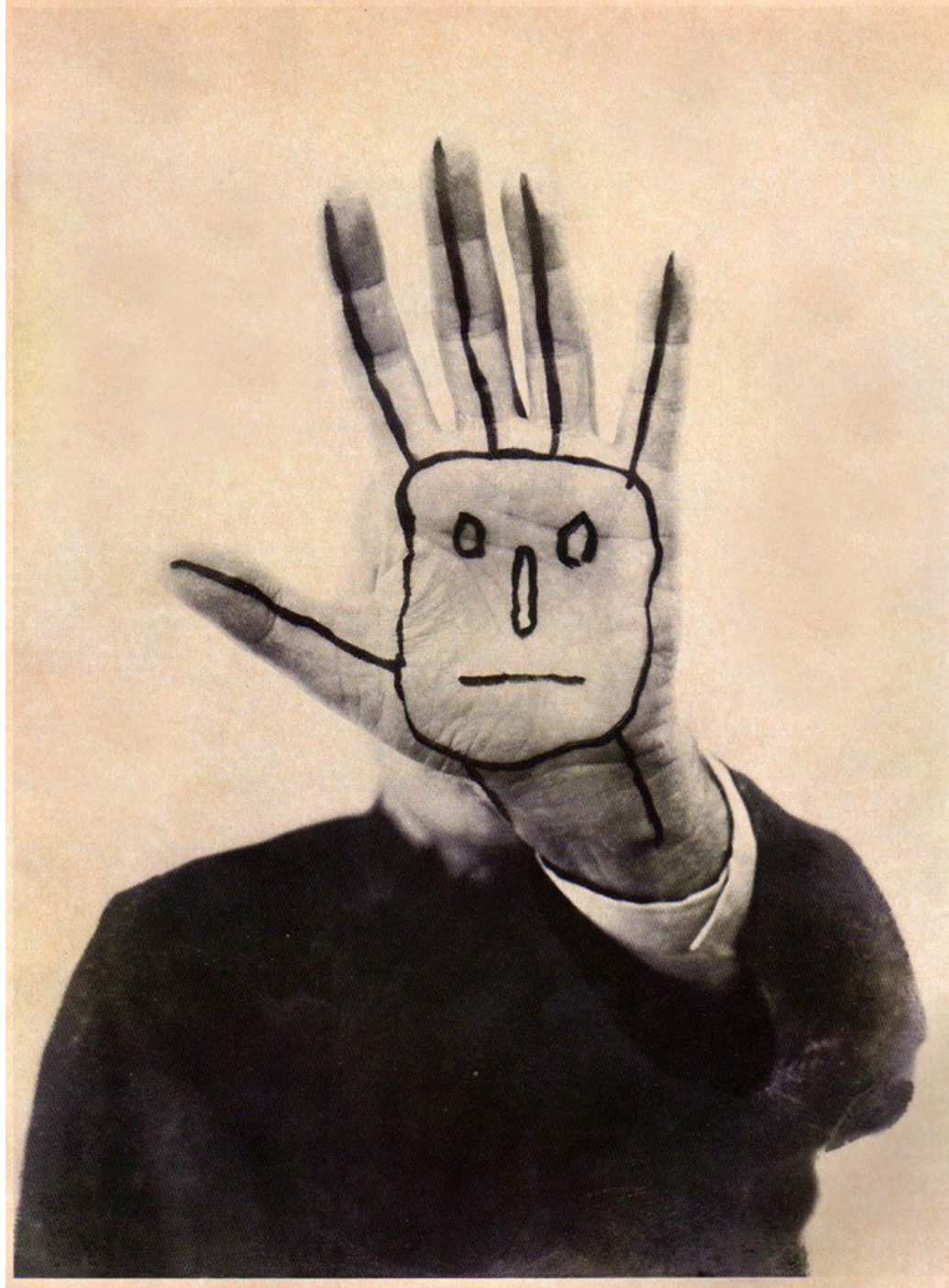
Saul Steinberg:  
"General A"  
1969.  
Carimbos e  
aquarela sobre  
papel.





Saul Steinberg:  
"Two Masks"  
1966.  
Publicado no  
livro Le Masque.  
Lápis, crayon e  
papel kraft sobre  
papel.





Saul Steinberg e  
suas máscaras em  
foto de Inge  
Morath, 1966.

Saul Steinberg em  
seu último  
autorretrato, 1999.

# ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: OPINIÃO

**Aspectos Históricos – até 1930**

# Ilustração, Cartum, Charge, Caricatura, HQ

A ilustração, ao longo de sua história, participa de um contexto marcado também por cartuns, charges, caricatura, histórias em quadrinhos.

É grande a conexão da ilustração com essas formas de expressão. Por vezes, elas se confundem. E muitas vezes, uma influencia a outra.

É frequente um ilustrador ser também cartunista e/ou chargista e/ou caricaturista e/ou quadrinista.

O repertório gráfico e as referências são muitas vezes comuns.

Mas quais são as diferenças entre elas? Qual é a definição de cada uma?

# **Ilustração, Cartum, Charge, Caricatura, HQ**

## **Cartum**

Desenho de humor que satiriza comportamentos humanos. Tende ao atemporal.

## **Charge**

Desenho de humor voltado a um acontecimento ou tema específico que está acontecendo em determinado momento.

## **Caricatura**

Desenho de uma pessoa capaz de comunicar suas características – físicas e comportamentais – mais marcantes. Para tanto, seleciona aspectos da pessoa, explora o exagero e deformações de atributos físicos, podendo recorrer a estilizações, detalhamentos, depuração e síntese.

É frequente uma charge política apresentar personalidades caricaturizadas.

# Ilustração, Cartum, Charge, Caricatura, HQ

## **Histórias em Quadrinhos**

Linguagem narrativa marcada pela presença de várias imagens pictóricas – comumente organizadas em quadros (os quadrinhos) - em sequência numa página de modo a transmitir informações, contar uma história, gerar uma resposta no leitor.

Uma tirinha de jornal, por exemplo, com seus poucos quadrinhos em sequência, apresenta a linguagem da HQ.

# Aspectos Históricos

Vamos agora acompanhar um pouco da produção autoral e com teor crítico e opinativo feita ao longo da História.

Reparem como existe uma conexão forte da ilustração com a charge e o cartum. E como elementos dos quadrinhos, como o balão, aparecem há muito tempo atrás.

Também vale notar como conflitos com o poder estabelecido acompanham a ilustração opinativa.





A CAKE IN DANGER.

*Careful Observers, citizens of the Town,  
Watch the Defences that surround the Cake.*

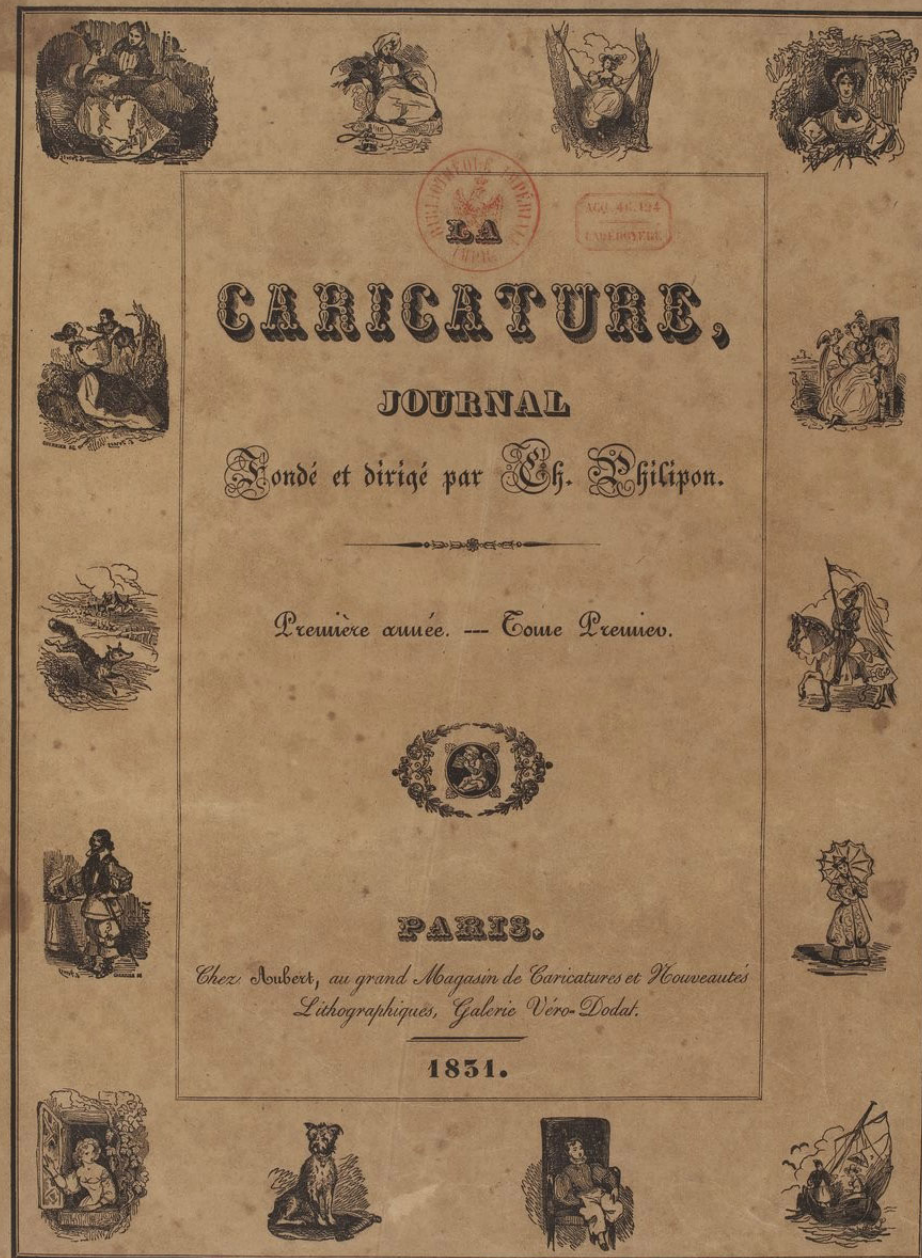


DINNERS DREST IN THE NEATEST MANNER.

“Pode-se supor que em sua produção rápida e prolífica de arte para impressão, ele teve que responder fundamentalmente ao seu “eu mais verdadeiro”. Devido ao fato de muitas dessas ilustrações precisarem ser publicadas imediatamente em jornais, ele não tinha talvez tempo suficiente para aprimoramento e revisão (de ideias)”

Ao lado arte de Thomas Rowlandson (1756 – 1827): “A Cake in Danger”, 1806. Acima, outro trabalho de Rowlandson, “Dinners Drest in the Neatest Manner/ Jantares Drest em seu estilo mais puro”, 1811.





La Caricature (1830-1843) foi um periódico francês satírico semanal distribuído em Paris. Seus desenhos atacaram severamente o rei Louis Phippe. Auguste Audibert foi editor e Charles Philipon foi diretor e principal autor. Os principais artistas eram Daumier e Jean Grandville.

O jornal foi fundado após as leis de censura terem sido relaxadas pela Revolução de Julho de 1830 (que levou o rei Louis Philippe ao poder). Foram publicados 251 edições, e cada edição tinha quatro páginas e duas ou três litografias. Ao lado, capa de 1831. Acima, litografia colorida de Henry Monnier publicada na revista, 1830.



Coquades faites à l'audience du 14 Nov.  
(Cour d'Assises)

Pour reconnaître le monarque dans une caricature, vous n'attendez pas qu'il soit désigné autrement que par la ressemblance, vous tomberez dans l'absurde. Voyez ces Croquis informes, aux quels j'aurais peut-être dû borner ma défense:



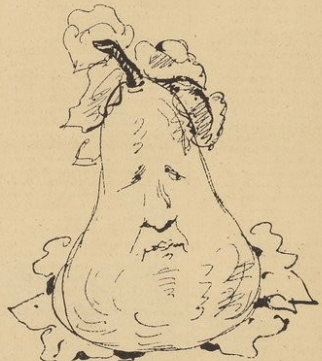
Ce Croquis ressemble à Louis-Philippe, vous condamnez donc?



Alors il faudra condamner celui-ci qui ressemble au premier.



Puis condamner pour cet autre qui ressemble au second...



Et enfin, si vous êtes conséquents, vous ne sauriez absoudre cette poire qui ressemble aux Croquis précédents.

Ainsi, pour une poire, pour une broche, et pour toutes les têtes grotesques dans les quelles le hasard ou la malice aura placé cette triste ressemblance, vous pourrez infliger à l'auteur cinq ans de prison et cinq mille francs d'amende!!  
Prover, Messieurs, que c'est là une singulière liberté de la presse!!

(proès du journal la caricature) *A. Philippon*

# LES POIRES,

Faites à la cour d'assises de Paris par le directeur de la CARICATURE.

**Vendues pour payer les 6,000 fr. d'amende du journal le Charivari.**

Pour reconnaître le monarque dans une caricature, vous n'attendez pas qu'il soit désigné autrement que par la ressemblance, vous tomberez dans l'absurde. Voyez ces croquis informes, auxquels j'aurais peut-être dû borner ma défense:



Alors il faudra condamner celui-ci, qui ressemble au premier.



Et enfin, si vous êtes conséquents, vous ne sauriez absoudre cette poire, qui ressemble aux croquis précédents.

Ainsi, pour une poire, pour une broche, et pour toutes les têtes grotesques dans lesquelles le hasard ou la malice aura placé cette triste ressemblance, vous pourrez infliger à l'auteur cinq ans de prison et cinq mille francs d'amende!!  
Prover, Messieurs, que c'est là une singulière liberté de la presse!!

No canto esquerdo, o famoso desenho de Charles Philippon feito durante uma audiência e que mostra a metamorfose do rei Louis-Philippe em pera, 14 de novembro de 1831.

O esboço de Philippon foi retomado - a pedido de seu criador - por Daumier. Philippon publicou a versão de Daumier no Le Charivari de 17 de janeiro de 1834 (imagem ao lado).





As primeiras litografias de Daumier datam de 1820, quando estava empregado como ilustrador em diferentes centros gráficos da cidade. Sua obra Gargântua (feita em 16 de dezembro de 1831), que ridicularizava o rei Luís Filipe, custou-lhe seis meses de prisão – dois meses numa prisão do estado e quatro num hospital psiquiátrico - em 1832.





Acima, à esquerda: desenho de Daumier publicado na La Caricature de 23 de fevereiro de 1832.

Honoré Daumier: "The Past. The Present. The Future / Le passé. Le présent. L'Avenir", litografia publicada na La Caricature de 9 de janeiro de 1834.









## Le Charivari,

JOURNAL PUBLIANT CHAQUE JOUR UN NOUVEAU DESSIN.



REDACTION. — Adresser au Rédacteur en chef, en bureau, rue du Croissant, hôtel Collet, n. 11. (Affr.) Les abonnements n'y auront pas repris. — Il sera rendu compte dans la *Caricature* et le *Charivari*, de tout ouvrage ou objet d'art dont trois exemplaires auront été adressés.

ADMINISTRATION. — DESSEINS, ENVOIS DE FONDUS — et ABONNEMENTS. — Adresser à M. Ch. PAILLON, directeur, au bureau galerie Véro-Polat, au-dessus du grand magasin de lithographies d'Aubert. — Voir à la fin du journal, pour les conditions de l'abonnement. (Affranchir.)

### LITTÉRATURE.

Paroles d'un Voyant, par Auguste Chaho. — *Analytisme*, par Jules Favre. In-8, chez Louis Bachez. — *Esperance*, par M. Jeanron. In-8, chez Guillaumin.

Si nous vivions dans une atmosphère moins épaisse, chacun de ces quatre ouvrages aurait exigé un article à part, que nous n'aurions pas manqué de faire, et même avec un nouveau plaisir chaque fois; car chez tous le fond est riche et la forme plus ou moins romanesque. Mais nous avons le regret de ne pas trouver à de pareilles publications cet à-propos qui fait qu'un livre est compris dès sa naissance, et que le public parvient à la critique de s'en occuper. Que MM. les auteurs ci-dessus ouvrent les yeux et débouchent leurs oreilles; qu'ils regardent lire ceux qui lisent, qu'ils écoutent parler ceux qui parlent, et jugent par eux-mêmes si nous sommes dans un milieu moral bien propice aux élucubrations apocalyptiques, aux malédictions palmotées, aux éphémères symbolisées. La gloire de M. Lamennais les a séduits, leurs livres ont éclo de son livre; mais il ne suffit pas du talent, il faut encore l'autorité d'un grand nom pour aviver les passions, dont la grande affaire est aujourd'hui le cours de la rente ou la cote du foira.

*Paroles d'un voyant*, titre parodié de *Paroles d'un croyant*, est-ils sans une résonance à ce dernier ouvrage, j'y trouve bien l'inspiration d'un rationalisme fervent et d'une foi républicaine, à toute épreuve; un style harmonieux, même un peu trop chanté, et cette profusion de fleurs, qui est à la fois le charme et le vice de tout principe littéraire (M. Auguste Chaho n'a que vingt ans); mais j'ajoute que je ne vois pas sur quel point essentiel le jeune écrivain diffère avec le docteur abbé. L'un et l'autre croient *Mort aux rois*; mais M. Auguste Chaho croit le voue que le successeur s'en allasse la royauté. Si M. Lamennais a dit quelque chose de contraire, ce n'est pas toujours dans le fameux chapitre où il accuse les prêtres d'avoir conivé avec les rois contre la liberté et la richesse des peuples. Il faut donc que le dissentiment entre ses deux auteurs porte sur un point de controverse subtile et transcendante; qui nous échappe à nous, faibles théologiens que nous sommes, comme Bossuet dit quelque part. Du reste, tous les deux s'entendent parfaitement sur la nécessité d'entre les murailles lézardées de la Jéricho sociale; ils sonnent également bien la charge contre les Phariséens de l'ordre public: en cet état de choses, quel intérêt avons-nous à voir décider lequel des deux est le faux prophète?

Moins belliqueux que M. Chaho et l'abbé Lamennais, M. Jules Favre veut aussi que notre vieux monde fasse peau nouvelle; mais il veut le transformer et non le détruire, et le moyen qu'il invoque, c'est la charité. Elle lui apparaît sous la forme d'une jeune fille en robe blanche, pour calmer les fureurs anathématisées, pour le révéler la nouvelle loi d'amour qui doit un jour substituer de longs bâtons de sucre d'orge aux badines et gisquétaires, et hanger en bonbons ou pruneaux de Tours, les balles de la rue Tansonni. Le discours de la charité est fort beau, mais pas plus beau que la première partie du livre, celle

qui constitue proprement l'anathème. C'est un coup d'œil à la manière de Bossuet, et de Montesquieu sur l'histoire, prise du point de vue de l'humanité souffrante. M. Favre nous redit les douleurs des peuples dans une prose qui paraît souvent disputer d'harmonie et de coloris avec les plus belles strophes de nos poètes lyriques.

À le juger par ces mêmes qualités, ce n'est pas non plus un livre médiocre qu'*Esperance*, par M. Jeanron; son défaut essentiel est de ne pas nous donner les consolations que son titre promet. Le désespoir est même le sentiment qui résulte de cette longue revue de nos souffrances, à laquelle l'auteur se livre. Car, pour ce qui est du réveil des peuples, il y a si long-temps qu'on en parle sans en être plus avancé, que nos espérances de ce côté sont plus que jamais un futur contingent dont on désespère. C'est qu'aujourd'hui on veut de grandes et de nouvelles raisons pour croire à un meilleur avenir. Elles manquent dans l'ouvrage de M. Jeanron.

### MÉDECINE ET DIPLOMATIE.

D'où l'on pourra conclure que, si nos frères ne se souciaient pas d'être purgés par les médecins, nous ne demandons pas mieux que d'être purgés des diplomates.

Autre fois, il était de mode de se moquer des médecins. Molière s'en moquait fort bien, quoique, à mon sens, il se moquât beaucoup mieux encore des marquis. Il fallait voir quelle grêle, qu'il se abattait de quolibets tombaient alors sur le titon des malheureux docteurs, le matin dans les livres et les sautres, et le soir sur la scène. Les médecins étaient, dans ces temps, les Viennet et les Lapoiré de notre petite presse, et les épiciers de notre théâtre; si l'un d'eux offensait leurs mânes.

Quand la nature ou la force de son tempérament guérissait un malade, disaient les rieurs, les médecins ne manquent jamais d'attribuer ce bon résultat à leurs remèdes. Mais quand le malade succombe sous leurs remèdes, oh alors! c'est la faute de la nature, qui n'a permis à l'art que d'apporter de vains soulagements à la maladie. — Bref, tout le bien revenait de droit aux médecins, tandis que tout le mal re tombait sur le dos de cette scélératesse de nature. C'était le système de l'irresponsabilité constitutionnelle appliqué à la médecine.

Je ne sais pas si les choses se passent de même parmi les médecins d'aujourd'hui. Toujours est-il que le théâtre, sauf quelques pierres de M. Scribe et quelques comédies empiriques du *Constitutionnel*, les laisse à peu près tranquilles, et que la petite presse, cette satire périodique de nos jours, a bien d'autres croupons à fouetter. En revanche, nous possédons un corps qui paraît avoir hérité du système de la vieille Faculté. C'est le corps, je n'ose pas dire la Faculté des diplomates.

Ce n'est pas qu'il ne se trouve encore des gens qui conservent une robuste confiance en la diplomatie, toute honnête, toute virilpennée qu'elle soit, de même qu'au temps de Molière, on rencontrait ça et là quelques badauderies immuables qui se confiaient à la médecine même au milieu du discrédit et du ridicule que lui faisait le persiflage opinâtre du théâtre et de la presse. Nous avons encore, par exemple, l'épicière du *Constitutionnel* qui, toutes les fois qu'il lit dans son journal: « M. de Talleyrand

a quitté Londres pour se rendre à Paris », appelle, tout effaré, sa femme, et, avec un air de réflexion profonde, qui contient tout un monde de déductions et de conséquences politiques: « Oh! oh! ma femme, lui dit-il, il paraît que M. de Talleyrand a quitté Londres pour se rendre à Paris ». — Crois-tu, mon bon ami, demande l'épicière, que ça puisse avoir quelque chose sur le cours du sucre et de la chandelle? — Je ne dis pas cela, ma femme; mais il est bien prouvé que M. de Talleyrand a quitté Londres pour se rendre à Paris. »

Cette importante nouvelle suffit en effet pour bouleverser la tête de tous les hommes d'épices. C'est bien autre chose, ma foi! si le *Constitutionnel*, toujours au courant des grands événements européens, enregistre le fait suivant:

« Il y avait hier soir grande réception aux Tuileries. Le corps diplomatique était présent. M. de Talleyrand à l'éternel: l'ambassadeur d'Angleterre lui a gracieusement dit: « Dieu vous bénisse! » M. le comte d'Appony s'est incliné très-légèrement. L'envoyé de Prusse a fait semblant de s'être mis le doigt dans l'œil. M. Pozzo a tourné le dos. »

L'homme d'épices bâtit là-dessus une guerre continentale; mais ce qui le rassure, c'est que l'Angleterre a dit: « Dieu vous bénisse! » l'alliance anglaise est assurée. Quant à l'Autriche, son mouvement de tête qui est demeuré fort équivoque, indique une neutralité douteuse.

Il nous reste encore, à-le dit, quelques douzaines de ces hommes d'épices, qui, sur la foi du *Constitutionnel*, s'exagèrent ainsi l'importance de la diplomatie. Par bonheur, leur nombre diminue tous les jours, dans la même proportion que celui des abonnés du *Constitutionnel*. Mais, à côté de ceux-là, la grande majorité, qui se compose d'hommes éclairés et d'ex-aveugles sur qui le désabonnement a produit l'effet de l'opération de la cataracte, ne se laisse pas leurrer par le frou-frou diplomatique. Ils n'oublient pas que les mannequins de la diplomatie ont soin de se tenir derrière le rideau, et de ne se montrer au monde que par leurs ombres prodigieusement grandies par l'obliquité de la lumière; et quand le *Constitutionnel* et son épicière qui les mesurent à la dimension de ces reflets fantastiques, s'écrient: « Oh les grands hommes que ce sont là! » — Pas du tout, dit le clairvoyant, tant soit peu versé dans la science de l'optique! ce sont des ombres que vous voyez: derrière ces images allongées, il n'y a guère que des nains. »

Au fait, c'est que jamais la diplomatie n'a été plus petite, plus mequinne, plus étroite, plus rabougrie, plus naine. Les diplomates sont les Cassandre de la parade politique, les médecins de la comédie de Molière.

Comme les médecins de Molière, les diplomates d'aujourd'hui font semblant d'agir en attendant les événements; puis l'événement passé, ils se frottent les mains s'il est favorable, et s'écrient: « Voilà un résultat qui nous a donné bien de la peine. On ne devinerait jamais combien il nous a fallu d'art, de ruse, d'adresse et de patience, pour amener les choses à ce point. » Si l'événement est au contraire funeste, ils hochent la tête, en grommelant: « Ce n'est pas notre faute: nous avons fait tout notre possible. Mais le hasard ou la Providence sont plus forts que nous! » Absolument comme les médecins.

Depuis quatre ans, nous n'avons point passé huit jours sans en voir au moins un exemple.

Lorsque la commotion de la révolution de Bruxelles eut séparé les Belges et les Hollandais épuisés d'une lutte courte, mais vive, il y eut un instant de trêve nécessaire. « Voilà, clamèrent les diplomates, une pacification qui nous a donné bien bien de la peine! »

Plus tard, Hollandais et Belges en vinrent aux mains, et le canon d'Anvers lui-même ne put couper court aux hostilités. « Que voulez-vous, ont dit les diplomates en appliquant l'émollient stérile de leurs protocoles? c'est la faute des événements. » La révolution de Pologne, éclose au grand-tremblement de l'équilibre européen, est érasée sous la botte éperonnée de la Russie. « Voilà une soumission qui nous a donné bien de la peine! »

Mais cette nationalité, qui ne devait point périr, est tout à coup confisquée; et le colosse vainqueur se moque du droit international comme de l'humanité; si bien que l'équilibre européen se trouve encore plus compromis par le complet asservissement de la Pologne, qu'il ne l'avait été par sa révolution. « Que voulez-vous? c'est la faute des événements! »

C'est bien autre chose encore pour les affaires de la Péninsule. Pendant que la diplomatie était en train de noircir du papier, en vue de faire sortir don Miguel du Portugal et don Carlos d'Espagne, les patriotes portugais et les nègres espagnols ont mis don Carlos et don Miguel à la porte. « Voilà, disait avant-hier encore la diplomatie, une expulsion qui n'a donné rien de la peine! »

Le lendemain, tandis que la diplomatie était en train d'opérer pour retenir et river les proscrits dans leurs lieux d'exil respectifs, don Carlos a rompu son ban et s'est réfugié en Espagne. « Eh! mon Dieu! dit encore aujourd'hui la diplomatie, que puis-je contre les événements? »

La voilà qui fabrique maintenant des protocoles pour l'enrayer, et comme il est probable que les nègres le feront bien sortir sans elle, nous pouvons nous attendre à voir bientôt les diplomates se frotter itérativement les mains en s'applaudissant de leur adresse, sauf, plus tard, lorsque probablement encore les nègres en auront fait autant à leur renette Isabelle, à l'entendre grommeler: « C'est la faute des événements. »

C'est ainsi que toujours et partout les diplomates d'aujourd'hui mettent en œuvre la tactique des médecins de Molière. Le styrique disait des médecins que c'étaient des enfumeurs de portes ouvertes. Il pourrait dire des diplomates d'aujourd'hui, que ce sont des guérisseurs de maladies guéries. Il n'y a qu'une différence, c'est que, charlatans pour charlatans, et drogues pour drogues, les Talleyrand de la vieille Faculté avaient, sur les Diogenes de la diplomatie moderne, cet avantage qu'ils se faisaient payer beaucoup moins cher, et que leurs ordonnances purgatives étaient cent fois moins mémoires d'apothicaire que les protocoles laxatifs de leurs successeurs.

### C'EST SURTOUT EN FAIT DE GENS D'ARMES

Que la monarchie fait pâlir la république.

#### STATISTIQUE DE L'ARMÉE FRANÇAISE.

(Extrait de l'Annuaire de 1831.)

67 régiments de légère . . . . .	147,400 hom.
21 id. d'infanterie de ligne . . . .	46,000
Légions étrangère, vétérans, etc. . .	11,500
Total . . . . .	205,100
53 régiments de cavalerie, carabiniers, cuirassiers, dragons, hussards, chasseurs, etc. . .	49,000
13 régiments d'artillerie, plus, les pionniers, canonniers gardes-côtes, etc. . . . .	22,700
Génie . . . . .	6,000
20 légions de gendarmerie, garde municipale . . . . .	28,500
Total général . . . . .	311,400 hom.

#### STATISTIQUE DE L'ARMÉE RÉGULIÈRE DES ÉTATS-UNIS.

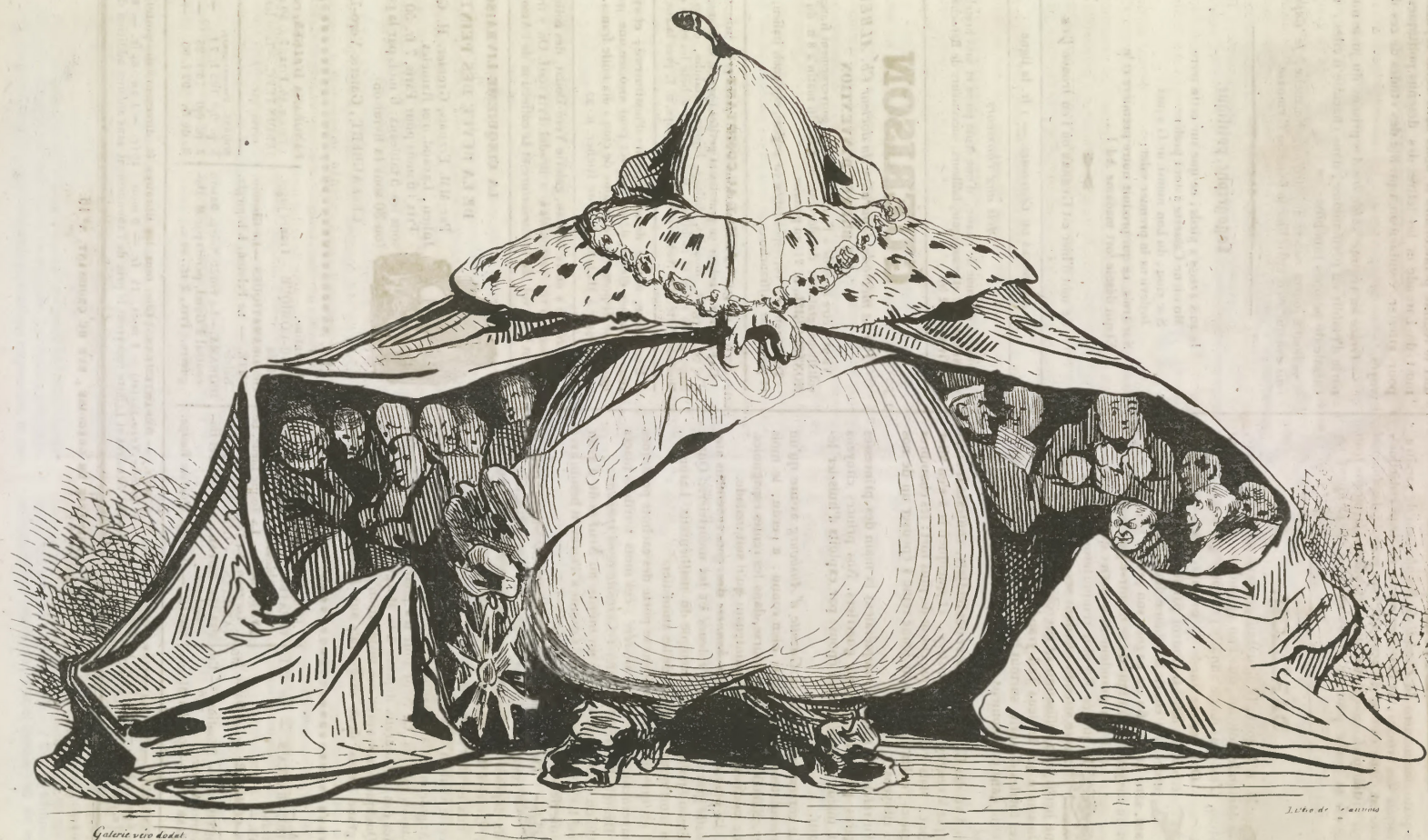
(D'après la Gazette de New-York.)

Fantassins . . . . .	3,226
Dragons . . . . .	363
Artilleurs . . . . .	1,778
Soldats n'ayant pas de corps fixe et recrutés . .	678
Total général . . . . .	6,034

Mais si le gouvernement républicain des États-Unis n'a pas, comme le notre, 311,400 hommes d'armée régulière, principalement destinés à réprimer les troubles intérieurs, en revanche, il a une milice de réserve d'un million d'hommes, prêts à marcher, au premier signal, contre l'ennemi extérieur, réserve qui a le grand avantage de ne rien coûter; tandis que notre gouvernement constitutionnel n'a de réserve d'aucune sorte.

Pourquoi cette différence? c'est que le gouvernement républicain, régime de troubles et de discords intestins, comme on nous le dit tous les jours, ne prend de précautions que contre l'étranger, tandis que le gouvernement constitutionnel, établissement de suffrage universel, d'ordre public, est le besoin de se précautionner contre l'ennemi du dedans.





Galerie vint-dodot.

la Royauté.

Pot de vin, arrestations arbitraires, mitraillades, transnominades, elle couvre tout de son manteau.

Le Charivari, n.218, 7 de setembro de 1834, terceira página. O rei Louis-Philippe aparece caricaturado como pera em “Suborno, prisões arbitrárias, metralhadoras, *transnominades*, ele cobre tudo com seu manto” (BM Lyon, Fonds Honoré Daumier).





**Punch, the London Charivari** (1841 – 1992) e (1996 – 2002)

Publicação de humor inglesa semanal, fundada por Henry Mayhew e Ebenezer Landells.

Em 1841, o gravador inglês Ebenezer Landells, juntamente com Henry Mayhew, usou o Le Charivari como modelo para a revista Punch, com o subtítulo The London Charivari.

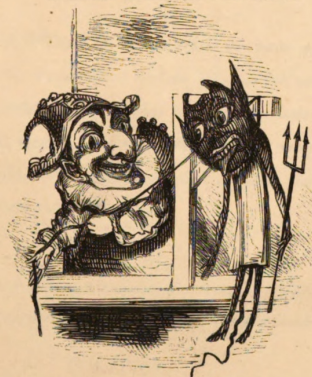
No canto esquerdo, ilustração publicada em edição de 1891. Ao lado, ilustração de 1882.



# PUNCH

OR THE

## LONDON CHARIVARI



VOLUME THE FIRST.

LONDON:  
PUBLISHED FOR THE PROPRIETORS, AT THE OFFICE, 13, WELLINGTON STREET, STRAND,  
AND SOLD BY ALL BOOKSELLERS.

Digitized by Google

Original from  
HARVARD UNIVERSITY

### A RAILROAD NOVEL.

DEAR PUNCH,—I was much amused the other day, on taking my seat in the Birmingham Railway train, to observe a sentimental-looking young gentleman, who was sitting opposite to me, deliberately draw from his travelling-bag three volumes of what appeared to me a new novel of the full regulation size, and with intense interest commence the first volume at the title-page. At the same instant the last bell rang, and away started our train—whizz, bang, like a flash of lightning through a butter-firkin. I endeavoured to catch a glimpse of some familiar places as we passed, but the attempt was altogether useless. Harrow-on-the-Hill, as we shot by it, seemed to be driving pell-mell up to town, followed by Boxmoor, Tring, and Aylesbury—I missed Wolverton and Weedon while taking a pinch of snuff—lost Rugby and Coventry before I had done sneezing, and I had scarcely time to say, “God bless us,” till I found we had reached Birmingham. Whereupon I began to calculate the trifling progress my reading companion could have made in his book during our rapid journey, and to devise plans for the gratification of persons similarly inclined as my fellow-traveller. “Why,” thought I, “should literature alone lag in the age of steam? Is there no way by which a man could be made to swallow Scott, or bolt Bulwer, in as short a time as it now takes him to read an amotion-bill?” Suddenly a happy thought struck me: it was to write a novel, in which only the actual spirit of the narration should be retained, rejecting all expletives, flourishes, and ornamental figures of speech; to be terse and abrupt in style—use monosyllables always in preference to polysyllables—and to eschew all heroes and heroines whose names contain more than four letters. Full of this idea, on my returning home in the evening, I sat to my desk, and before I retired to rest, had written a novel of three neat, portable volumes; which, I assert, any lady or gentleman, who has had the advantage of a liberal education, may get through with tolerable ease, in the time occupied by the railroad train running from London to Birmingham.

I will not dilate on the many advantages which this description of writing possesses over all others. Lamplighters, commercial bagmen, omnibuscads, tavern-waiters, and general postmen, may “read as they run.” Fiddlers at the theatres, during the rests in a piece of music, may also benefit by my invention; for which, if the following specimen meet your approbation, I shall instantly apply for a patent.

### Specimen.

CLARE GREY:

A NOVEL.

“Brief let me be.”

LONDON: Printed and Published for the Author.  
1841.

VOL. I.

CLARE GREY—Sweet girl—Bloom and blushes, roses, lilies, dew-drops, &c. —Tom Lee—Young, gay, but poor—Loved Clare madly—Clare loved Tom ditto—Clare’s pa’ rich, old, cross, cruel, &c.—Smelt a rat.—D—d Tom, and swore at Clare—Tears, sighs, locks, bolts, and bars—Love’s schemes—*Billet-doux* from Tom, conveyed to Clare in a dish of peas crammed with vows, love, despair, hope—Answer (pencil and curl-paper), slipped through key-hole—Full of hope, despair, love, vows—Tom serenades—Bad cold—Rather hoarse—White kerchief from garret-window—“Tis Clare! ’tis Clare!”—Garden-wall, six feet high—Love is rash—Scale the wall—Great house—dog at home—Pins Tom by the calf—Old Hunk’s roused—Fire! thieves! guns, swords, and rushlights—Tom caught—Murder, burglary, station-house, gaol, justice—Fudge!—Pretty mess—Heigho!—“Oh! ’tis love,” &c.—Sweet Clare Grey!—Seven pages of sentiment—Lame leg, light purse, heavy heart—Fshaw!—Never mind—



“THINGS MAY TAKE ANOTHER TURN.”

Digitized by Google

VOL. II.

“Adieu, my native land, &c.”—D. I. O.—“We part to meet again”—Death or glory—Red coat—Laurels and ruyces in view—Vows of constancy, eternal truth, &c.—Tom swells the briny with tears—Clare wipes her eyes in cambric—Alas! alack! oh! ah!—Fond hearts, doomed to part—Cruel fate!—Ten pages poetry, romance, &c. &c.—Tom in battle—Cut, slash, dash—Sabres, rifles—Round and grape in showers—Hot work—Charge!—Whizz—Bang!—Flat as a flounder—Never say die—Peace—Sweet sound—Sears, wounds, wooden leg, one arm, and one eye—Half-pay—Home—Huzza!—Swift gales—Post-horses—Love, hope, and Clare Grey—



“I’D BE A BUTTERFLY,” &c.

VOL. III.

“Here we are!”—At home once more—Old friends and old faces—Must be changed—Nobody knows him—Church bells ringing—Inquire cause—(?)—Wedding—Clare Grey to Job Snooks, the old pawnbroker—Brain whirrs—Eyes start from sockets—Devils and hell—Clare Grey, the fond, constant, Clare, a jilt?—Can’t be—No go—Stump up to church—Too true—Clare just made Mrs. Snooks—Madness! rage!!! death!!!!—Tom’s crutch at work—Snooks flowered—Bridgesman settled—Parson bolts—Clerk mizzles—Salts and shrieks—Clare in a swoon—Pa’ in a funk—Tragedy speech—Love! vengeance! and damnation!—Half an ounce of laudanum—Quick work—Tom unshackles his wooden pin—Dies like a hero—Clare pines in secret—Hops the twig, and goes to glory in white muslin—Poor Tom and Clare! they now lie side by side, beneath



“A WEEPING WILL-OH!”

### LESSONS IN FUNMANSHIP.

We have been favoured with the following announcement from Mr. Hood, which we recommend to the earnest attention of our subscribers:—

MR. T. HOOD,

PROFESSOR OF FUNMANSHIP,

Begs to acquaint the dull and witless, that he has established a class for the acquirement of an elegant and ready style of punning, on the pure Joe-millierian principle. The very worst hands are improved in six short and mirthful lessons. As a specimen of his capability, he begs to subjoin two conundrums by Colonel Sibthorpe.

COPY.

“The following is a specimen of my punning *before* taking six lessons of Mr. T. Hood:—

“Q. Why is a fresh-plucked carnation like a certain *cold* with which children are affected?

“A. Because it’s a *new pink off* (an hooping-cough).

“This is a specimen of my punning *after* taking six lessons of Mr. T. Hood:—

“Q. Why is the difference between pardoning and thinking no more of an injury the same as that between a selfish and a generous man?

“A. Because the one is *for-getting*, and the other *for-giving*.”

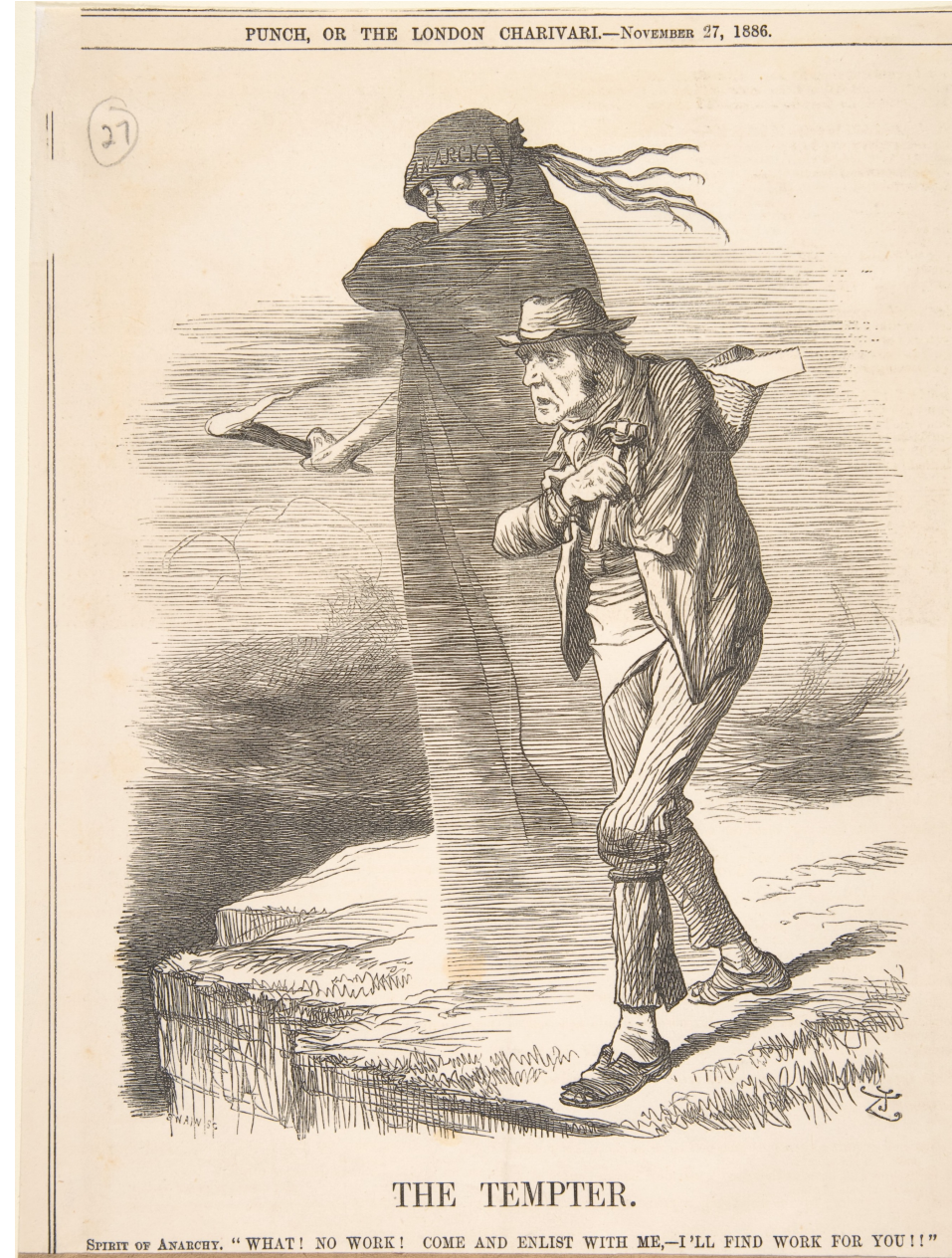
N. B.—Gentlemen who live by their wits, and diners-out in particular, will find Mr. T. Hood’s system of incalculable service.

Mr. H. has just completed a large assortment of jokes, which will be suitable for all occurrences of the table, whether dinner or tea. He has also a few second-hand *don mads* which he can offer a bargain.

\* \* A GOOD LAUGHER WANTED.

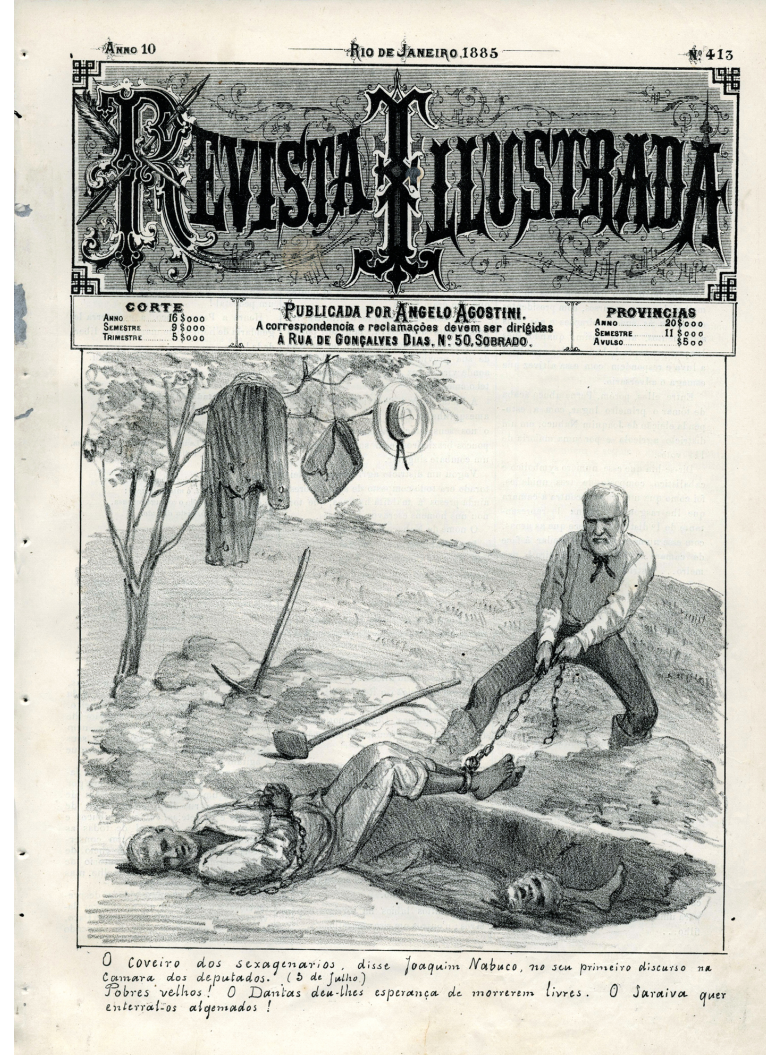
Original from  
HARVARD UNIVERSITY





John Tenniel (1820 – 1914) foi um ilustrador inglês. Seus mais conhecidos trabalhos são as ilustrações para Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll (1865) e os cartuns políticos que criou para a Punch ao longo de 50 anos. Acima, cartuns publicados na Punch em 1881 e 1886.





## Revista Ilustrada (1876 – 1898)

Fundada por Angelo Agostini, é considerado o mais importante periódico brasileiro do século XIX. Isso se deve tanto à sua longevidade – durou 22 anos - como ao destacado papel político que cumpriu na luta pela causa abolicionista.

Ao lado, edição de 1876. Acima, capa de 1885.





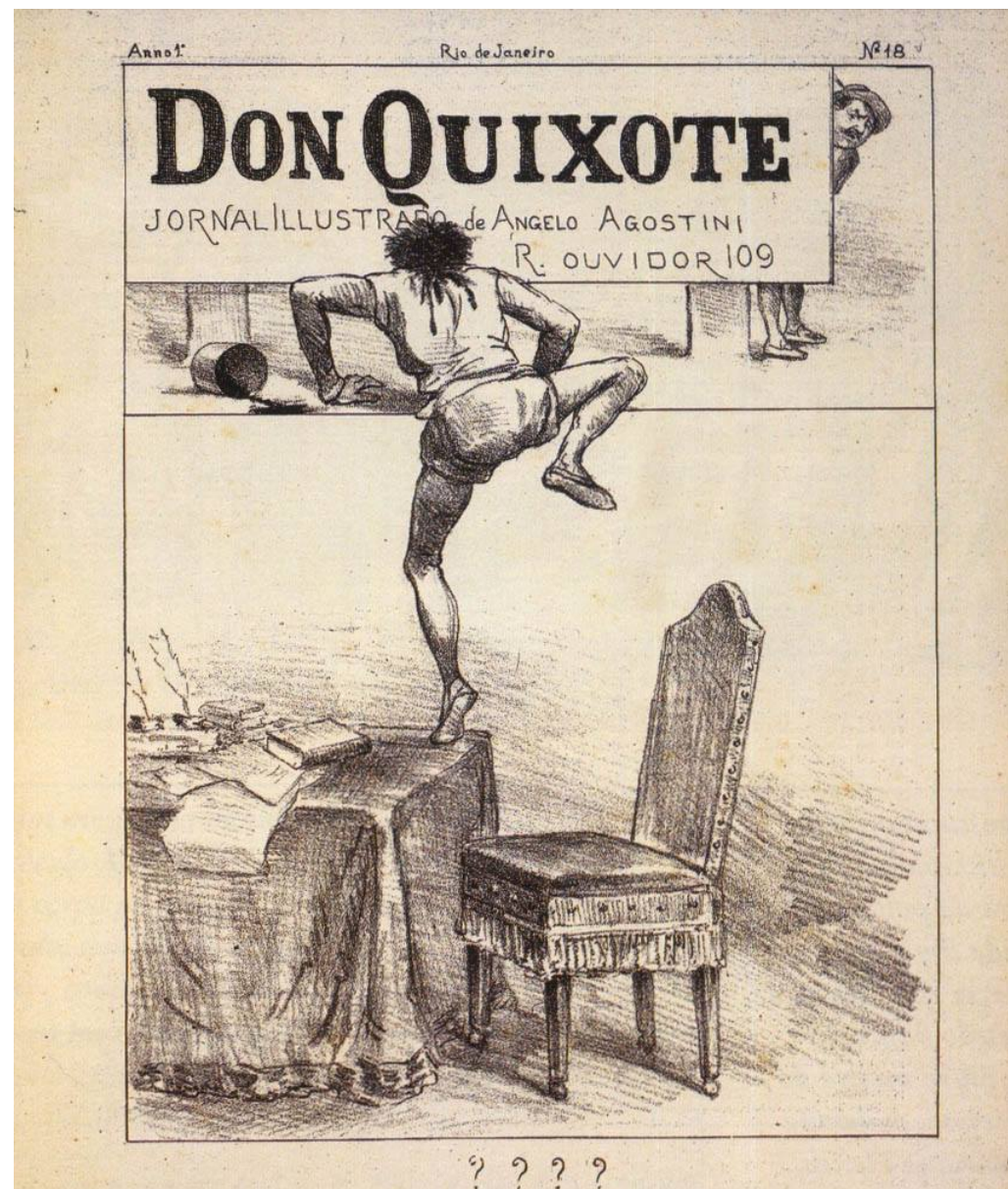
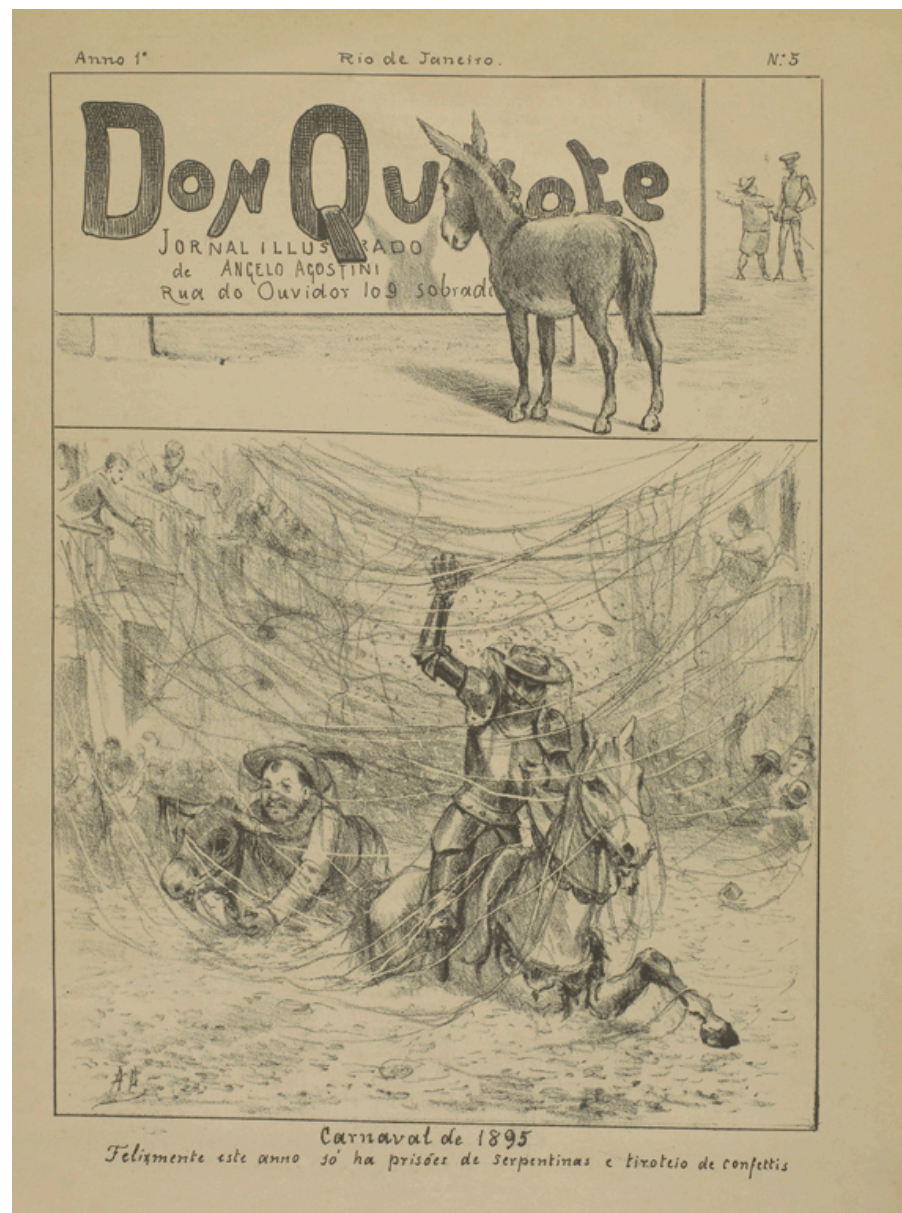
Charge de Angelo Agostini publicada em 1882: D. Pedro II é derrubado do trono. Com tons anticlericais e republicanos, a charge enuncia a queda não só do imperador, mas, além disso, uma derrocada de um sistema organizacional de poder a ser consumado, tempos depois, em 1889 com a Proclamação da República.

À direita, capa de Angelo Agostini para a Revista da Semana de 1887: “El Rey, nosso Senhor e amo, dorme o sonho da...indiferença. Os jornais que diariamente trazem os desmandos desta situação parecem produzir em S. M. o efeito de um narcótico. Bemaventurado Senhor! Para nós o reino do Cio e para o nosso povo...o do inferno!”









Don Quixote: Jornal Ilustrado de Angelo Agostini (1895 – 1903)

Foi uma publicação brasileira de sátira política, editada e ilustrada por Angelo Agostini. Chama a atenção nessa publicação as inovações que tratam o logotipo como cena autônoma e mutante, com viés metalinguístico, muitas vezes inter-relacionado com a ilustração principal.

Acima, capas de 1885.



# LA CALAVERA OAXAQUEÑA



*La Calavera valiente  
Hoy acaba de llegar;* *Todos quítense el sombrero  
Que así la deben mirar.*

Porque yo soy de Oaxaca  
Y no hay hombre para mí,  
Y ni a los más desalmados  
Las de arriba les pedí.



No tolero que me insulten,  
Charlatanías calaveras,  
Que yo no soy hablador  
Sino valiente de veras.

A cualquiera lo destripo;  
No me tiendo el corazón,  
Y ninguno me haga menos,  
Que lo despacho al panteón.

De nadie me sé dejar,  
El miedo pá mí no se hizo,  
Y a todos meto de golpes  
Y al hecho sin compromiso.

Todos me levantan pelo,  
Conmigo nadie se mete,  
¡Y sáquense los que quieran  
Y vamos chínche al piquete.

En mi tierra no hay coyones;  
Ni se ríenden ni se rajan,  
Y a todos los habladores  
En el hoyo los encajan.

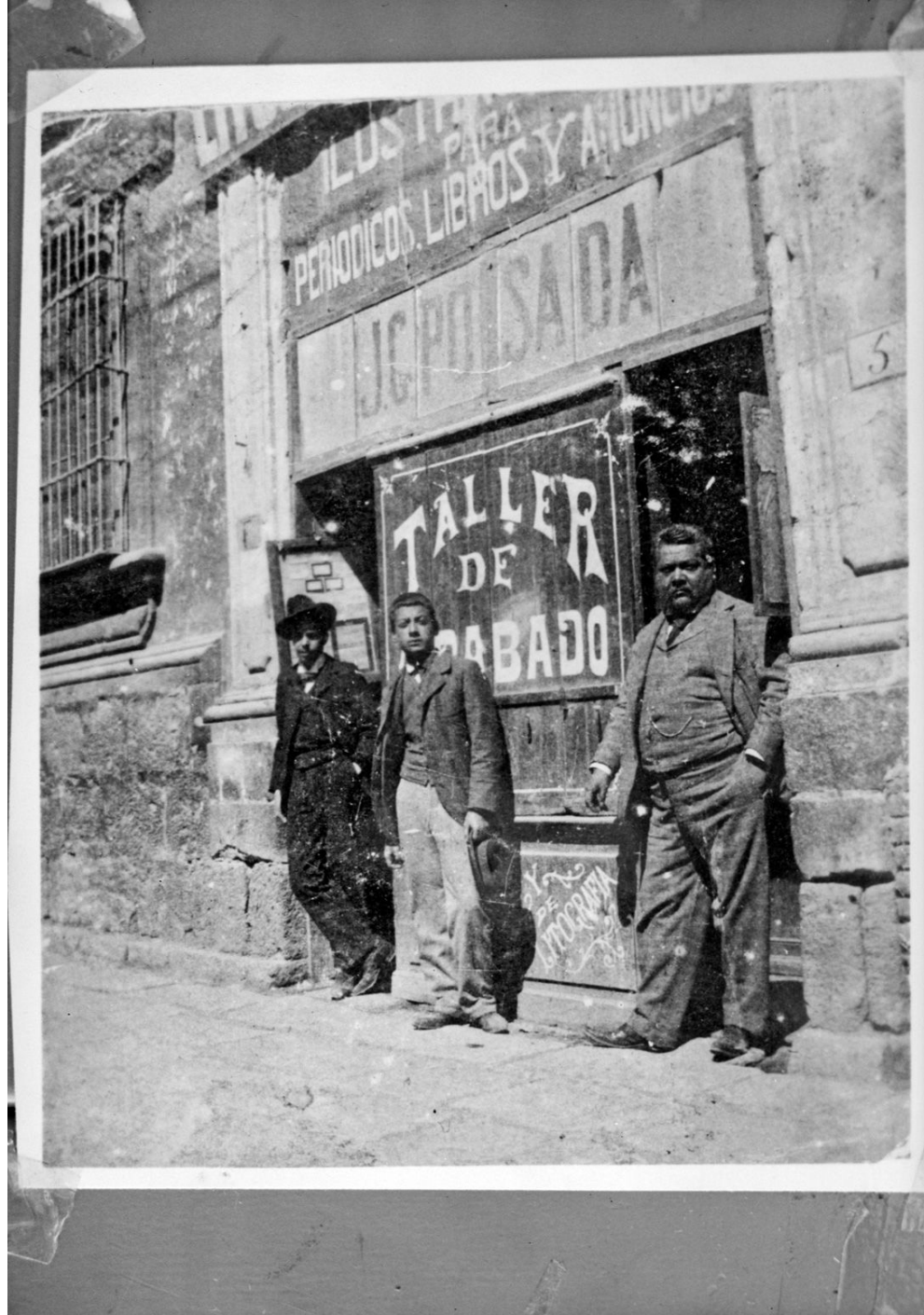
Si allí se fueran un poco  
Se quitaran lo miedoso  
Con el mezcál de pechuga  
Y el mole prieto sabroso.



Allí cobrirán valor  
Con un vaso de mezcál  
Y con simpáticas chinias  
De hermosura sin rival.



A mi abuelo me espanta,  
Y se de todos me le  
Lo prueba es que le he brincado.  
Al brincador tapatio.

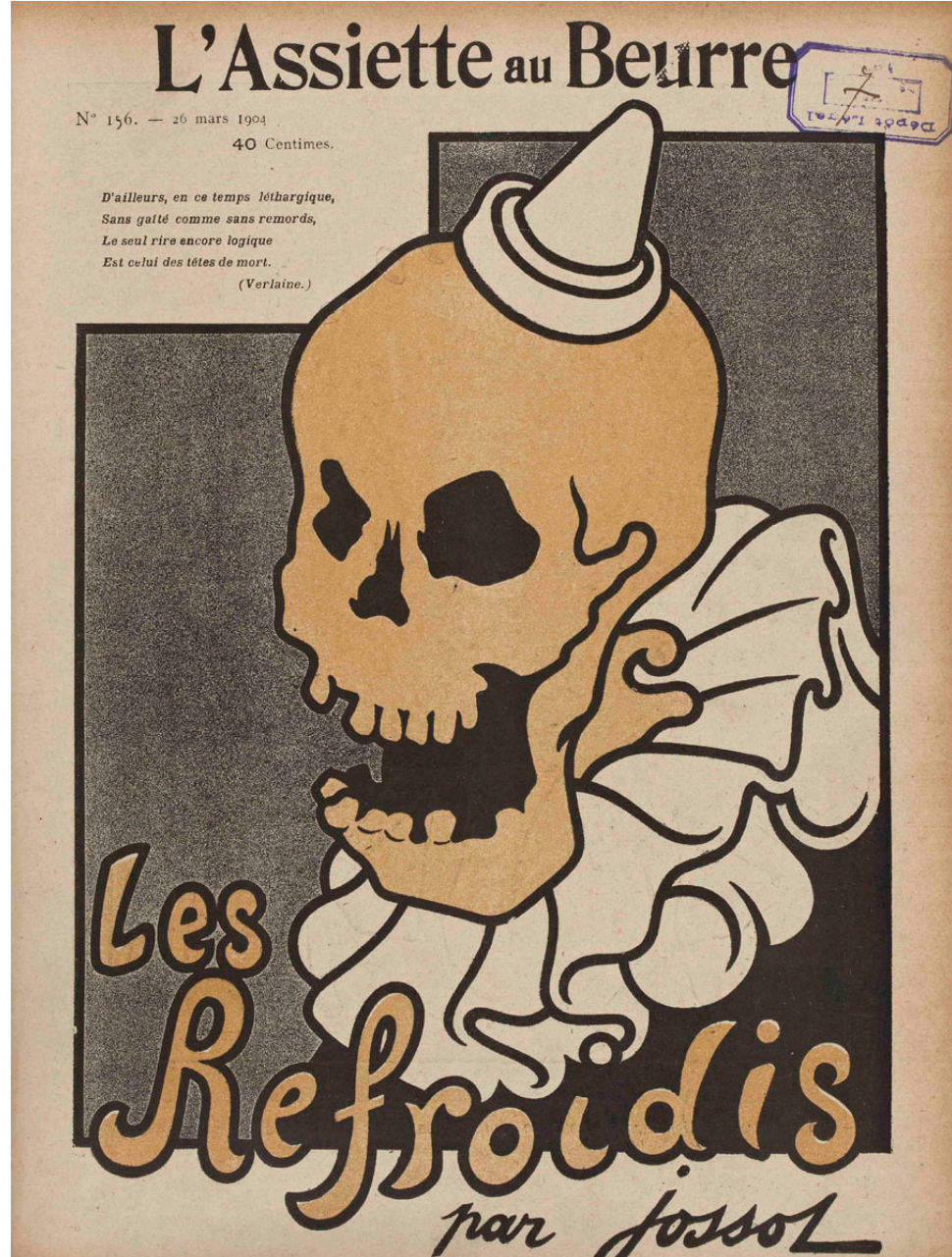
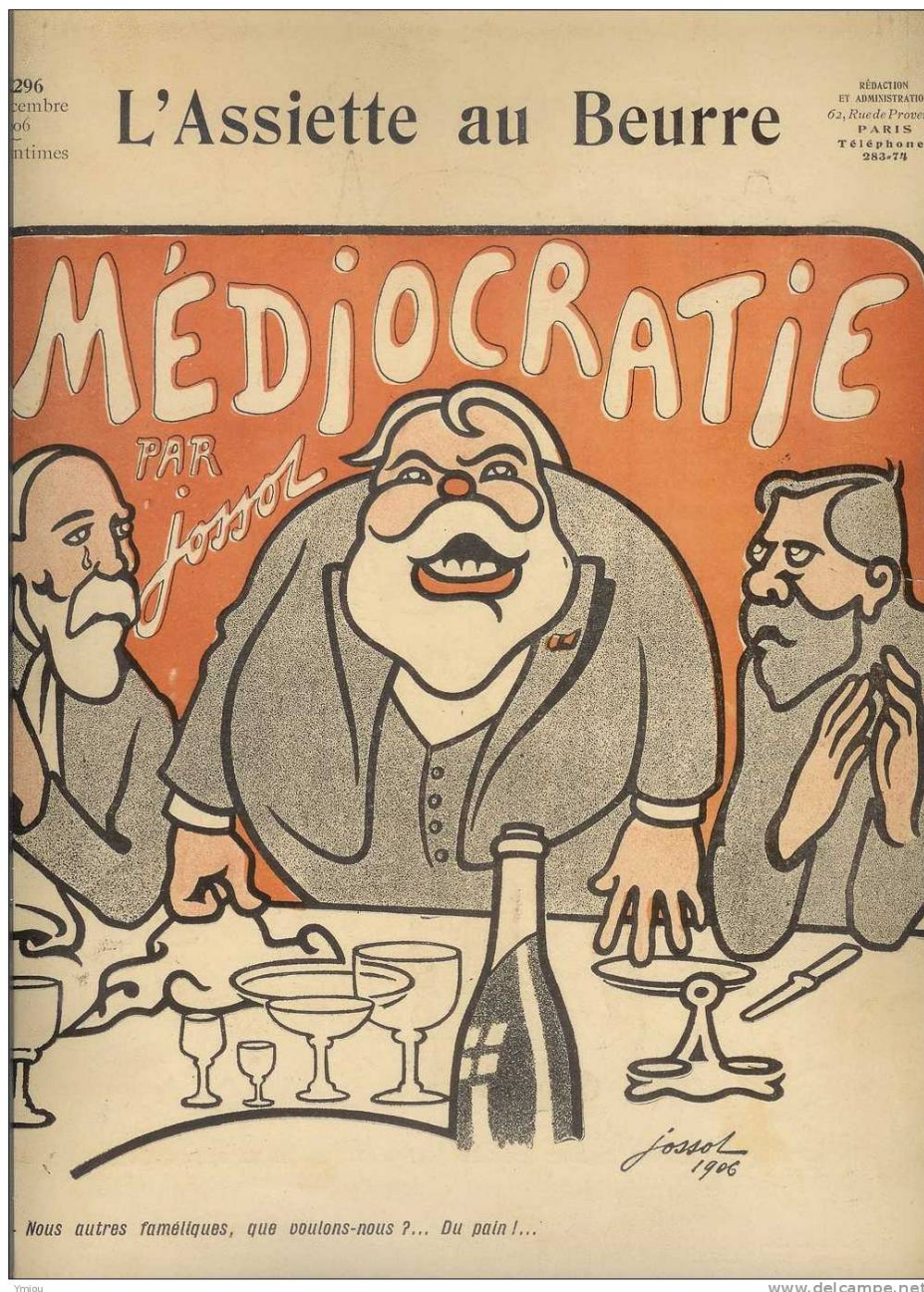


**José Guadalupe Posada**  
(1852 – 1913): gravurista,  
cartunista e ilustrador  
mexicano. Apaixonado  
pela caricatura política, foi  
considerado por Diego  
Rivera como o protótipo  
do artista do povo e seu  
defensor mais aguerrido.  
Ficou célebre por seus  
desenhos e gravuras sobre  
a morte. Ajudou a  
consolidar a festa do dia  
dos mortos, por suas  
interpretações da vida  
cotidiana explorando  
caveiras como gente  
comum.

No canto esquerdo, “La  
Calavera Oaxaqueña”,  
jornal, 1903.

Ao lado, Posada em frente  
ao seu ateliê na rua de  
Santa Inés (atualmente  
chamada Moneda),  
Cidade do México, por  
volta de 1900.





L'Assiette au Beurre (1901 – 1936) Revista satírica e ilustrada francesa, que saía semanalmente e tinha tendências políticas anarquistas. Sua mais importante fase aconteceu de 1901 e 1912. Capas de Jossot (1906 e 1904).





## Zincografia

Processo de impressão planográfica que usava chapas de zinco a serem impressas em relevo a partir de desenhos.

Alois Senefelder mencionou pela primeira vez o uso litográfico do zinco como substituto do calcário da Baviera (a tradicional pedra usada nas litos) em suas especificações de patente inglesa de 1801.

Em 1881, a firma Angelo & Robin (do francês Paul Robin e de Angelo Agostini) passa a adotar a zincografia no Rio de Janeiro.

A zincografia viria a se popularizar com a possibilidade de produzir matrizes a partir de imagens fotográficas, num processo denominado **autotipia**.



# REVISTA DA SEMANA

Ano I. — N. 1

DOMINGO, 20 DE MAIO

Numero: 300 réis

## AS FESTAS DO IV CENTENARIO



O monumento commemorativo do descobrimento do Brazil, trabalho do escultor Rodolpho Bernardelli. Vist. da praça da Gloria no dia 3 de Maio

(Photographia offerecida pelos Srs. Bastos & Dias)

Tercelira edição

### Instantaneo eleitoral

E vem de molde, a calhar, o applauso sincero do Povo Carioca á delicia que foi a phantasia das ultimas eleições municipaes.

Foi mesmo uma cousa phantastica. Dos 3.459 1/2 candidatos a intendentes foram eleitos... todos sem distincção de cor (com perdão do Sr. Monteiro Lopes) nem de partido.

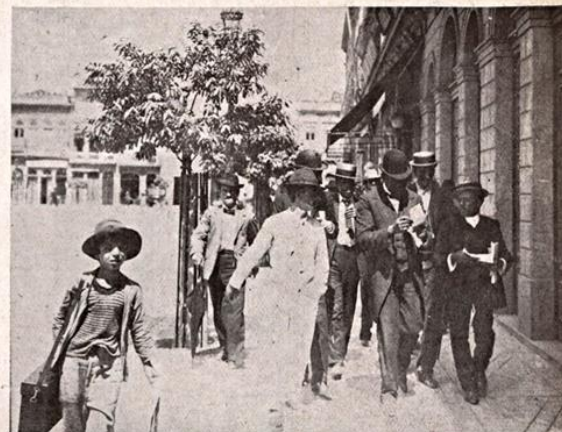
Um delles representa até a vontade legitima dos eleitores municipaes — é a administração de cemiterio.

A sua eleição caracteriza bem o systema de votação posthuma, em tão boa hora implantada nas nossas instituições pela celebre gente da geometrica zona eleitoral do triangulo.

A divisa de S. S. nos actos publicos será naturalmente:

*Cada um enterra seu pae como pode e desenterra os seus eleitores como quer.*

Este pequeno acrescimo é indispensable aos nobres sentimentos de gratidão de S. S.



Uma cavação preta

E por este systema rapido de votação posthuma, estão eleitos varios candidatos... que se vão transformar nos mais legitimos inimigos dos credores por serem os representantes directos e inconfundiveis de todos os cadaveres.

Em paz e ás mósas.



O Dr. Monteiro Lopes distribuindo cédulas... em branco

### Autotipia (foto-zincografia)

A reprodução fotomecânica pelo processo de autotipia consiste na preparação de um clichê a partir da fotografia, onde os tons contínuos da imagem eram reduzidos a uma trama de retículas: minúsculos pontos, de dimensões variadas que, impressos, nos dão a impressão de estarmos vendo “uma fotografia de verdade”.

A partir do advento da retícula, a fotografia deixa de ser apenas um original, um artefato, tornando-se uma imagem multiplicada aos milhares em poucas horas.

Constitui uma verdadeira revolução: ao viabilizar, por meio da retícula, a reprodução de fotografias em meios-tons, ela inicia de fato a mudança do eixo da linguagem do design gráfico que ocorreria em meados do século XX, passando da ilustração para a fotografia (em Linha do tempo do design gráfico no Brasil).

No canto esquerdo, capa da primeira edição da Revista da Semana, 20 de maio de 1900, publicação que popularizou a autotipia no país. Ao lado, página da revista Fon-Fon! n.1, 1907.





À esquerda, Rua 15 de Novembro em São Paulo, começo do século XX, foto de Guilherme Gaensly. Acima, Avenida Central (atual Avenida Rio Branco), Rio de Janeiro, 1906. Foto de Marc Ferrez, acervo IMS.

Em 1900, São Paulo já é a segunda cidade do país, com cerca de 240 mil habitantes. Já a capital federal tinha, no mesmo ano, 600 mil habitantes.

“A atividade humana aumenta numa progressão pasmosa. Já os homens de hoje são forçados a pensar e executar em um minuto o que seus avós executavam e pensavam em uma hora (frase de Olavo Bilac, revista *Kósmos*, 1904).

“Os efeitos da Revolução Industrial e do crescimento das cidades enfim desembarcam nos trópicos, com uma força que deixa todos atônitos” (em *Linha do tempo do design gráfico no Brasil*, Cosac Naify)



# SUBURBAN LIFE

VOLUME VI.—NO. 1

January, 1908

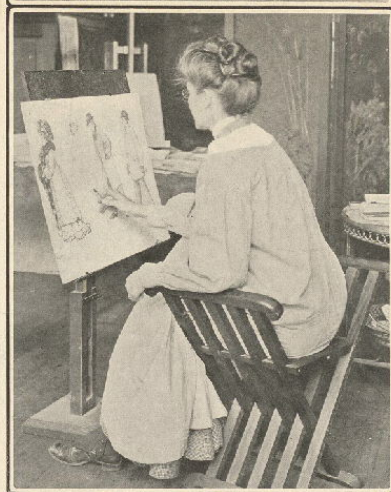
Price, 25 Cents a Copy  
\$1.00 a Year

## Alice Barber Stephens' Unique Suburban Home

By MAHEL TUKE PRIESTMAN  
Photographs by HENRY J. BENTZ

AFTER city dwellers have spent most of their lives in close contact with their work, and amidst the busy hum of town life, it is somewhat of an experiment when they decide to change their mode of living and take up their quarters in the suburbs.

When Mr. and Mrs. Charles H. Stephens decided to make this change, they were doubtful as to the wisdom of such a scheme. Alice Barber Stephens, whose work as an illustrator has brought her world-wide fame, had always had her studio on Chestnut street, in Philadelphia, where she had no trouble in securing models at any time. In their home on Green street, the entire top floor made a commodious studio for Mr. Stephens, where his sketches for illustrations were made, and where there was ample room for his famous collection of Indian curios, and his library. It was only after a great deal of consideration that the two artists decided to live in a suburban home, but at last they found in the neighborhood of Rose Valley an ideal situation, only a short mile from Moylan station. They found a barn on the place, and promptly decided to have it remodeled into studios, and a house built at one end of the building.



Alice Barber Stephens at Her Easel. Her Studio is at the Rear of the House as Shown in the Upper Illustration

Mrs. Stephens, in speaking of their reasons for choosing this district, says, "It was because of a certain fraternal possibility, and because some of the earlier residents of the neighborhood were of the city sort, and were enthusiastic, that we had the courage to try so great a change and give our son the chance for an out-of-door life near his school."

Moylan is beautifully situated at the top of the hill overlooking the Pennsylvania valley, at the bottom of which winds the picturesque Ridley creek. Thickly covered hills rise from the valley on one side, while the road gradually ascends to Moylan on the other.

Mr. William L. Price and Mr. Hawley McLanahan were the first to realize the possibilities of this neighborhood becoming a center in which kindred spirits could dwell in pleasant social intercourse, and where work could be done under peculiarly ideal conditions.

"The Rose Valley Association" was the result of this conception. Twenty-five thousand dollars of the capital of the chartered company was spent by the Association in the purchase of seventy-five acres of land, in the alterations of buildings, and for fifteen acres of land which were set aside for a park. At

# THE LADIES' HOME JOURNAL

FEBRUARY 1897

TEN CENTS



THE CURTIS PUBLISHING COMPANY, PHILADELPHIA

Alice Barber Stephens (1858 – 1932): pintura e gravadora americana, muito lembrada por suas ilustrações. Seu trabalho apareceu regularmente em revistas como a Scribner's Monthly, Harper's Weekly e o Ladies Home Journal.

Acima, capa para The Ladies Home Journal (1897).

Ao lado, artigo publicado na Suburban Life em 1908.





Em 1879, seu professor na Pennsylvania Academy of the Fine Arts\*, Thomas Eakins, pediu para Stephens a ilustração de uma cena da classe da escola – para que fosse publicada na Scribner’s Monthly. “Woman’s Life Class” (acima à esquerda) foi seu primeiro trabalho creditado numa revista. Acima à direita: “The Woman Business”, pintura à óleo, 1897.

À medida que as oportunidades educacionais se tornaram mais disponíveis, as mulheres artistas começaram a tomar posição no meio, criando suas próprias associações de arte, por exemplo. Muitas mulheres nessa época passaram a promover e valorizar o trabalho feminino da Nova Mulher, em desenhos e também ao assumir esse tipo emergente em suas próprias vidas.

\* Alice entrou na escola em 1776, o primeiro ano em que eram admitidas mulheres.





ELIZABETH SHIPPEN GREEN, VIOLET OAKLEY, JESSIE WILLCOX SMITH AND HENRIETTA COZENS IN THEIR CHESTNUT STREET STUDIO, CA. 1901.  
VIOLET OAKLEY PAPERS, 1841-1981. ARCHIVES OF AMERICAN ART, SMITHSONIAN INSTITUTION.

### **The Red Rose Girls (1863 – 1935)**

Henrietta Cozens (com regador) e as ilustradoras Elizabeth Shippen Green, Violet Oakley, Jessie Willcox Smith no Chestnut Street Studio, antes de se mudarem para Red Rose, 1901.

Três mulheres da Filadélfia, ilustradoras de sucesso para livros e revistas na virada do século XX, forjaram um relacionamento comunitário não convencional.

Junto com a amiga Henrietta Cozens, elas montaram uma casa na pousada Red Rose, na Filadélfia, e se denominavam “Cogs family”- nome formado a partir das letras iniciais de seus nomes -, mas a imprensa as chamava de Red Rose Girls.





Acima: fotografia de Violet Oakley, Jessie Willcox Smith, Elisabeth Shippen Green e Henrietta Couzens (1901).

Ao lado, capa de Jessie Wilcox Smith para a revista Good Housekeeping, 1919.





**Rian - Nair de Teffé (1886 – 1981)**

Por muitos considerada a **primeira mulher caricaturista do mundo**, essa brasileira apresentou no país um traço inovador e sintético com influência da arte gráfica francesa do período.

Nascida em Petrópolis, pertencia à alta elite carioca, sendo filha dos Barões de Teffé e neta do conde Von Hoonholtz.

Cresceu no sul da França e recebeu educação na Europa. Frequentou os melhores conventos da região e aos 11 anos ingressou no curso Vivaudy, uma fechada escola da Riviera que só recebia 36 alunas.

Ao lado, foto de Rian criança tirada por F. Mulnier. Acima, Nair de Teffé sendo retratada pelo pintor francês Guiraud de Scevola, por volta de 1910. Foto publicada na coleção “Nosso Século”, Editora Abril, 1980.





A carreira de Rian foi curta, com produção significativa entre 1906 e 1913.

Além das publicações em revistas, ela também vendia originais sob encomenda.

No meio editorial, além da Fon-Fon!, fez trabalhos para a Gazeta de Notícias e Careta.

Seguiu com trabalhos e exposições até 1913, quando teve sua carreira praticamente interrompida aos 27 anos, após se casar com o amigo de família e então Presidente do Brasil Hermes da Fonseca.

No canto à esquerda, capa da revista *A Ilustração Brasileira* com foto do casamento de Rian e Hermes da Fonseca, 1913.

Ao lado, exposição das caricaturas de Rian em 1912, documentada pela revista Fon-Fon!



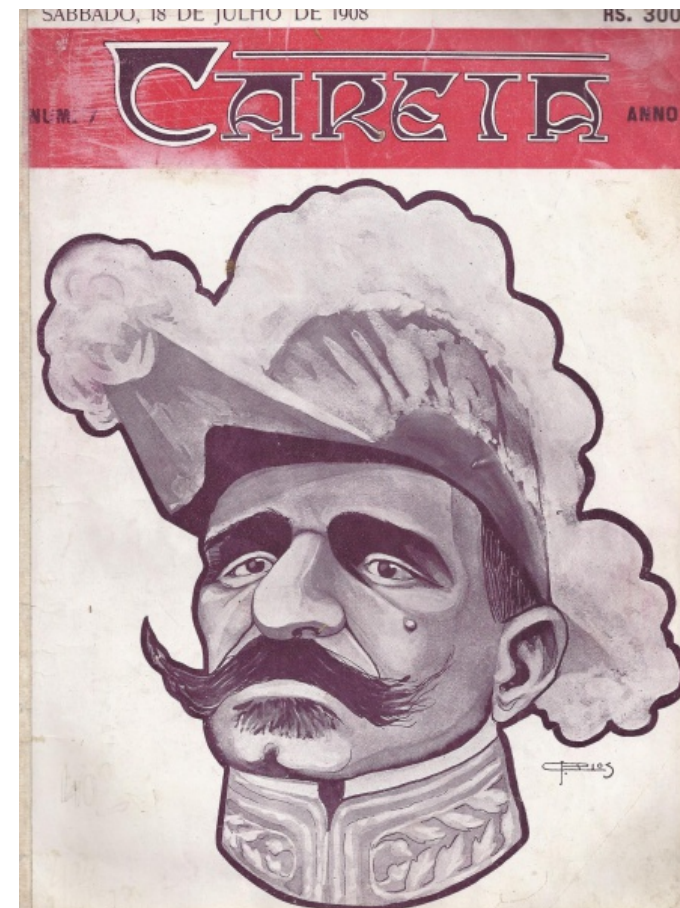
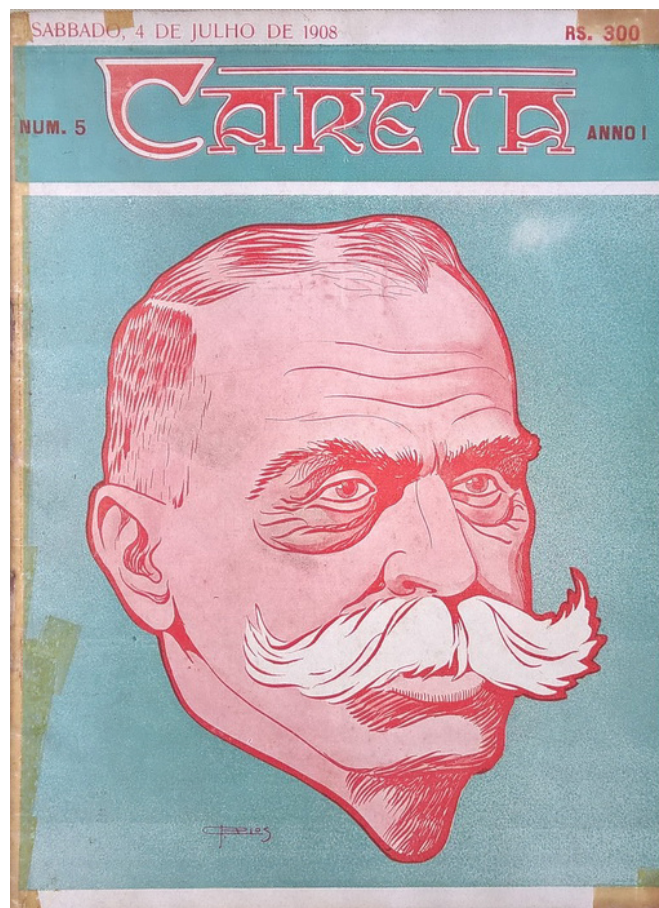
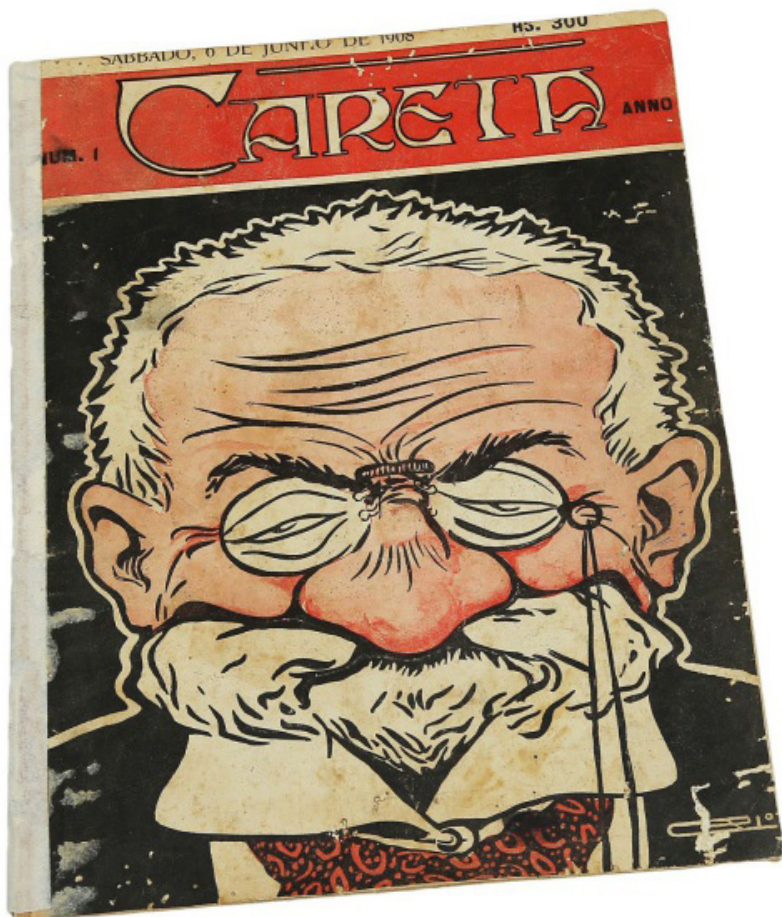


Retratando figuras de seu próprio meio, Rian evitava a afronta em suas caricaturas. Por outro lado, tinha o olhar de quem conhecia muito bem o contexto, atento a minúcias.

Acima à esquerda, sua primeira caricatura, retrato da artista Réjane, 1909.

Acima à direita, desenho publicado na Fon-Fon!, 1910.





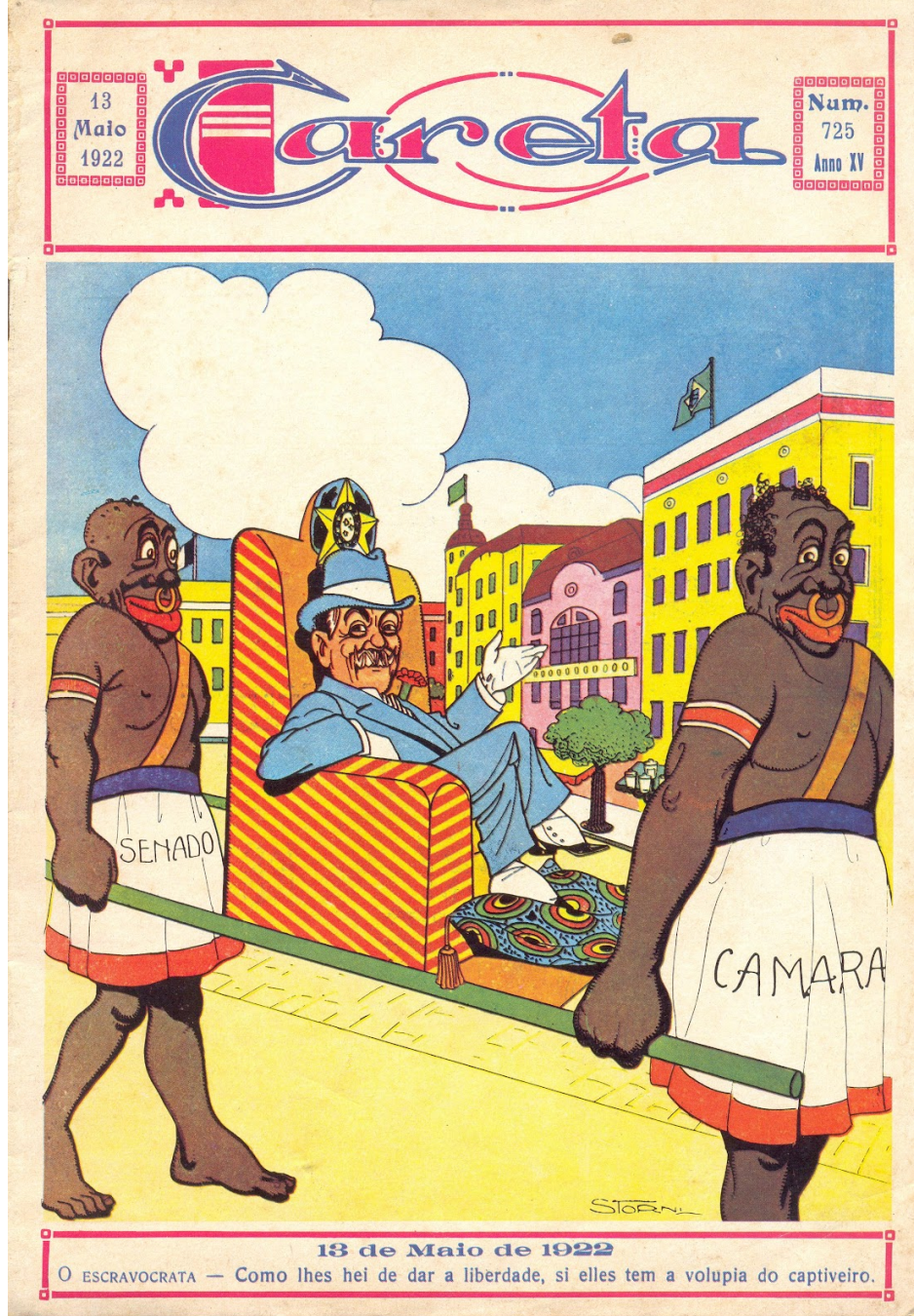
Careta (1908 – 1960)

Periódico de caráter editorial satírico e humorístico fundado por Jorge Schmidt, teve entre seus colaboradores alguns dos melhores chargistas do país, como Raul e J. Carlos.

J. Carlos foi diretor e ilustrador exclusivo da revista até 1921. Ele deixou a revista para se dedicar à direção das publicações da empresa O Malho. Em 1935 retornou à Careta, onde trabalhou até morrer em 1950.

A capa da primeira edição (à esquerda) traz o presidente Afonso Pena em caricatura de J. Carlos. Acima, capas de 4 e 18 de julho de 1908, também no traço de J. Carlos.





Capas de Storni para a revista Careta, 1922 e 1926.





Revolução Russa de 1917: período de conflitos, iniciado em 1917, que derrubou a monarquia russa e levou ao poder o Partido Bolchevique de Vladimir Lênin. Na foto, soldados desfilam pela rua Nikolskaya em Moscou, outubro de 1917 (fonte: Wikipedia).





1. Капиталисты Румынии, Венгрии и Польши в малую Антанту соединяют силы.



2. Одна поменьше,-



3. Другая побольше.



4. А вместе поместятся в одной могиле.

РОСТА №583

# ОКНО САТИРЫ РОСТА №70.



1) ТОВАРИЩИ, НЕ ПОДАВАЙТЕСЬ ПАНИКЕ. ОНА ДЕЛАЕТ ОБЫКНОВЕННО ИЗ МУХИ СЛОНА.



2) И ВОТ СЛЕДСТВИЕ ЭТОГО



3) НО И ВОСТРО ДЕРЖАТЬ УХО. ЧТОБ ИЗ СЛОНА НЕ ПОЛУЧИЛАСЬ МУХА.



4) СЛЕДСТВИЕ ЭТОГО ТАКОЕ

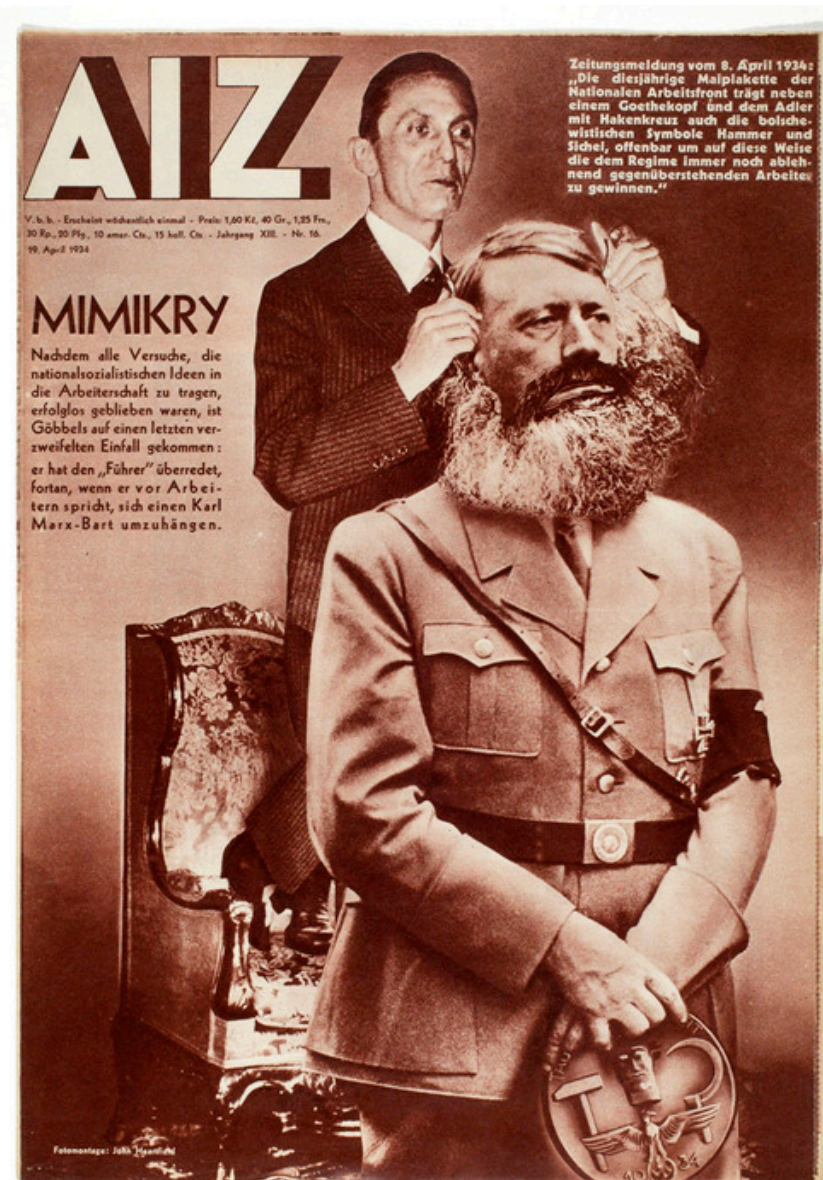


5) БЕЗ ВСЯКОЙ ПАНИКИ, НО И НЕ ЗРЯ РЕЗВО ИДИТЕ НА ФРОНТ ХЛАДНОКРОВНО И ТРЕЗВО

No canto à esquerda: Vladímir Maiakovski, Rosta, n. 583, 1920.

Acima, "Comrades, do not panic!", 1920.





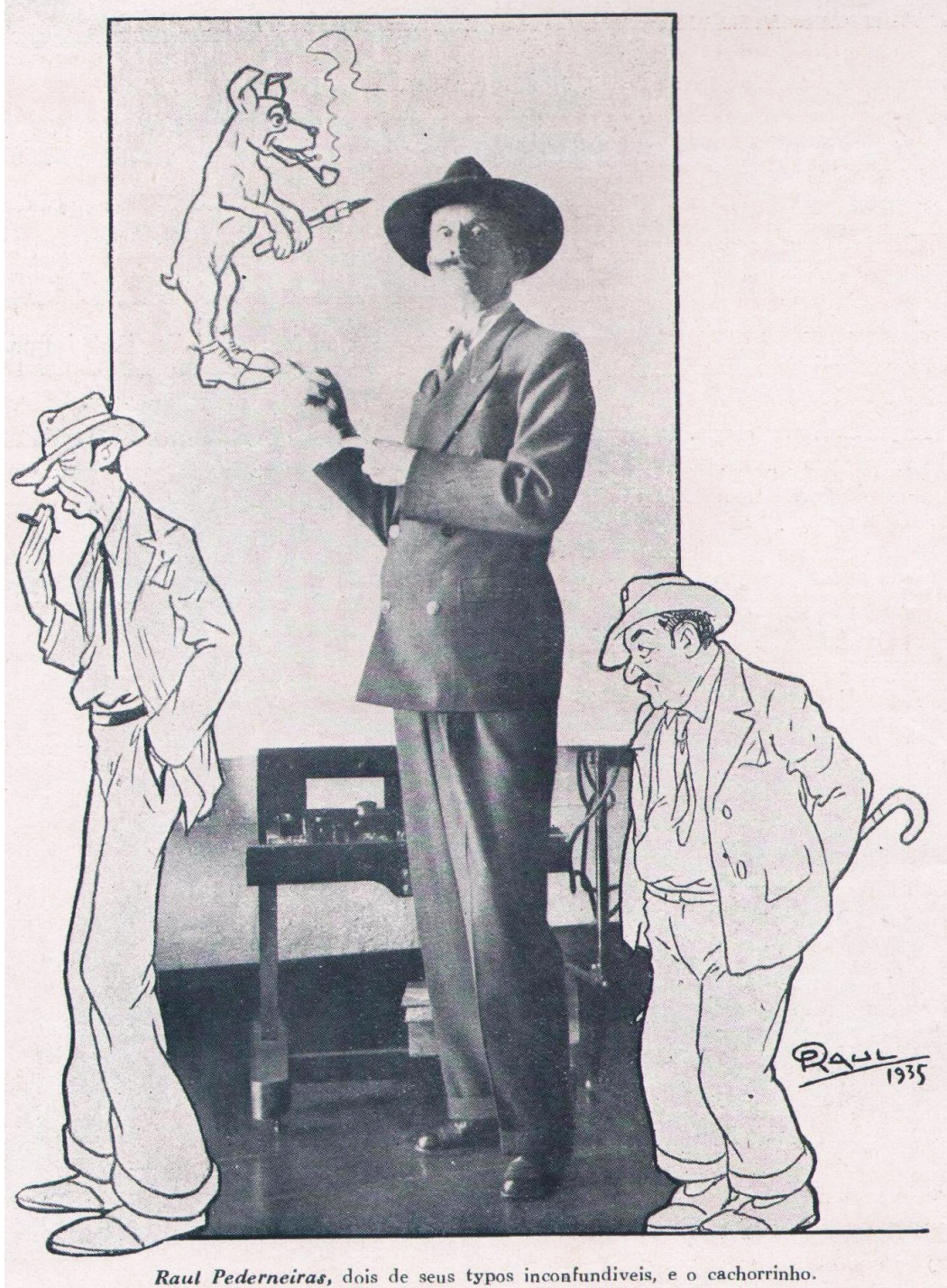
John Heartfield: capas pra revista AIZ, 1927 e 1924.



# ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: OPINIÃO

**Aspectos Históricos – 1930 até 1970**





*Raul Pederneiras, dois de seus typos inconfundíveis, e o cachorrinho.*



Raul Pederneiras (1874 – 1953)

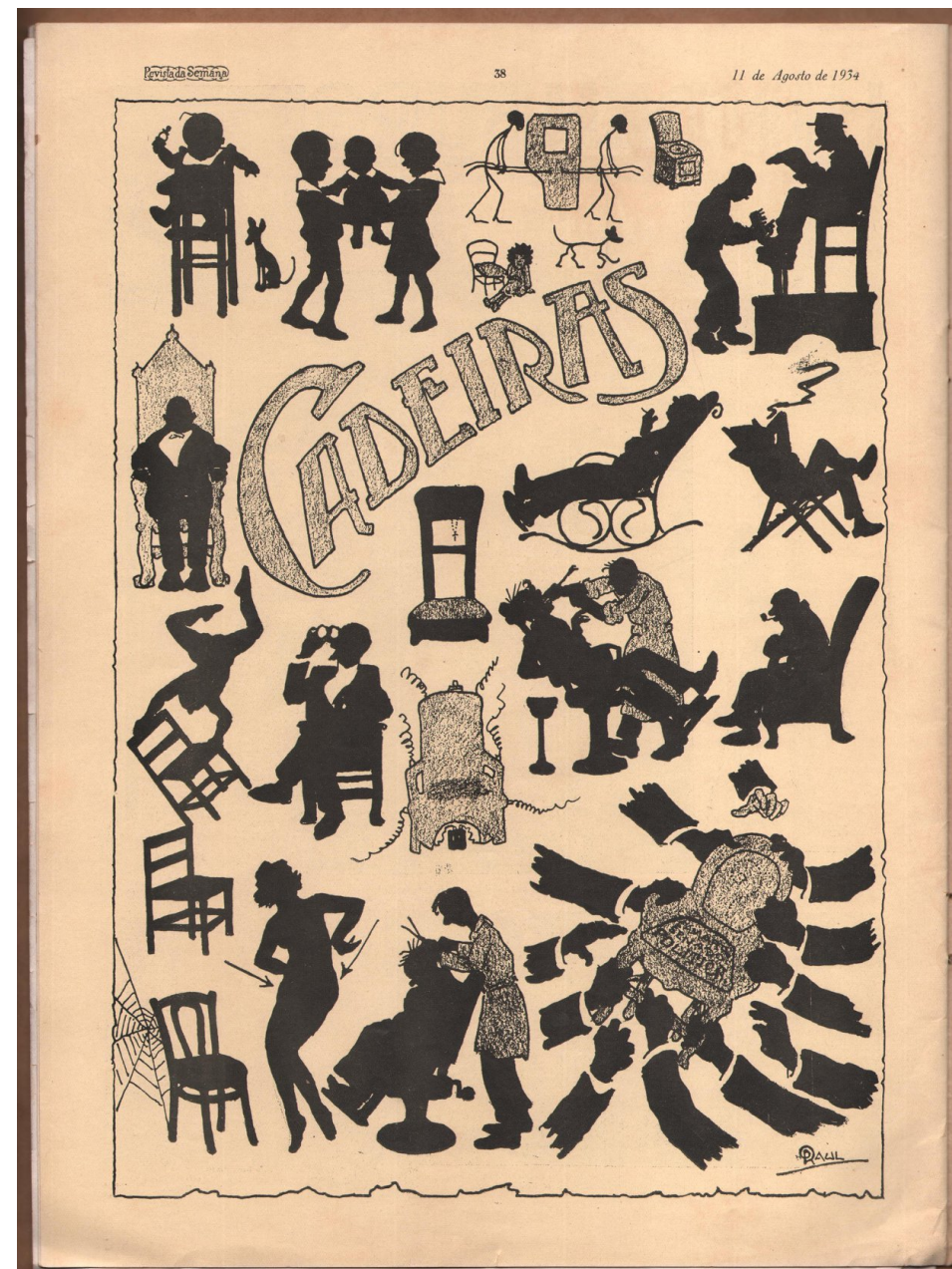
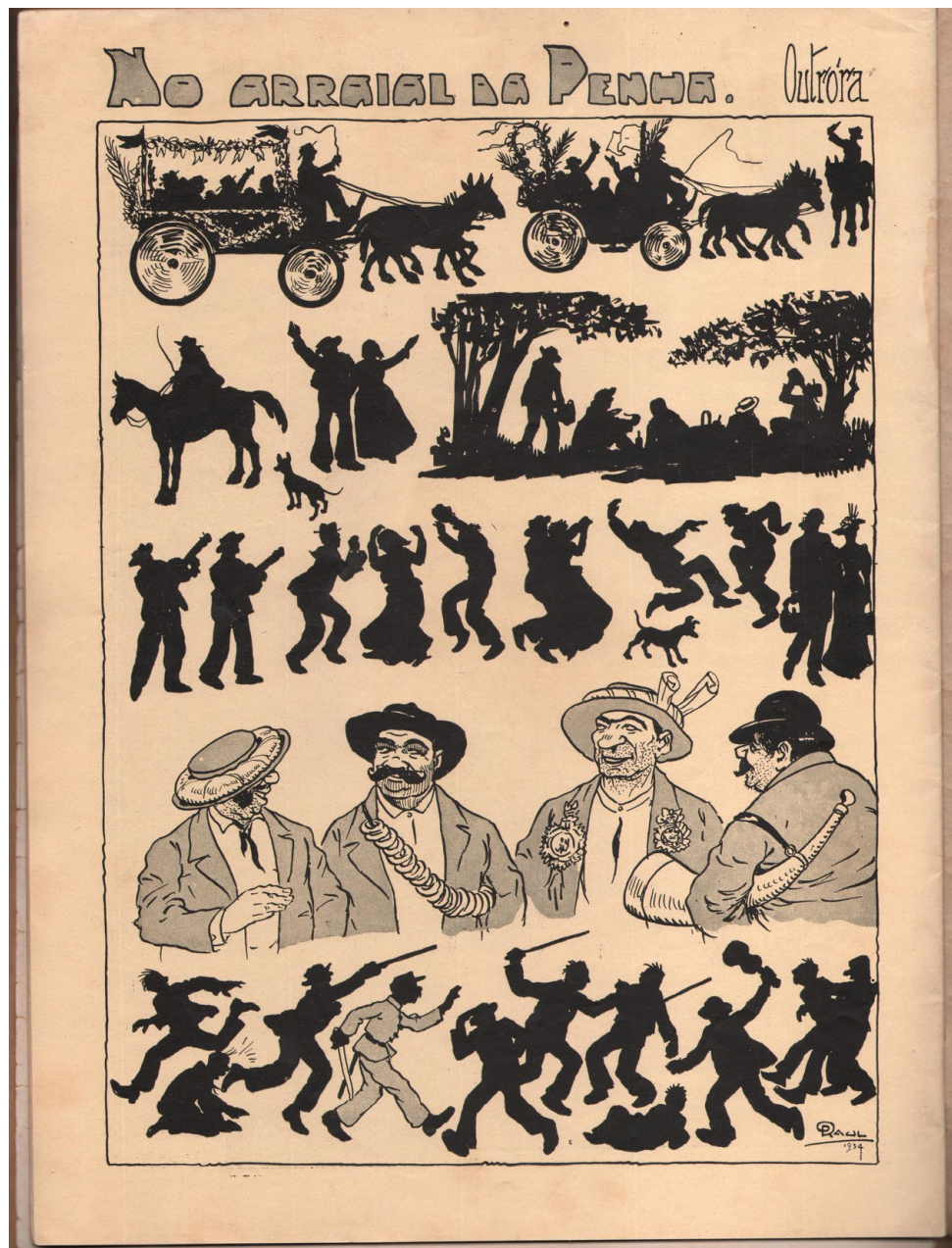
Foi um caricaturista, ilustrador, pintor, professor, teatrólogo, compositor e escritor brasileiro.

Iniciou a carreira em 1898, no diário O Mercúrio, jornal impresso em cores que circulou no Rio no final do século XIX.

Manteve uma extensa e assídua participação em diversos periódicos cariocas, como A Revista da Semana, O Tagarela, D. Quixote, Fon-Fon!, O Malho e Jornal do Brasil.

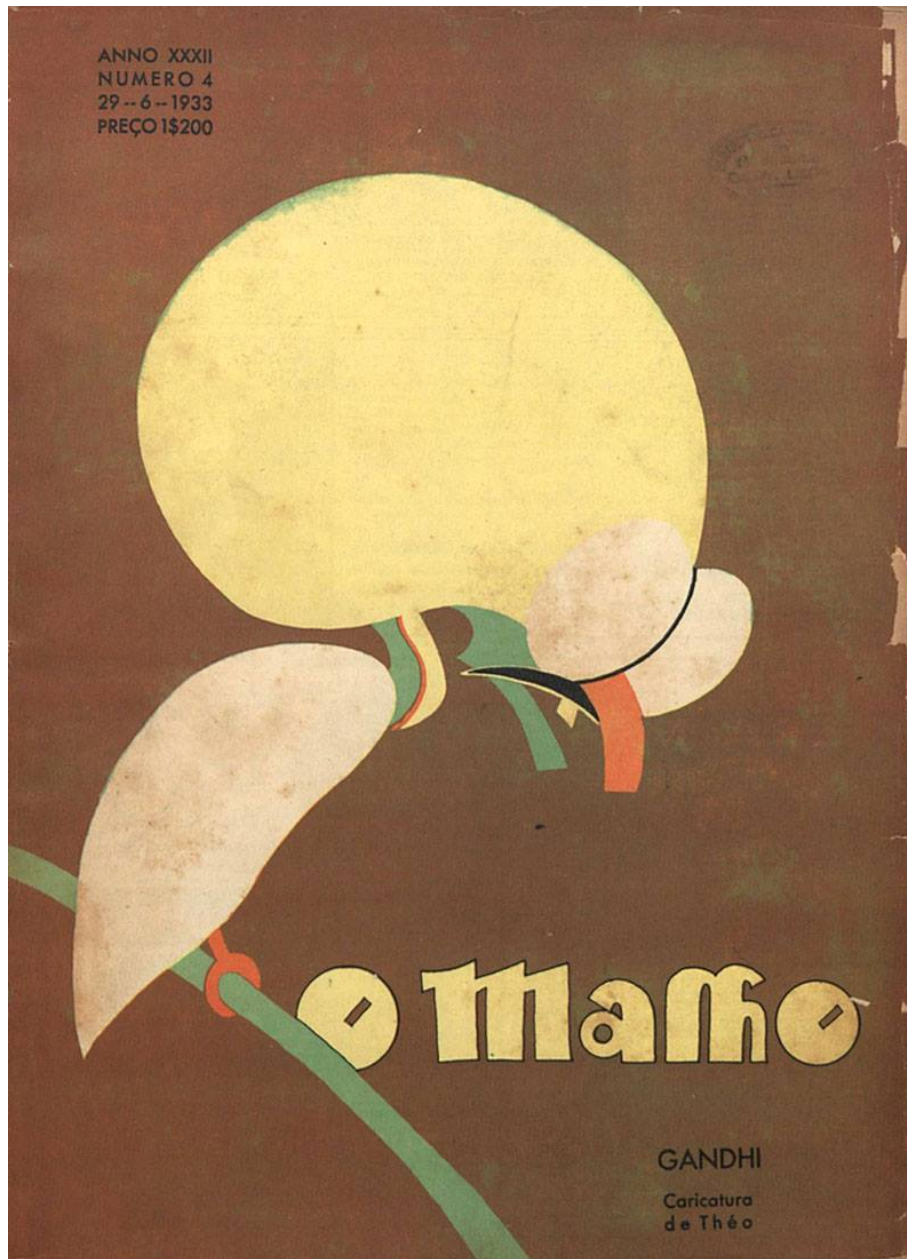
Ao lado, Raul e desenhos de 1935. Acima, foto de Raul em 1944, publicada na Revista da Semana.





O cronista visual Raul Pederneiras: páginas da Revista da Semana, 1934.





Caricaturas de Théo para as capas de O Malho: Gandhi e Hitler, 1933.



Stuttgart, 15. Mai 1932

Preis 60 Pfennig

37. Jahrgang Nr.

# SIMPLICISSIMUS

Herausgabe: München BEGRÜNDET VON ALBERT LANGEN UND TH. TH. HEINE Postversand: Stuttgart

*Heil Preußen!*

(Karl Arnold)



„In Meinem Staate kann jeder nur nach Meiner Façon selig werden!“

München, 19. Mai 1940  
45. Jahrgang / Nummer 20

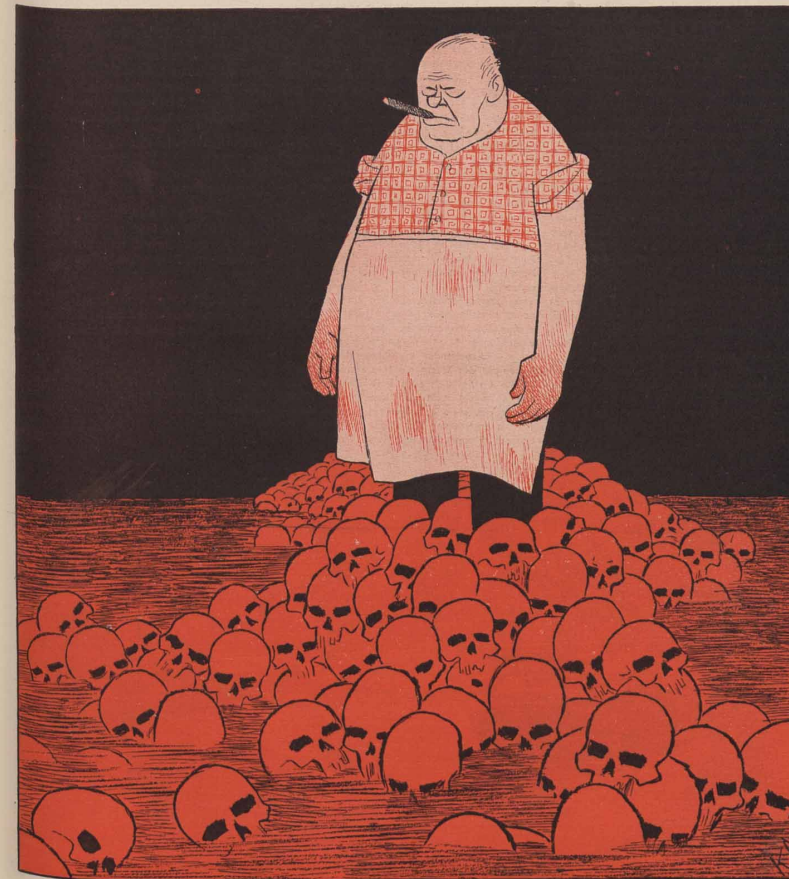
30 Pfennig

# SIMPLICISSIMUS

VERLAG KHORR & HIRTH KOMMANDITGESELLSCHAFT, MÜNCHEN

Churchill und die Neutralen - Churchill e i neutrali

(Karl Arnold)



„Für Englands Bedürfnisse sterben immer noch zu wenig Hilfsvölker!“  
“Per i bisogni dell’Inghilterra muoiono ancor sempre troppo pochi popoli!..”

Capas de Karl Arnold para a revista alemã Simplicissimus.  
Ao lado, capa sobre Hitler, 1932.  
Acima, ilustração com Churchill, 1940.





**Andrés Guevara** (1904 – 1963) foi um chargista, ilustrador, pintor e artista gráfico paraguaio. Viveu e trabalhou em três países da América do Sul: Paraguai, Brasil e Argentina.

Em sua primeira passagem pelo Brasil, em 1923, ficou conhecido como chargista e ilustrador.

Trabalhou para **A Maçã** entre 1923 e 1925, como chargista para **A Manhã** (onde fez parceria com o Barão de Itararé) entre 1926 e 1929, e para o jornal **Crítica** a partir de 1929.

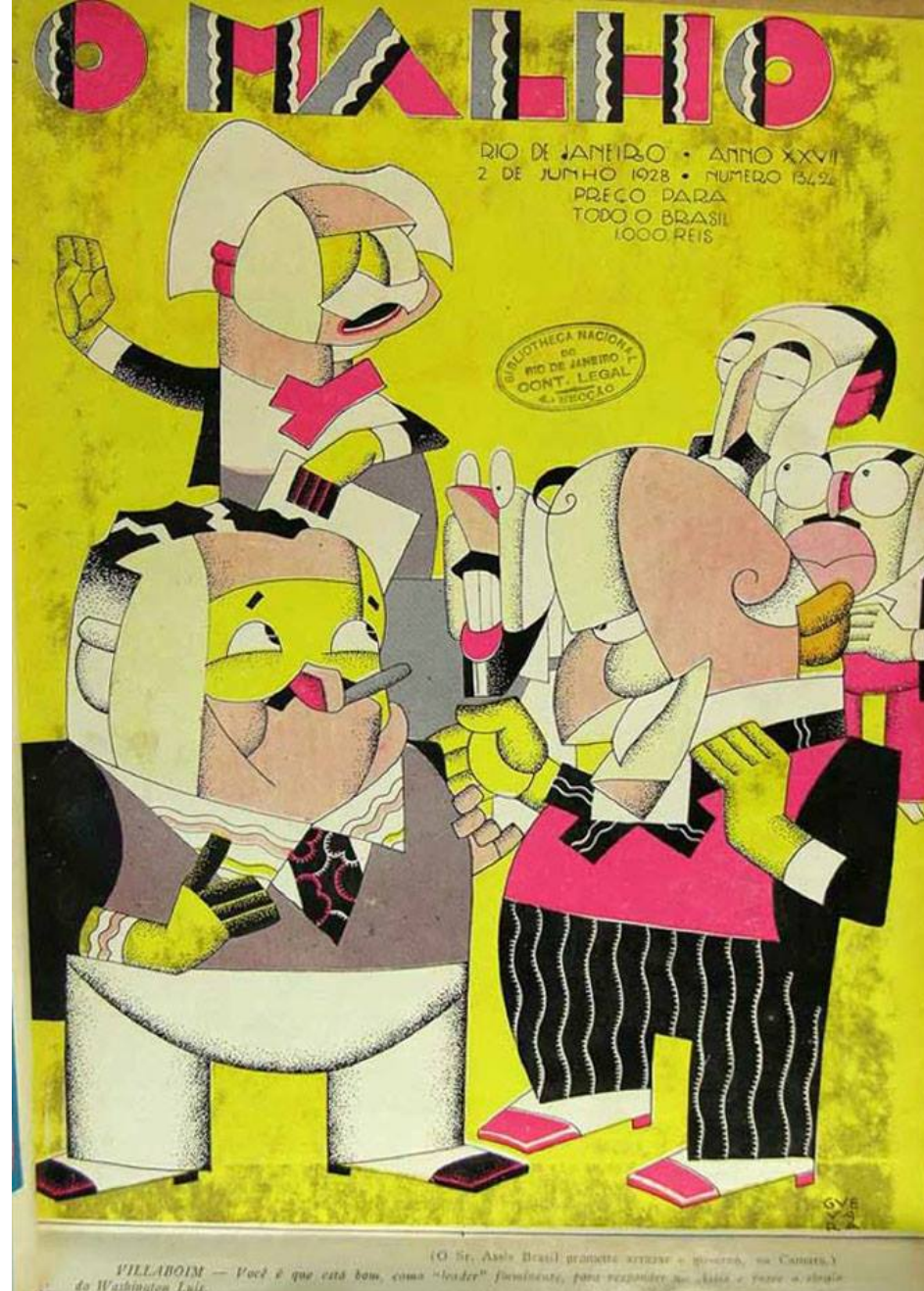
Em 1930 muda-se para a Argentina. Em Buenos Aires trabalhou como designer gráfico e ilustrador, ficando mais conhecido como “artista gráfico”. Introduziu modernas técnicas de diagramação e planejamento gráfico nos jornais por onde passou.

Depois de mais um tempo no Brasil e Argentina, repete em 1959 a parceria com o Barão de Itararé no **Almanhaque**. Em 1950 foi contratado para implantar o projeto gráfico no jornal **Última Hora**.

Retorna para Buenos Aires e se dedica à pintura nos últimos anos de vida.

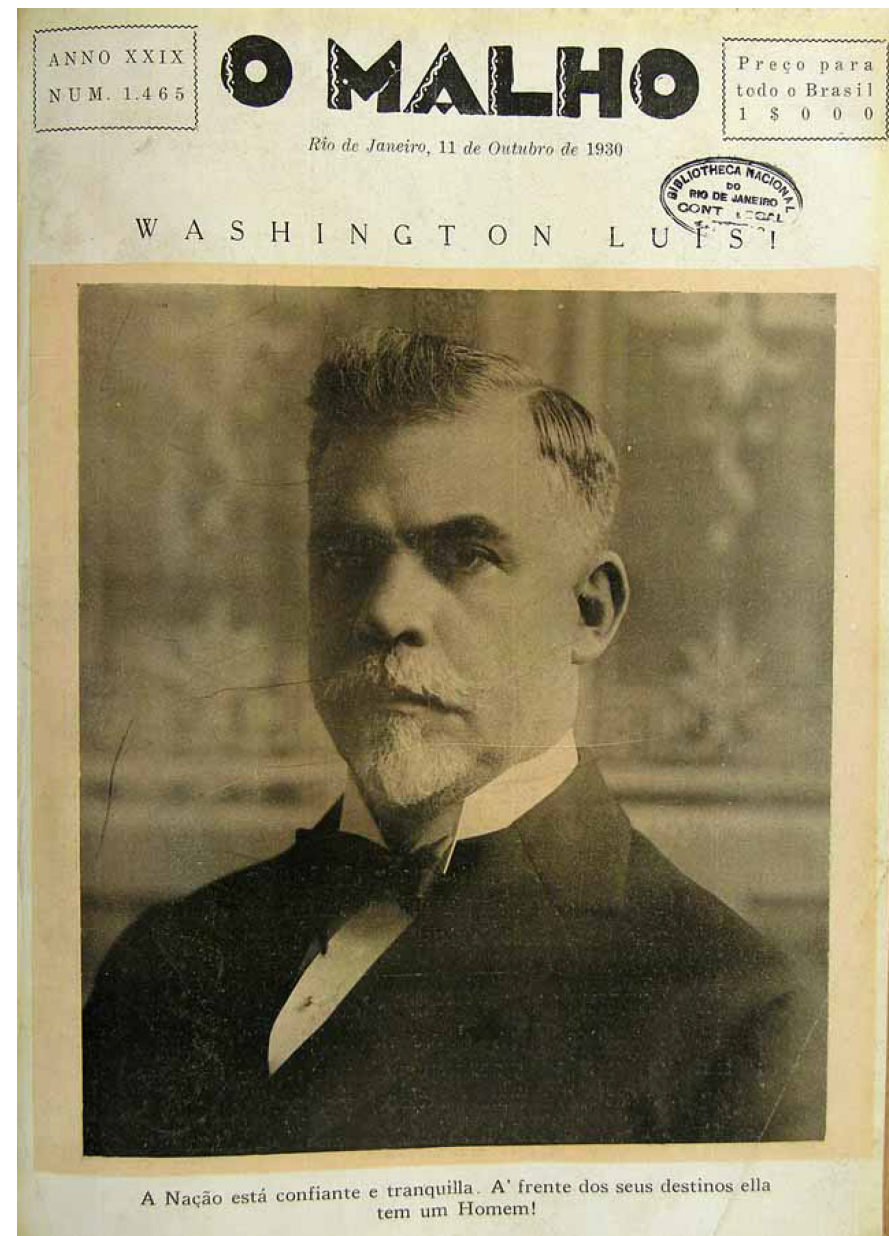
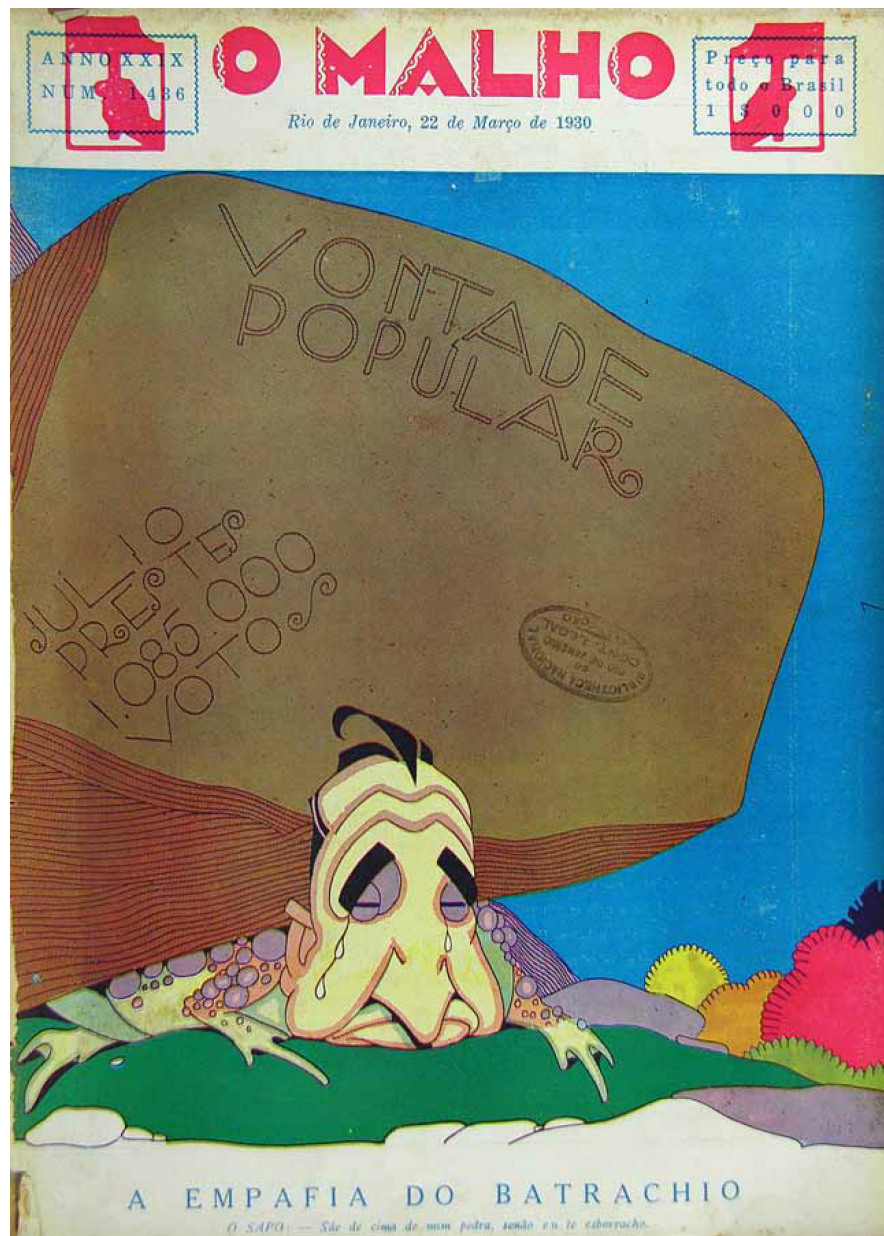
À esquerda, foto de Guevara (no canto direito) com o Barão de Itararé (à esquerda) na redação da Folha Carioca, em 1944.





Andrés Guevara: capas em seu estilo “cubístico” para a revista carioca O Malho, 1928.





J. Carlos: capa para a revista O Malho, março de 1930. No alto, à direita, capa com Washington Luís, outubro de 1930.





J. Carlos: acima à esquerda, capa da revista O Malho zomba da Aliança Liberal de Getúlio Vargas, maio de 1930. Assim que Vargas assume o poder na Revolução de 1930, a revista é fechada por algum tempo. Quando volta, não traz as charges carregadas de opinião tão características da publicação.

Para a jornalista Janayna Ávila, a causa do fechamento foi a capa acima à direita, de agosto de 1929.







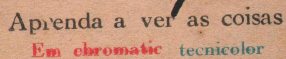


Acima, capa da revista O Cruzeiro de 1938.

Em 1938, Millôr entra como contínuo na pequena revista O Cruzeiro, graças ao Tio Armino Viola, diretor de gráfica da publicação.

Ao lado, foto de Millôr com seu tio Viola em 1944. Publicada no livro “Millôr Fernandes Desenhos”, Editora Raízes, 1981.





This plate contains nine numbered illustrations of ancient coins or medals, arranged in three rows. The coins are depicted with various designs, including portraits, symbols, and inscriptions.

- 1**: A red coin with a central circular motif and a small loop at the top.
- 2**: A red coin with a central circular motif and a small loop at the top.
- 3**: A green coin with a central circular motif and a small loop at the top.
- 4**: A yellow coin with a central circular motif and a small loop at the top.
- 5**: A blue coin with a central circular motif and a small loop at the top.
- 6**: A yellow coin with a central circular motif and a small loop at the top.
- 7**: A brown coin with a central circular motif and a small loop at the top.
- 8**: A red coin with a central circular motif and a small loop at the top.
- 9**: A red coin with a central circular motif and a small loop at the top.

— 50 —

Bonecos de  
Textos de

**Moro no Rio de Janeiro e vou para casa**

do TIME

[illegible]

*Confucio disse:*

O cemitério está cheio de gente que achava que o mundo não poderia passar sem a sua pessoa.

[illegible]

YAO GOGU.

P. S. — Infelizmente mesmo o largo espaço e o corpo 6 que destinei a esta matéria é pouco para descrever uma viagem de todas as tardes até Copacabana. E como o leitor já teve a visão do que é essa jornada fatidica e diária nos ficamos aqui mesmo pelo meio do caminho, como aliás tantas vezes nos sucede.

22 de Maio de 1948

## PIF-PAF

*Trágédia em um ato*  
 Personagens — Vários jogadores do Pif-Paf entre os  
 quais um médico. Uma criada entra correndo.  
**ATO ÚNICO**  
*A CRIADA* — Doutor, telefonaram do hospital di-  
 zendo que o cliente que foi operado hoje de manhã está  
 passando muito bem.  
*O DOUTOR* — Deus do céu! Vou correndo até lá.  
 (Pano rápido)

Respostas de APREND A AVER AS COISAS:

Um mexicano empurrando um carrinho de mão. 2 - Um mexicano numa molotofa. 3 - Um mexicano. 4 - Um mexicano num patinete. 5 - Um mexicano empilhando o chilete. 6 - Um mexicano no carro. 7 - Um mexicano empurrando um mexicaninho. 8 - Dois mexicanos jogando peteca. (Nota importante: Legamos hoje nosso esqueleto de mexicanos. Proibimos de torturar a usar essa cómoda nacionalidade durante seis meses).

Esta é uma constatação triste — hoje em dia os bifés dos restaurantes são menores do que a gente costumava deixar no prato.

## This image shows a blank, aged, cream-colored page, likely an endpaper or flyleaf of a book. The paper has a slightly textured appearance with some minor discoloration and small dark spots, possibly due to age or handling. The left edge of the page is bound, showing the inner hinge and some stitching. There is no text or other markings on the page.

Numa sensacional diligência de caráter policial nossos repórteres conseguiram encontrar esta mensagem enviada ao Brasil por terroristas estrangeiros. A mensagem, como se pode ver perfeitamente, está toda escrita em tinta invisível.

22 de Maio de 1948

PUXA, VOCÊS INDA NÃO RIRAM?

Então respondam — um sujeito que bebe muita  
água pode ser considerado um bêbedor?

EM CABELO DE BELÓGIO, SE FAZ PERMANENTE.

Se há taxas porque não há também pregos e para  
asas fiscais?

OS RESTOS MORTAIS, SE PÔEM NO LIXO!

Devgar, se vai ao longo?

QUEB IR COMIGO. MEU BEM, bem devagarinnor

Faz de polbo, queima a dita cula?

QUANDO VOCÊ VÊ UM SUJEITO SE CORTAR  
COM A GILETE PORQUE NÃO DEIXOU O SABÃO  
PENEIRAR BASTANTE, PÔE SUAS BARBAS D  
MOLHO?

Você já cometeu todos os sete pecados mortais?

ENTÃO QUE É QUE ESTÁ ESPERANDO?

Seu relógio de sol. é automático?

ESTÁ DESREGULADO

Então me diga, essas três estrelinhas daí de cima não têm mais personalidade que as outras?

UM ASSOALHO SEM TACOS, É UM ASSOALHO  
ESCACADO?

Uma moça sentada, é uma moça em... pé... nada!

ESSA É IGUAL AS DO MESTRE PEDERNEIRAS?

Então responde esta última — quando a gente está no escuro com uma garôta e o pai ilumina a cena com uma lâmpada, as coisas ficam pretas?



O CRUZEIRO



# Pif-Paf

Das conclusões do Pais, nós publicamos as últimas. Escrito tudo em perfeito estilo, sempre muito breve. Tenha um crime sido perpetrado, nós o glosamos. Morto um homem célebre, está público, com contornos próprios. Redator-Geral no colégio estando, escreve danado. Circulamos sempre, na chuva ou no sol, sem extorcionismo para anúnciamentos.

É bem verdade que uma prosperidade súbita estraga a maior parte das pessoas — mas nós gostaríamos de correr o risco.

VARIAÇÕES EM TÔRNO DE VELHOS TEMAS

COMPOSIÇÃO INFANTIL

## O CRISTÃO



### O HOMEM EM RELAÇÃO A MULHER

Não, nunca ninguém vai entender: se um homem tem obsessão por mulher... é um devasso. Se não pensa em mulher... é suspeito. Se só fala na própria mulher... é um dominado. Se não gasta nada com mulher... é um pão-duro. Se gasta tudo com mulher... é um perdulário. Se vive à custa de mulher, é um explorador... de mulheres. Se tem várias mulheres, é polígamo, um criminoso! Se é infiel à mulher... é um canalha. Se a mulher lhe é infiel... é um ultrajado. Se não gosta mesmo de mulher... é um misógino. Se só gosta de mulher nua... é um tarado. Se não gosta de mulher nua, mas, ao contrário, das coisas que ela veste... é um feticlista. Se bate na mulher... é um monstro. Se apanha da mulher... é um frouxo. Se casa muito cedo... não aproveitou bem a vida, não adquiriu experiência para viver com uma mulher. Se casa muito tarde... boa não lhe acontecerá.

**Futebol é um jogo do qual participam vinte e dois jogadores, dois bandeirinhas e cem mil juizes.**

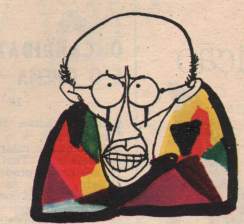


Cristão era uma pessoa de barba antigamente, que vestia saião e ia crucificado mas hoje se chama Cristão a gente que vai na Igreja sobretudo no domingo pros outros não falar mal. Cristão é ainda uma pessoa que só faz o bem e quando recebe uma bofetada oferece a outra face. Lá em casa eu acho que papai é cristão, mas mamãe não é não.

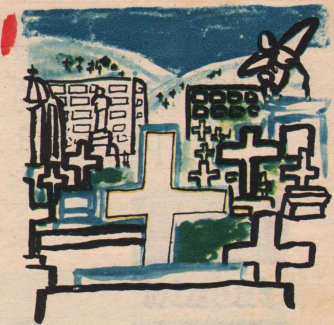
## HAI-KAI-HAI-KAI-HAI-KAI



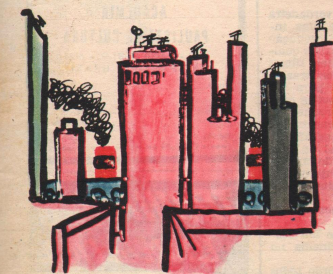
Algo grave, grumete: o espelho de bordo não reflete!



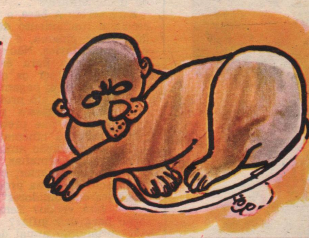
Um cientista atômico para melhorar o mundo: ou um cômico?



Aqui, em coorte, estão enterrados todos que entendem de morte.



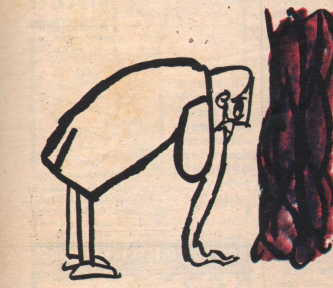
A chaminé do navio brinca de esconde-esconde por entre os edifícios.



É o alvo das zombarias o leão calvo.



Tão pura a poitrana que sua sombra é branca.



Emocionado, o velhinho agradece o elogio. A vaidade não envelhece.



Prefende um som belo o homem que coça a barriga do violoncelo?



Passarada a voar e a fruta apodrece por ter de ficar.

Formalmente, a partir de 1958 passa a manter sozinho a coluna Pif-Paf. Páginas acima: Pif-Paf: "O Cruzeiro", março de 1960.





UM dia o Todo-Poderoso levantou-se naquela imensidão desolada em que vivia, convocou os anjos, os arcanjos e os querubins e disse: — “Meus amigos, vamos ter uma semana cheia. Vamos criar o Universo e, dentro dele, o Paraíso. Devemos criar a Terra, o Sol, a floresta, os animais, os minerais, a Lua, as estrelas, o Homem e a Mulher. E devemos fazer tudo isso muito depressa, pois temos que descansar no domingo. E no sábado, depois do meio-dia. (O que Deus fazia antes da criação do Mundo, ninguém sabe. Se fez tudo isso em seis dias apenas, que imensa ociosidade, a anterior!)”

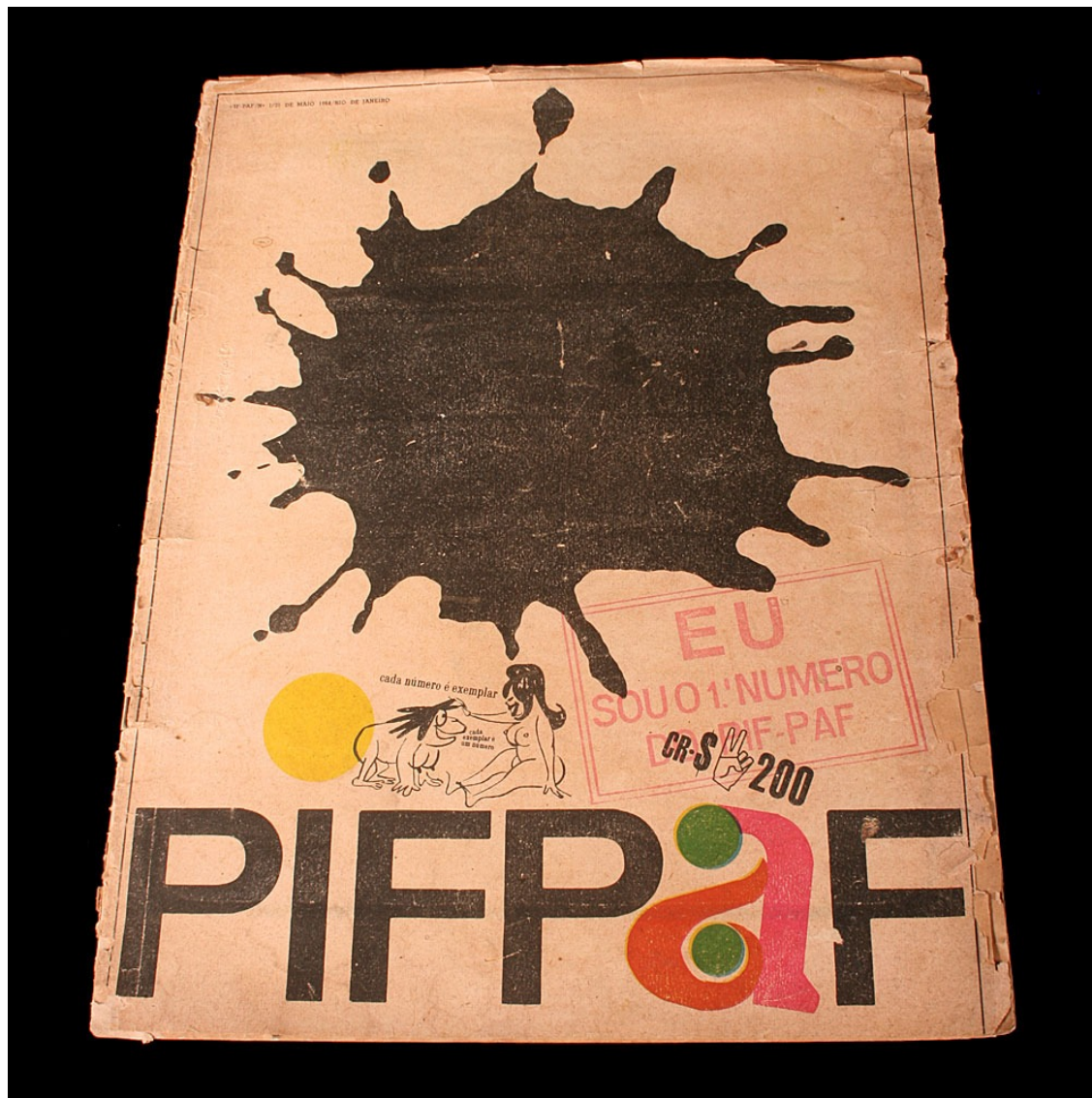
A MAIOR dificuldade de todas, embora isso pareça incrível, foi lançar a Pedra Fundamental. Os anjinhos ficaram com aquela bola imensa na mão e perguntaram ao Mestre: “Onde?”. Afinal, decidiu-se jogá-la ao acaso, e ela ficou por aí, girando, num lugar mais ou menos instável, por conta própria.

Trabalhar no escuro era muito difícil. Deus então murmurou “Fiat Lux”. E a luz foi feita. (Até hoje há uma grande discussão se Deus falava latim ou hebraico.)

E fez, em seguida, a Lua e as estrelas. E dividiu a noite do dia.



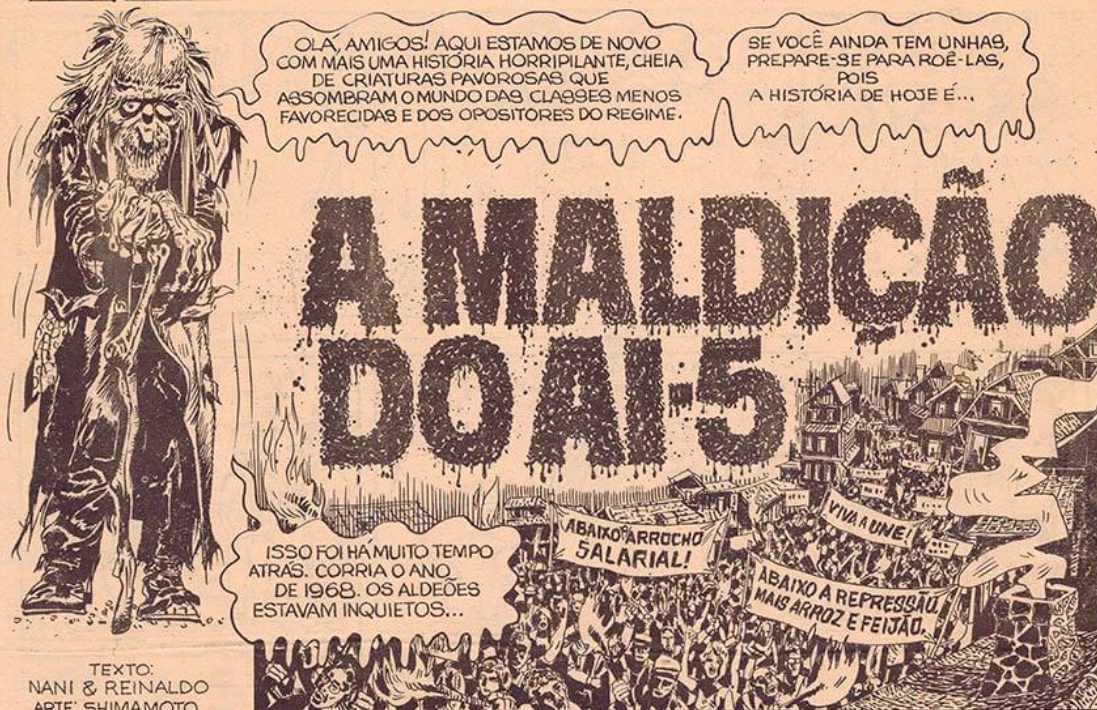




Depois de sair da revista O Cruzeiro, Millôr transforma sua coluna em revista. Lançada poucas semanas depois do golpe militar e considerada o início da imprensa alternativa no Brasil, seria fechada no oitavo número.

Imagem no alto à esquerda: Primeiro número da revista quinzenal O Pif-Paf, editada por Millôr Fernandes, 1964. Capa de Eugênio Hirsch, responsável pelo projeto gráfico da revista. Acima, à direita, ilustração de Ziraldo, 1964.





TEXTO:  
NANI & REINALDO  
ARTE: SHIMAMOTO



# EDITADO O ATO 5

- 1) Congresso em recesso
- 2) Confisco de bens
- 3) Suspensos "habeas" políticos
- 4) Restabelecidas as cassações
- 5) Liquidada a vitaliciedade

É o seguinte o texto do Ato Institucional n° 5, ontem editado pelo Presidente da República:

CONSIDERANDO que todos esses fatos perturbadores da ordem são contrários aos ideais e à constituição do Movimento de março de 1964, obrigando os que por ele se responsabilizaram e juraram defendê-lo a adotar as providências necessárias, que evitem sua destruição,

Resolve editar o seguinte:

ATO INSTITUCIONAL:

Art. 1.º — São mantidas a Constituição

II — suspensão do direito de votar e de ser votado nas eleições sindicais;

III — proibição de atividades ou manifestações sobre assuntos de natureza política;

IV — aplicação, quando necessária, das seguintes medidas de segurança:

a) — liberdade vigiada;

b) — proibição de frequentar determinados lugares;

c) — domicílio determinado.

§ 1.º — O ato que decretar a suspensão das liberdades indicadas ficará sujeito ao



ANO XLIV - Rio de Janeiro, sábado, 14 de dezembro de 1968 - N.º 12.870

**O GLOBO**  
FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Após de um ciclo de rádio e televisão, o Ministro Luís Antônio da Gama e Silva, de Juazeiro, encicou a Nação, ontem à noite, os meios que levaram a Gama, o Conselho de Segurança Nacional a editar o Ato

AI-5: o Ato Institucional n.5 foi o quinto de 17 grandes decretos emitidos pela ditadura militar. O AI-5, emitido pelo president Artur da Costa e Silva em dezembro de 1968, foi o mais duro deles.

Acima, jornal O Globo noticiando o AI-5. Ao lado, HQ de terror com roteiro de Reinaldo e Nani, e desenhos de Julio Shimamoto.













Após a publicação do Oz “School Kids Issue”, feito por vinte jovens selecionados para cuidar dessa edição com liberdade editorial, a revista foi invadida pelo Esquadrão de Publicações Obscenas.

A edição 28 foi apreendida e os três editores acusados de “corromper a moral das crianças”.

A Oz perdeu o caso. Em Agosto de 1971, tendo sido recusada a fiança e mantidos na prisão por sete dias, os três editores receberam multas e sentenças de prisão.

Após protestos de apoiadores, o veredito foi anulado.

Foto à direita, Camera Press.

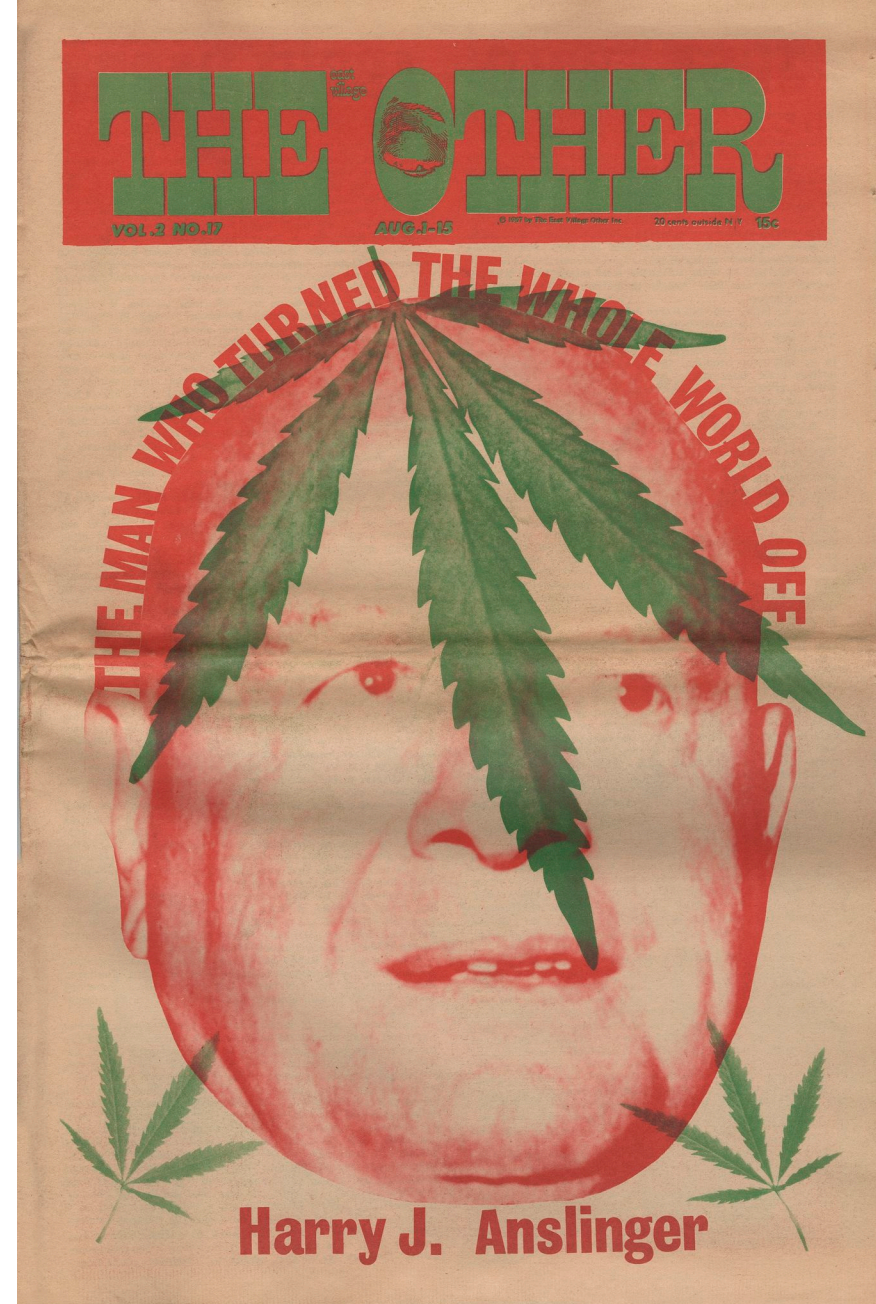
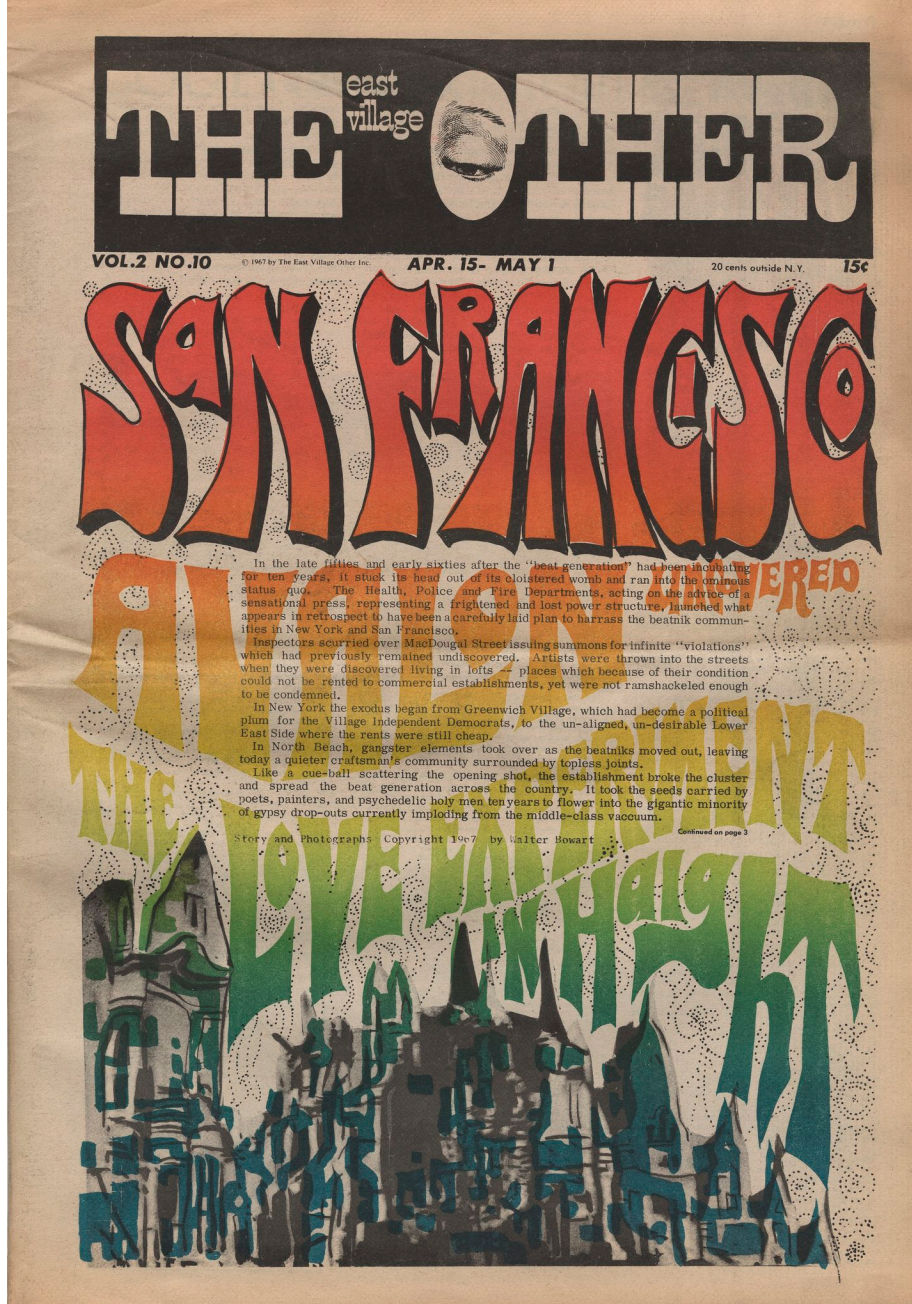




“Naqueles momentos dos anos 60, era também fácil publicar, porque as novas técnicas de off-set tinham barateado a impressão. E a imprensa alternativa percebera antes da imprensa tradicional que a maneira de concorrer com a TV era oferecer mais impacto visual”.

O East Village Other foi “a primeira das publicações “elétricas”, ou seja, a primeira das alternativas a desenvolver as técnicas de design para competir com os efeitos visuais da mídia eletrônica” (Rogério de Campos, em “Zap Comics”). Acima, detalhe de uma página do EVO.





The East Village Other (EVO) era uma revista publicada independentemente e associada à contracultural internacional da década de 1960. Acima, duas capas de 1967.







RECOMENDÁVEL PARA MAIORES DE 16 ANOS

# PASQUIM

N.º 80 - Rio, de 14 a 20-1-71 - Cr\$ 1,00 - O PASQUIM Todas as quintas-feiras ou a qualquer dia em edição ordinária



"Só falo porque é pr'O PASQUIM"

"Caetano Veloso é o Castro Alves de hoje"

"Eu, pelo menos, pretendo continuar escrevendo"

A PATOTA DO PASQUIM ENTREVISTA

## JORGE AMADO



**ÊSTES SÃO OS VERDADEIROS HOMENS SEM VISÃO**



### O Pasquim (1969 – 1991)

O projeto nasceu no final de 1968, após uma reunião entre Jaguar e os jornalistas Tarso de Castro e Sérgio Cabral. O trio buscava uma opção para substituir o tablóide humorístico "A Carapuça", editado pelo recém-falecido escritor Sérgio Porto, o Barão de Itararé. À esquerda, capa de 1971.



MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
"RUPERTO JOSE DA COSTA"

# Millôr revela a verdade:

Beware of the team of Pasquim,  
Laura! You are desmunhequeiting  
too much. They will see that you  
are ~~an~~ animal, ~~a~~ beastly gay!

ROBERT.



## -MEU NOME É HERMANN; MAS PODE ME CHAMAR DE LAURA!

# O IPASQUIM

Rio, 1º a 26 11 69 — N.º 22 — NCr\$ 0,50 — Todo mundo acha que O PASQUIM está por cima da carne seca; podemos assegurar que, em matéria de carne, nossa preferência é outra (Millôr Fernandes)



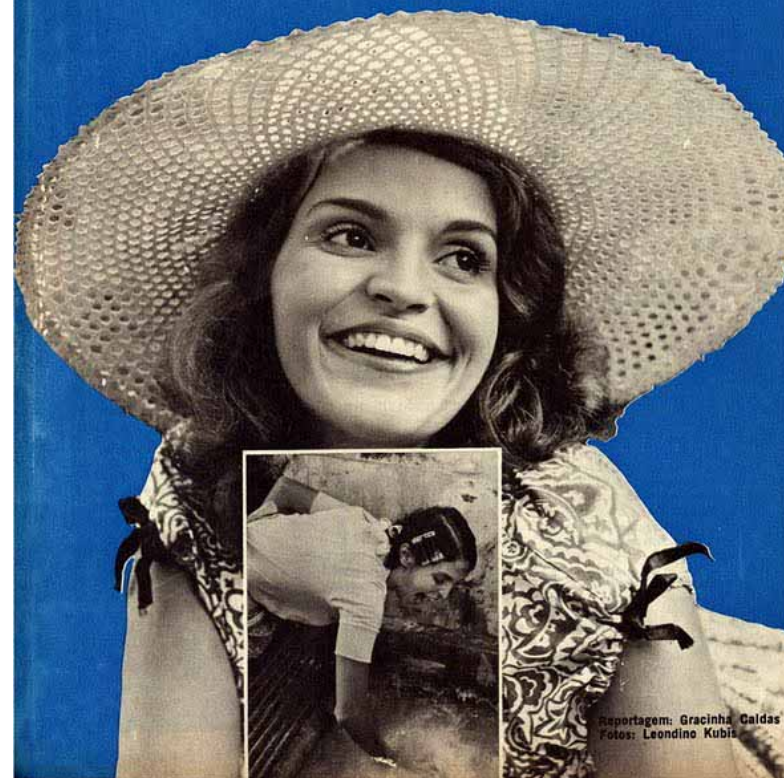
# LEILA DINIZ: &\$€7!

EM CARREGO  
ESTE JORNAL  
NÁS COSTAS!!

ATREDA DO TARGOMILHO  
HENRI, FRANCH, DIALDO,  
SERGIO CABRAL, CHICO  
ABRIL, MARCOS VASCON-  
CELOS, DRY, CATHARINE,  
ETC E TRL

# SOU LIVRE E DAÍ?

FIEL AS COISAS EM QUE  
ACREDITA, LEILA DINIZ  
LEVOU SUA LIBERDADE  
A PRÁTICA, TANTO NAS  
PALAVRAS COMO NAS  
AÇÕES. DURANTE MUITO TEMPO, FOI MAL  
INTERPRETADA E ATÉ AGREDIDA. AGORA  
— SO PORQUE É MAE DE JANAINA —  
LEVARAM SUAS IDEIAS MAIS A SÉRIO.



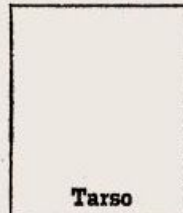
Reportagem: Gracinha Galdas  
Fotos: Leondino Kubis

Em 1969, em função de uma entrevista polêmica feita pelo cartunista Jaguar e os jornalistas Tarso de Castro e Sérgio Cabral com a já notoriamente controversa atriz Leila Diniz, foi instaurada a censura prévia aos meios de comunicação no país, a Lei de Imprensa, que ficou popularmente conhecida pelo nome da atriz.

Ao lado, capa de 1969. Acima, reportagem na revista Sétimo Céu, 1972.



# PROCURE-OS



Êles estão de volta às páginas  
d' **O PASQUIM**  
Noves fora tudo:  
(Compre dois e dê 1 ao seu melhor amigo)

Em novembro de 1970, a maior parte da redação de *O Pasquim* foi presa depois que o jornal publicou uma sátira do célebre quadro de Dom Pedro às margens do Ipiranga, (de autoria de Pedro Américo).

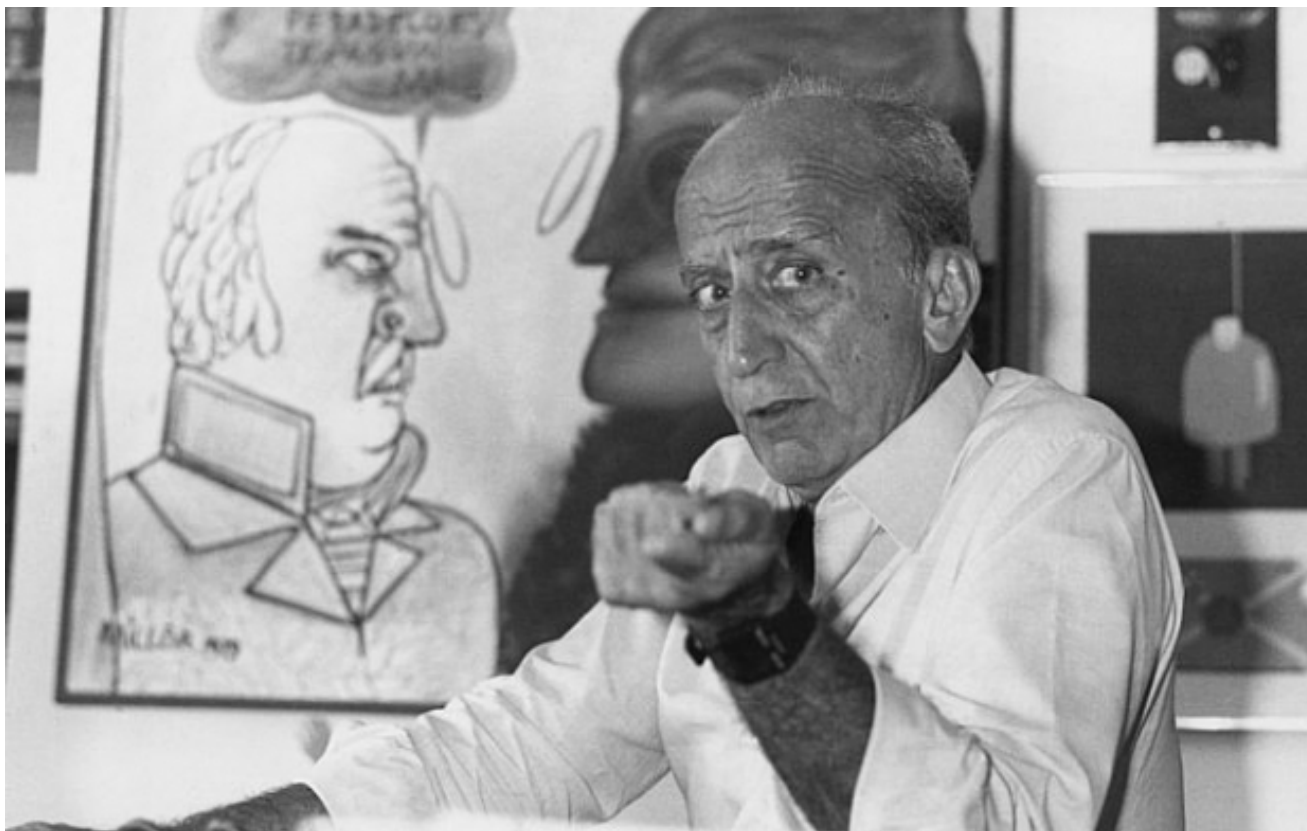
Os militares esperavam que o semanário saísse de circulação e seus leitores perdessem o interesse, mas durante todo o período em que a equipe esteve encarcerada — até fevereiro de 1971 — *O Pasquim* foi mantido sob a editoria de Millôr Fernandes (que escapara à prisão), com colaborações de Chico Buarque, Antônio Callado, Rubem Fonseca, Odete Lara, Gláuber Rocha e diversos intelectuais cariocas.

Vendia cerca de 100 mil exemplares por semana, quase todos em bancas, mais do que as revistas *Veja* e *Manchete* somadas.

Abaixo, o cartum de Jaguar, 1970.



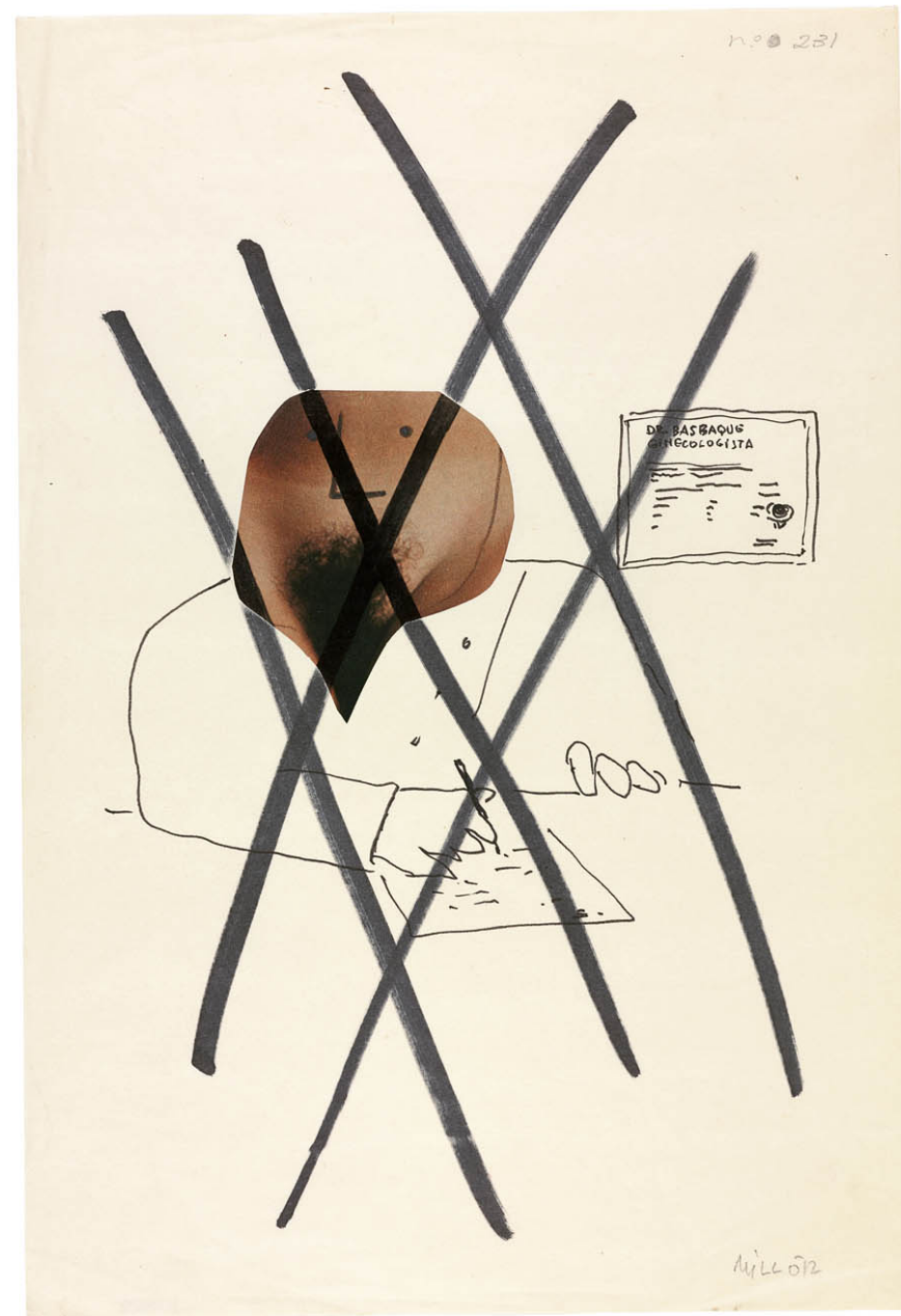




O teor político e as críticas aos poderosos acabaram rendendo problemas frequentes com a censura. Mesmo assim, e talvez por isso, O Pasquim foi um fenômeno de vendas, atingindo na primeira metade da década de 1970 cifras próximas aos 200 mil exemplares semanais.

Acima, Millôr Fernandes durante entrevista concedida em sua casa, no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1988.

Ao lado, trabalho censurado pela ditadura. Publicado no livro Millôr: Obra Gráfica, IMS, 2016.





# ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: OPINIÃO

**Aspectos Históricos – 1970 até os dias atuais**



# argumento

ANO 1 N.º 1 REVISTA MENSAL DE CULTURA Cr\$ 10,00



Argumento (1973 – 1974)

Periódico que teve apenas quatro edições e que serviu como campo de elaboração intelectual e de registro das dores sociais, uma resposta à perplexidade gerada pela violência e asfixia da ditadura.

Sob direção de Barbosa Lima Sobrinho (jurista, jornalista e político), circulou por bancas de jornais nas principais cidades do país com tiragem inicial de cinco mil exemplares.

O Conselho Consultivo era formado por nomes como Erico Veríssimo, Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda e outros.

Capa de Elifas Andreato, Argumento n.1, 1973.





## ESTÉTICA E IDEOLOGIA: O MODERNISMO EM 1930

Sobrepondo-se ao otimismo anarquista da primeira fase do Modernismo, a pré-consciência do subdesenvolvimento introduz um elemento de tensão entre o projeto estético e o projeto ideológico da literatura brasileira dos anos 30. Se algumas das realizações mais felizes do período surgem sob o influxo da "politização", por outro lado esta acaba desviando o conjunto da produção literária da linha de intensa experimentação que vinha seguindo.

João Luiz Lafeta

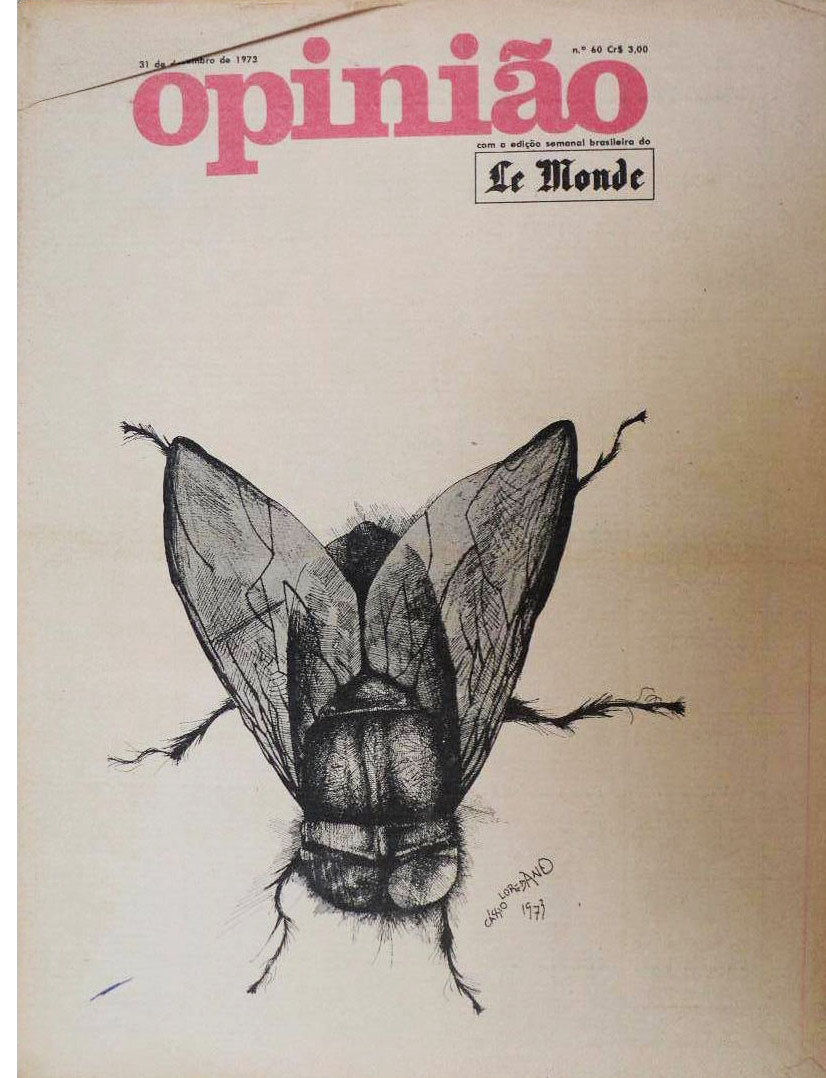
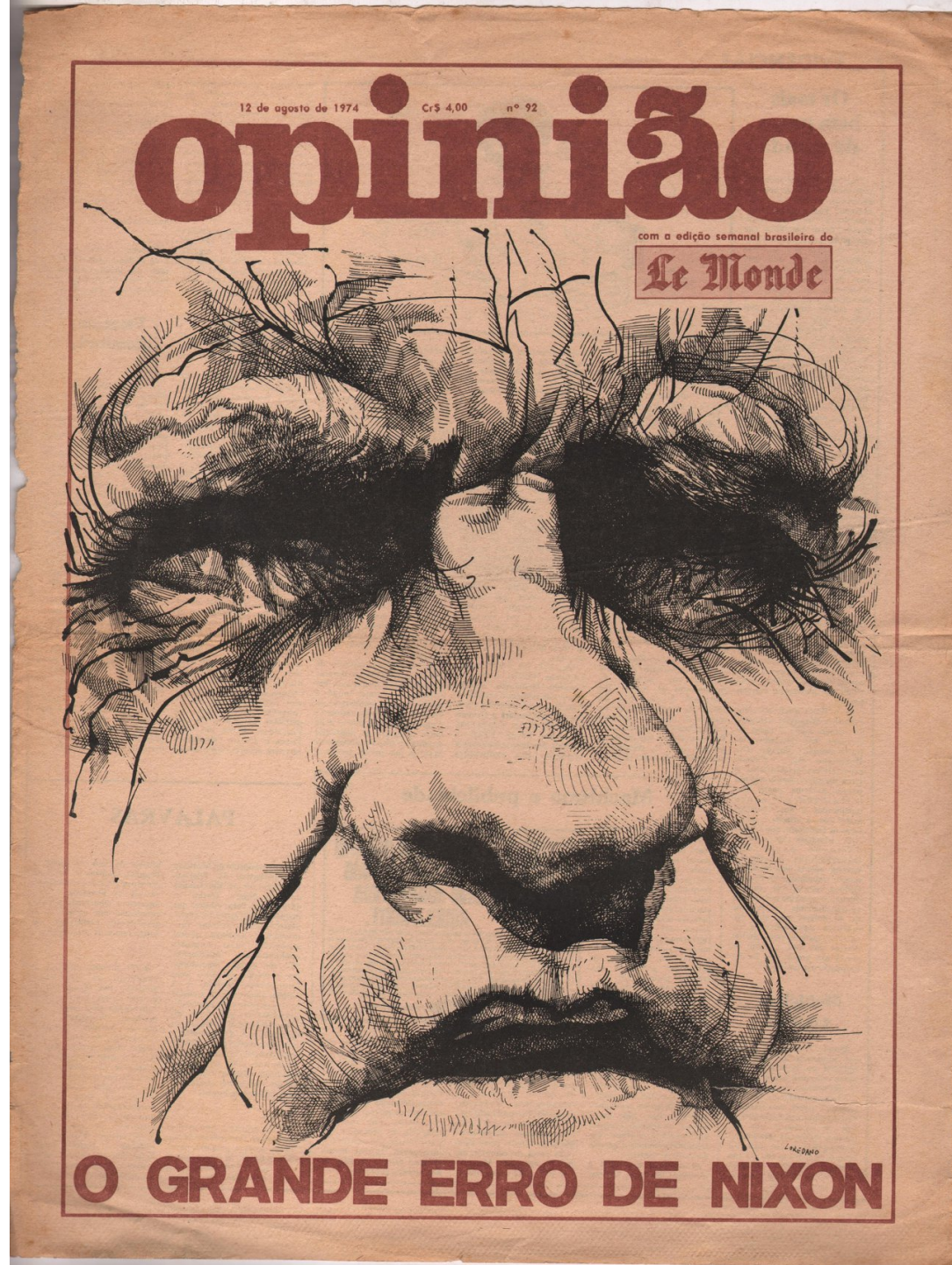
O estudo da história literária coloca-nos sempre diante de dois problemas fundamentais, quando se trata de desvendar o alcance e os exatos limites circunscritos por qualquer movimento de renovação estética: primeiro, é preciso verificar em que medida os meios tradicionais de expressão são afetados pelo poder transformador da nova linguagem proposta, isto é, até que ponto essa linguagem é realmente nova; em seguida, e como necessária complementação, é preciso determinar quais as relações que o movimento mantém com os outros aspectos da vida cultural, de que maneira a renovação dos meios expressivos se insere no contexto mais amplo de sua época. Para retomar a distinção apresentada pelos "formalistas russos" diríamos que se trata, na história

literária, de *situar* o movimento inovador: em primeiro lugar dentro da série literária, a seguir na sua relação com as outras séries da totalidade social. Decorre daí que qualquer nova proposição estética deverá ser encarada em suas duas faces (complementares e, aliás, intimamente conjugadas; não obstante, às vezes relacionadas em forte tensão); enquanto *projeto estético*, diretamente ligadas às modificações operadas na linguagem, e enquanto *projeto ideológico*, diretamente atada ao pensamento (visão-demundo) de sua época.

Essa distinção é útil porque operatória; não podemos entretanto correr o risco de torná-la mecânica e fácil: na verdade o *projeto estético*, que é a crítica da velha linguagem pela confrontação com uma nova linguagem, já contém em si o seu *projeto ideológico*. O ataque às maneiras

Luis Trimano: ilustração com Caetano Veloso e Grande Otelo, revista Argumento, 1973.





Opinião (1972 – 1977)

Projeto gráfico de Elifas Andreato. Chegou a atingir a tiragem de 38 mil exemplares, aproximando-se da Veja. O fim do jornal se deu por conta das restrições impostas pela censura.

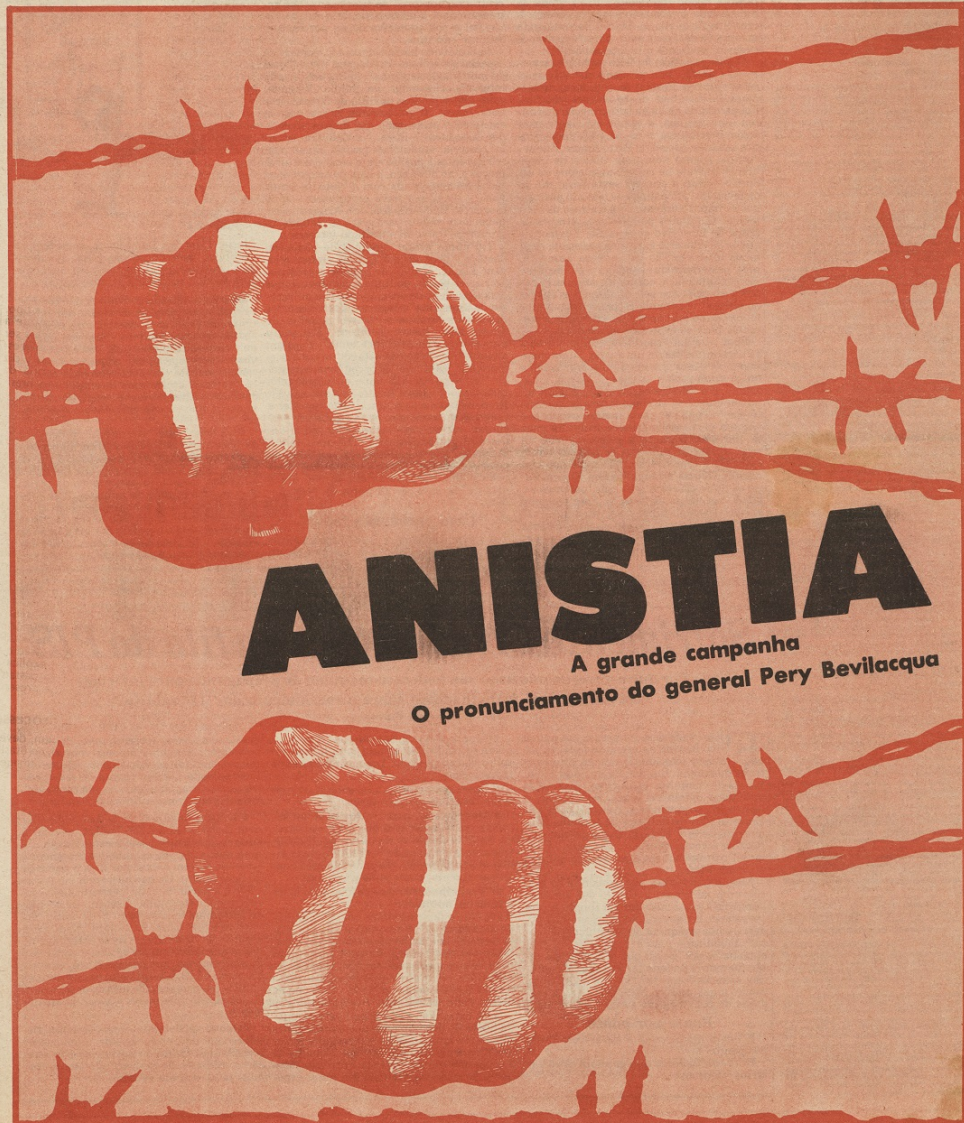
Capas de Cassio Loredano: acima, edição n.60, 1973; à esquerda, caricatura de Nixon, 1974.



# MOVIMENTO

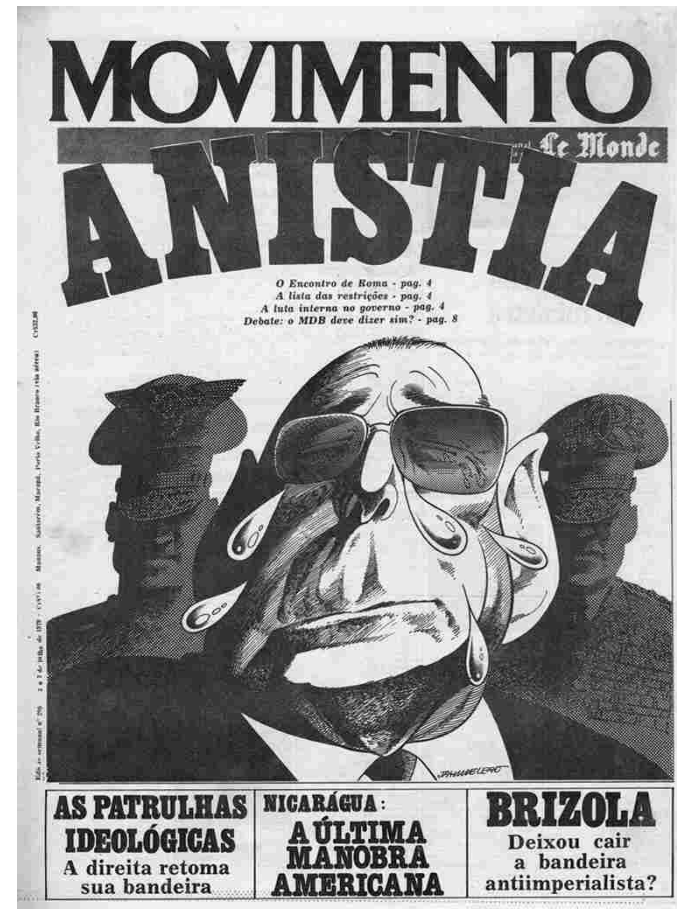


Com a edição semanal  
brasileira do **Le Monde**



Manaus, Santarém, Altamira, Macapá, Porto Velho, Rio Branco (via aérea) Cr\$ 20,00

Edição semanal - nº 138 - 20 de fevereiro de 1978 - Cr\$ 15,00



## Movimento (1975 – 1981)

O jornal circulou regularmente até 1980, quando começaram a ocorrer ameaças e atentados, por parte de setores da extrema direita, contra bancas de jornal em São Paulo, Londrina, Rio de Janeiro, Goiânia e Salvador.

Em mensagens anônimas, os extremistas acusavam os jornalheiros de fazerem "propaganda do comunismo" pois vendiam jornais da imprensa alternativa.

No canto à esquerda, capa de fevereiro de 1978.

Ao lado, capa de Jayme Leão, julho de 1979.





Doze jornais eram citados na lista negra desses grupos da direita - *Movimento* incluído.

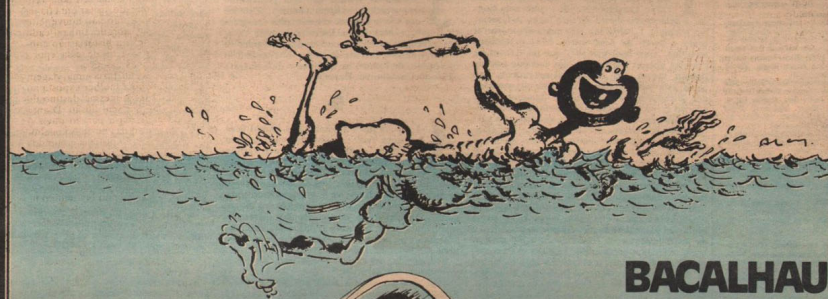
Os atentados ocorrem na madrugada, visando os quiosques que vendiam jornais independentes e de oposição ao governo. Incêndios de várias bancas de jornal acabaram por aterrorizar os jornaleiros, obrigando-os a deixar de vender os jornais alternativos e assim determinando o fim da sua circulação.

Foto ao lado: Cynthia Brito / CPDoc JB.  
Acima, capa do jornal *Movimento*, julho de 1980.



# MOVIMENTO

## A DEMOCRACIA MODERNA DE FALCÃO



**BACALHAU**  
Vendendo o peixe  
dos tubarões

Manaus, Santarém, Altamira, Macapá, Boa Vista, Porto Velho, Rio Branco (via aérea) Cr\$ 10,00

nº 60 Cr\$ 7,00 23 de agosto de 1976

# MOVIMENTO

## CASSAÇÕES

Nadyr Rosseti / Amaury Muller / Lysâneas Maciel

Entre o cifrão  
e a parede  
As novas tendências  
do cinema brasileiro

Aventuras  
da Coca-Cola  
na terra  
do Guaraná

As  
calcinhas Hope  
valorizam  
o corpo  
da mulher?  
Em quanto?

O JECA  
CONTRA O  
TUBARÃO  
entrevista  
com Mazzaropi



5 de abril de 1976 nº 40 Cr\$6,00

Capas de Jayme Leão: edição n.40, de abril de 1976, e n.60, de agosto de 1976.





problemas e considera Em uma realidade de um conflito de estação, mas não se de enfren- guerra. Estamos e a sorte de Não como do se acedia do Norte e do Norte abe utilizar subestimar a América Latina falar, mas r. Nos cre- Latina tem ea que se concretas créditos e uma, pro- mente de edícios con- de 90% de umam para um para o a América a estera de de créditougar existe res em ex- de em con- problemas ade, quan- tem uma o dólares e a parte va a fêm uma ade cabe a res ao ano. países não problemas. "Como voçes falam tanto em justiça internacional, se não são capazes de fazer justiça dentro de seus próprios países!" Isto nos causa um dano muito grande de fato. Ditem. "Voçes, quando 40% da América Latina estão na extrema pobreza, falam de justiça internacional mas não são capazes de realizá-la dentro de seus próprios países!"

A quarta razão de que seja débil a posição da América Latina é assim formulada: "Como voçes falam tanto em justiça internacional, se não são capazes de fazer justiça dentro de seus próprios países!" Isto nos causa um dano muito grande de fato. Ditem. "Voçes, quando 40% da América Latina estão na extrema pobreza, falam de justiça internacional mas não são capazes de realizá-la dentro de seus próprios países!"

nossa opifundament- caso da são as de- atina? Por atuinmen- tem tão nas deci- meiro, é o dade poli- ente onde i estáveis po longo, mas com mental. A um fato laramente m respon- burge uma rras, con- stantes de ver o olvia, em a. em minha posição é i creio que to que se perências vivendo sôdancia a itopismo lceli dizer spécie de que não talidade e são, uma m alguns a certos pousa a o muitas eração é ente forte por uma m. m minha América ridia. Du dial é que chado de m pouco e propõe e tem con-

GRIL0 1980

"O aparato destrutivo é dirigido contra o Terceiro Mundo"

Amílcar Herrera

sistência, que não medita sobre as coisas, que não as estuda. O mun- do vê a América Latina como um continente dividido. Talvez para voçes, brasileiros, isto é o menos grave, porque são um imenso país integrado. Mas para a América Latina, a divisão é a impossi- bilidade de integração real seria é uma debilidade muito grande no conceito internacional.

A quarta razão de que seja débil a posição da América Latina é assim formulada: "Como voçes falam tanto em justiça internacional, se não são capazes de fazer justiça dentro de seus próprios países!" Isto nos causa um dano muito grande de fato. Ditem. "Voçes, quando 40% da América Latina estão na extrema pobreza, falam de justiça internacional mas não são capazes de realizá-la dentro de seus próprios países!"

nossa opifundament- caso da são as de- atina? Por atuinmen- tem tão nas deci- meiro, é o dade poli- ente onde i estáveis po longo, mas com mental. A um fato laramente m respon- burge uma rras, con- stantes de ver o olvia, em a. em minha posição é i creio que to que se perências vivendo sôdancia a itopismo lceli dizer spécie de que não talidade e são, uma m alguns a certos pousa a o muitas eração é ente forte por uma m. m minha América ridia. Du dial é que chado de m pouco e propõe e tem con-

GRIL0 1980

"O aparato destrutivo é dirigido contra o Terceiro Mundo"

Amílcar Herrera



"O aparato destrutivo é dirigido contra o Terceiro Mundo"

Amílcar Herrera

sistência, que não medita sobre as coisas, que não as estuda. O mun- do vê a América Latina como um continente dividido. Talvez para voçes, brasileiros, isto é o menos grave, porque são um imenso país integrado. Mas para a América Latina, a divisão é a impossi- bilidade de integração real seria é uma debilidade muito grande no conceito internacional.

A quarta razão de que seja débil a posição da América Latina é assim formulada: "Como voçes falam tanto em justiça internacional, se não são capazes de fazer justiça dentro de seus próprios países!" Isto nos causa um dano muito grande de fato. Ditem. "Voçes, quando 40% da América Latina estão na extrema pobreza, falam de justiça internacional mas não são capazes de realizá-la dentro de seus próprios países!"

nossa opifundament- caso da são as de- atina? Por atuinmen- tem tão nas deci- meiro, é o dade poli- ente onde i estáveis po longo, mas com mental. A um fato laramente m respon- burge uma rras, con- stantes de ver o olvia, em a. em minha posição é i creio que to que se perências vivendo sôdancia a itopismo lceli dizer spécie de que não talidade e são, uma m alguns a certos pousa a o muitas eração é ente forte por uma m. m minha América ridia. Du dial é que chado de m pouco e propõe e tem con-

GRIL0 1980

"O aparato destrutivo é dirigido contra o Terceiro Mundo"

Amílcar Herrera

sistência, que não medita sobre as coisas, que não as estuda. O mun- do vê a América Latina como um continente dividido. Talvez para voçes, brasileiros, isto é o menos grave, porque são um imenso país integrado. Mas para a América Latina, a divisão é a impossi- bilidade de integração real seria é uma debilidade muito grande no conceito internacional.

A quarta razão de que seja débil a posição da América Latina é assim formulada: "Como voçes falam tanto em justiça internacional, se não são capazes de fazer justiça dentro de seus próprios países!" Isto nos causa um dano muito grande de fato. Ditem. "Voçes, quando 40% da América Latina estão na extrema pobreza, falam de justiça internacional mas não são capazes de realizá-la dentro de seus próprios países!"

nossa opifundament- caso da são as de- atina? Por atuinmen- tem tão nas deci- meiro, é o dade poli- ente onde i estáveis po longo, mas com mental. A um fato laramente m respon- burge uma rras, con- stantes de ver o olvia, em a. em minha posição é i creio que to que se perências vivendo sôdancia a itopismo lceli dizer spécie de que não talidade e são, uma m alguns a certos pousa a o muitas eração é ente forte por uma m. m minha América ridia. Du dial é que chado de m pouco e propõe e tem con-

Como falar da redistribuição da renda mundial se em seus países há diferenças lunares entre os ricos e os pobres? E muitas vezes em seus países os ricos têm um nível de vida que não podem ter nem os ricos dos países desenvolvidos.

Não há dúvida, trata-se de uma crítica muito forte e difundida. Por último, eu creio que a América Latina continuará sendo débil enquanto não afirmar sua democracia. Não estou falando de um democratismo obsoleto. Estou falando de democracia em essen- cia. O respeito ao direito, à liber- dade, à dignidade humana, aos direitos humanos, a participação do povo no sentido de que sejamos realmente uma democracia não somente porque há eleições. É im- portante que haja eleições, mas isso não é tudo numa democracia, que significa uma participação na vida da nação, de forma orga- nizada.

Há muita gente que desconfia desses informes, e às vezes com razão. Mas o problema é o seguin- te: aqui há um informe que propõe um conjunto de problemas e um conjunto de soluções. E eu vi que houve muito interesse nos países desenvolvidos que nos países em desenvolvimento, apesar de que o informe estabelece fundamental- mente a injustiça, o fato de que as nações desenvolvidas têm muito mais obrigação quanto ao que ficou dito que o sul.

Esta é a razão pela qual eu creio que é importante, num grande for- nal brasileiro, que se convide um grupo de pessoas tão distintas, para analisar, discutir e criticar o informe e não a conhecer a opinião pública. Eu sou muito otimista, e digo que os jovens sobretudo, não podem deixar de ter esperança. Apesar dos fracassos, das frustrações, eu creio que se vai avançando. E apesar de se dizer que este mundo de hoje é pior do que nunca, eu creio que caminhamos sempre, firmemen- te, para um mundo melhor. Eu es-

creio que a América Latina continuará sendo débil enquanto não afirmar sua democracia. Não estou falando de um democratismo obsoleto. Estou falando de democracia em essen- cia. O respeito ao direito, à liber- dade, à dignidade humana, aos direitos humanos, a participação do povo no sentido de que sejamos realmente uma democracia não somente porque há eleições. É im- portante que haja eleições, mas isso não é tudo numa democracia, que significa uma participação na vida da nação, de forma orga- nizada.

Há muita gente que desconfia desses informes, e às vezes com razão. Mas o problema é o seguin- te: aqui há um informe que propõe um conjunto de problemas e um conjunto de soluções. E eu vi que houve muito interesse nos países desenvolvidos que nos países em desenvolvimento, apesar de que o informe estabelece fundamental- mente a injustiça, o fato de que as nações desenvolvidas têm muito mais obrigação quanto ao que ficou dito que o sul.

Esta é a razão pela qual eu creio que é importante, num grande for- nal brasileiro, que se convide um grupo de pessoas tão distintas, para analisar, discutir e criticar o informe e não a conhecer a opinião pública. Eu sou muito otimista, e digo que os jovens sobretudo, não podem deixar de ter esperança. Apesar dos fracassos, das frustrações, eu creio que se vai avançando. E apesar de se dizer que este mundo de hoje é pior do que nunca, eu creio que caminhamos sempre, firmemen- te, para um mundo melhor. Eu es-

creio que a América Latina continuará sendo débil enquanto não afirmar sua democracia. Não estou falando de um democratismo obsoleto. Estou falando de democracia em essen- cia. O respeito ao direito, à liber- dade, à dignidade humana, aos direitos humanos, a participação do povo no sentido de que sejamos realmente uma democracia não somente porque há eleições. É im- portante que haja eleições, mas isso não é tudo numa democracia, que significa uma participação na vida da nação, de forma orga- nizada.

Há muita gente que desconfia desses informes, e às vezes com razão. Mas o problema é o seguin- te: aqui há um informe que propõe um conjunto de problemas e um conjunto de soluções. E eu vi que houve muito interesse nos países desenvolvidos que nos países em desenvolvimento, apesar de que o informe estabelece fundamental- mente a injustiça, o fato de que as nações desenvolvidas têm muito mais obrigação quanto ao que ficou dito que o sul.

Esta é a razão pela qual eu creio que é importante, num grande for- nal brasileiro, que se convide um grupo de pessoas tão distintas, para analisar, discutir e criticar o informe e não a conhecer a opinião pública. Eu sou muito otimista, e digo que os jovens sobretudo, não podem deixar de ter esperança. Apesar dos fracassos, das frustrações, eu creio que se vai avançando. E apesar de se dizer que este mundo de hoje é pior do que nunca, eu creio que caminhamos sempre, firmemen- te, para um mundo melhor. Eu es-

creio que a América Latina continuará sendo débil enquanto não afirmar sua democracia. Não estou falando de um democratismo obsoleto. Estou falando de democracia em essen- cia. O respeito ao direito, à liber- dade, à dignidade humana, aos direitos humanos, a participação do povo no sentido de que sejamos realmente uma democracia não somente porque há eleições. É im- portante que haja eleições, mas isso não é tudo numa democracia, que significa uma participação na vida da nação, de forma orga- nizada.

tou vivendo uma vida dura, não pessoalmente, mas porque sou por minha pátria. E contudo tenho esperança, e me dá, às vezes, quando encontro gente jovem que a perdeu. Porque se a juventude perde a esperança, o que resta ao mundo? Não resta nada.

A crise mundial é uma crise da espécie

SERRA — A exposição do presidente Frei, eu a tomo como uma espécie de pano de fundo para a discussão desta noite. E eu pediria ao professor Amílcar Herrera e ao Fernando Henrique Cardoso, que fizesses as suas associações gerais sobre o debate em torno da nova ordem econômica internacional, deixando que os detalhes expôssemos se manifestem sobre temas mais específicos, pertinentes ao debate.

AMÍLCAR HERRERA — A nova ordem econômica internacional é uma coisa estranha, porque poucas vezes se falou tanto de tão pouco. Até agora, quase tudo o que houve a respeito foi um monólogo. O informe Brandt realmente, pela primeira vez, apresentou uma proposta que pode ser discutida e eu farei uma análise crítica sobretudo das suas premissas. Em primeiro lugar, vou me referir ao texto da proposta. O senhor Frei disse coisas muito interessantes. Mas para começar há dois pontos que me parecem essenciais. Um é que toda a análise deste tipo tem uma alta dose de subjetividade.

O segundo ponto é que não me parece justo fazer a análise de um informe como este, sem primeiro tratar de esclarecer qual o marco de referência. É fundamental levar em conta que as pessoas que participaram da sua elaboração são, em boa parte, estadistas, pessoas que tiveram a responsabili- dade de conduzir países ou organizações de muito peso. Em segundo lugar, o informe está dirigido a estadistas e a pessoas

nifica, isso não é não ter esperança. Eu tenho esperança, mas creio que essa esperança parte pri- meiramente de uma posição realista. Creio que a crise mundial, mais que uma crise do sistema econô- mico, é uma crise da espécie, da espécie biológica. O homem en- frenta uma crise quando se de- scontra com algo que possa levar à sua destruição.

O segundo ponto é que não me parece justo fazer a análise de um informe como este, sem primeiro tratar de esclarecer qual o marco de referência. É fundamental levar em conta que as pessoas que participaram da sua elaboração são, em boa parte, estadistas, pessoas que tiveram a responsabili- dade de conduzir países ou organizações de muito peso. Em segundo lugar, o informe está dirigido a estadistas e a pessoas

nifica, isso não é não ter esperança. Eu tenho esperança, mas creio que essa esperança parte pri- meiramente de uma posição realista. Creio que a crise mundial, mais que uma crise do sistema econô- mico, é uma crise da espécie, da espécie biológica. O homem en- frenta uma crise quando se de- scontra com algo que possa levar à sua destruição.

O segundo ponto é que não me parece justo fazer a análise de um informe como este, sem primeiro tratar de esclarecer qual o marco de referência. É fundamental levar em conta que as pessoas que participaram da sua elaboração são, em boa parte, estadistas, pessoas que tiveram a responsabili- dade de conduzir países ou organizações de muito peso. Em segundo lugar, o informe está dirigido a estadistas e a pessoas

nifica, isso não é não ter esperança. Eu tenho esperança, mas creio que essa esperança parte pri- meiramente de uma posição realista. Creio que a crise mundial, mais que uma crise do sistema econô- mico, é uma crise da espécie, da espécie biológica. O homem en- frenta uma crise quando se de- scontra com algo que possa levar à sua destruição.

O segundo ponto é que não me parece justo fazer a análise de um informe como este, sem primeiro tratar de esclarecer qual o marco de referência. É fundamental levar em conta que as pessoas que participaram da sua elaboração são, em boa parte, estadistas, pessoas que tiveram a responsabili- dade de conduzir países ou organizações de muito peso. Em segundo lugar, o informe está dirigido a estadistas e a pessoas

nifica, isso não é não ter esperança. Eu tenho esperança, mas creio que essa esperança parte pri- meiramente de uma posição realista. Creio que a crise mundial, mais que uma crise do sistema econô- mico, é uma crise da espécie, da espécie biológica. O homem en- frenta uma crise quando se de- scontra com algo que possa levar à sua destruição.



"Quando se organiza a ordem, quem a organiza? Os poderosos"

Fernando H. Cardoso

nifica, isso não é não ter esperança. Eu tenho esperança, mas creio que essa esperança parte pri- meiramente de uma posição realista. Creio que a crise mundial, mais que uma crise do sistema econô- mico, é uma crise da espécie, da espécie biológica. O homem en- frenta uma crise quando se de- scontra com algo que possa levar à sua destruição.

O segundo ponto é que não me parece justo fazer a análise de um informe como este, sem primeiro tratar de esclarecer qual o marco de referência. É fundamental levar em conta que as pessoas que participaram da sua elaboração são, em boa parte, estadistas, pessoas que tiveram a responsabili- dade de conduzir países ou organizações de muito peso. Em segundo lugar, o informe está dirigido a estadistas e a pessoas

nifica, isso não é não ter esperança. Eu tenho esperança, mas creio que essa esperança parte pri- meiramente de uma posição realista. Creio que a crise mundial, mais que uma crise do sistema econô- mico, é uma crise da espécie, da espécie biológica. O homem en- frenta uma crise quando se de- scontra com algo que possa levar à sua destruição.

O segundo ponto é que não me parece justo fazer a análise de um informe como este, sem primeiro tratar de esclarecer qual o marco de referência. É fundamental levar em conta que as pessoas que participaram da sua elaboração são, em boa parte, estadistas, pessoas que tiveram a responsabili- dade de conduzir países ou organizações de muito peso. Em segundo lugar, o informe está dirigido a estadistas e a pessoas

nifica, isso não é não ter esperança. Eu tenho esperança, mas creio que essa esperança parte pri- meiramente de uma posição realista. Creio que a crise mundial, mais que uma crise do sistema econô- mico, é uma crise da espécie, da espécie biológica. O homem en- frenta uma crise quando se de- scontra com algo que possa levar à sua destruição.

O segundo ponto é que não me parece justo fazer a análise de um informe como este, sem primeiro tratar de esclarecer qual o marco de referência. É fundamental levar em conta que as pessoas que participaram da sua elaboração são, em boa parte, estadistas, pessoas que tiveram a responsabili- dade de conduzir países ou organizações de muito peso. Em segundo lugar, o informe está dirigido a estadistas e a pessoas

nifica, isso não é não ter esperança. Eu tenho esperança, mas creio que essa esperança parte pri- meiramente de uma posição realista. Creio que a crise mundial, mais que uma crise do sistema econô- mico, é uma crise da espécie, da espécie biológica. O homem en- frenta uma crise quando se de- scontra com algo que possa levar à sua destruição.

O segundo ponto é que não me parece justo fazer a análise de um informe como este, sem primeiro tratar de esclarecer qual o marco de referência. É fundamental levar em conta que as pessoas que participaram da sua elaboração são, em boa parte, estadistas, pessoas que tiveram a responsabili- dade de conduzir países ou organizações de muito peso. Em segundo lugar, o informe está dirigido a estadistas e a pessoas





Luis Trimano: Série Estigmas, ilustrações sobre “Poemas Humanos” de César Vallejo, nanquim e guache, de 1986-87.

“Na ilustração para o jornalismo, o **homem comum é o protagonista**, e isto nos leva à ilustração política, ou de comentário político (...). O artista ilustrador de imprensa, além da obrigação de aperfeiçoar seu desenho, é levado a ampliar seus conhecimentos sobre os diversos temas que compõem o jornal, onde se mostra a realidade do mundo. Depois que a gente se conscientiza de tudo isso, começa o aprendizado do desenhista dentro do jornalismo, e o **jornalismo é dinamismo, política e ação.**”

Trecho de entrevista de Luis Trimano, ABI, abril de 2010.





**Ralph Steadman e os espirros de tinta**

Steadman começa um esboço jogando tinta em seu papel e depois adicionando linhas. “Você se surpreende, e isso é muito bom”, diz ele. Foto: Charlie Paul.



# ROLLING STONE

No. 95  
November 11, 1971  
60c  
UK 15 p

Our Fourth  
Anniversary Issue

**Fear and  
Loathing in  
Las Vegas: A  
Savage Journey  
to the Heart  
of the American  
Dream**  
by Raoul  
Duke



**Beach Boys:  
Part Two of A  
California Saga**

**The Band: "It's  
The Restless Age"**  
by Jon Landau

**C.S.N. & Y Come  
Together Again**

**At Work with  
Fellini On His  
Next Epic**

**From Texas: The  
Young Americans  
For Freedom in  
Congress**



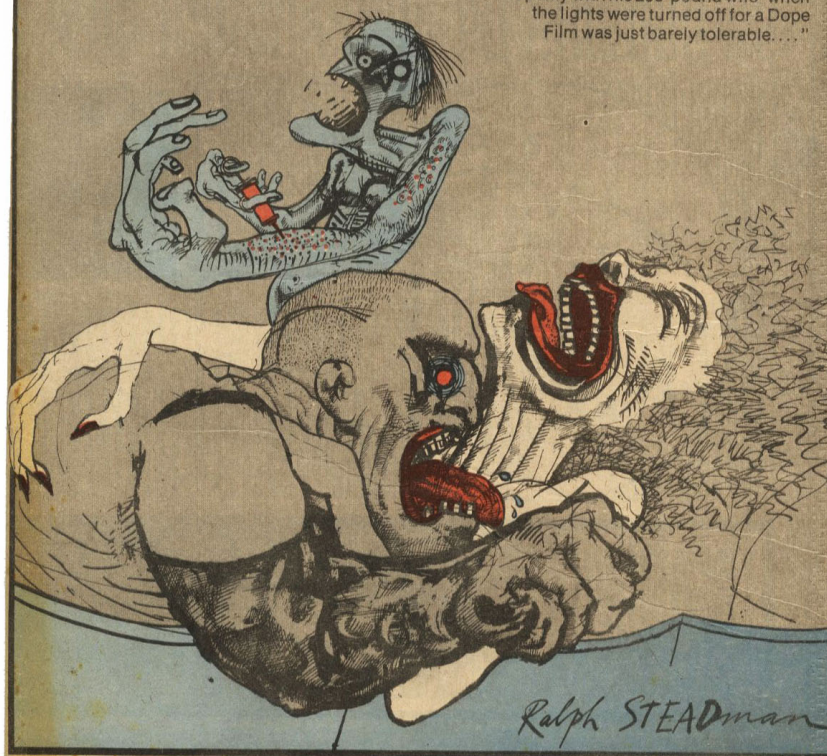
# ROLLING STONE

No. 96 November 25, 1971

UK 15 p 60c

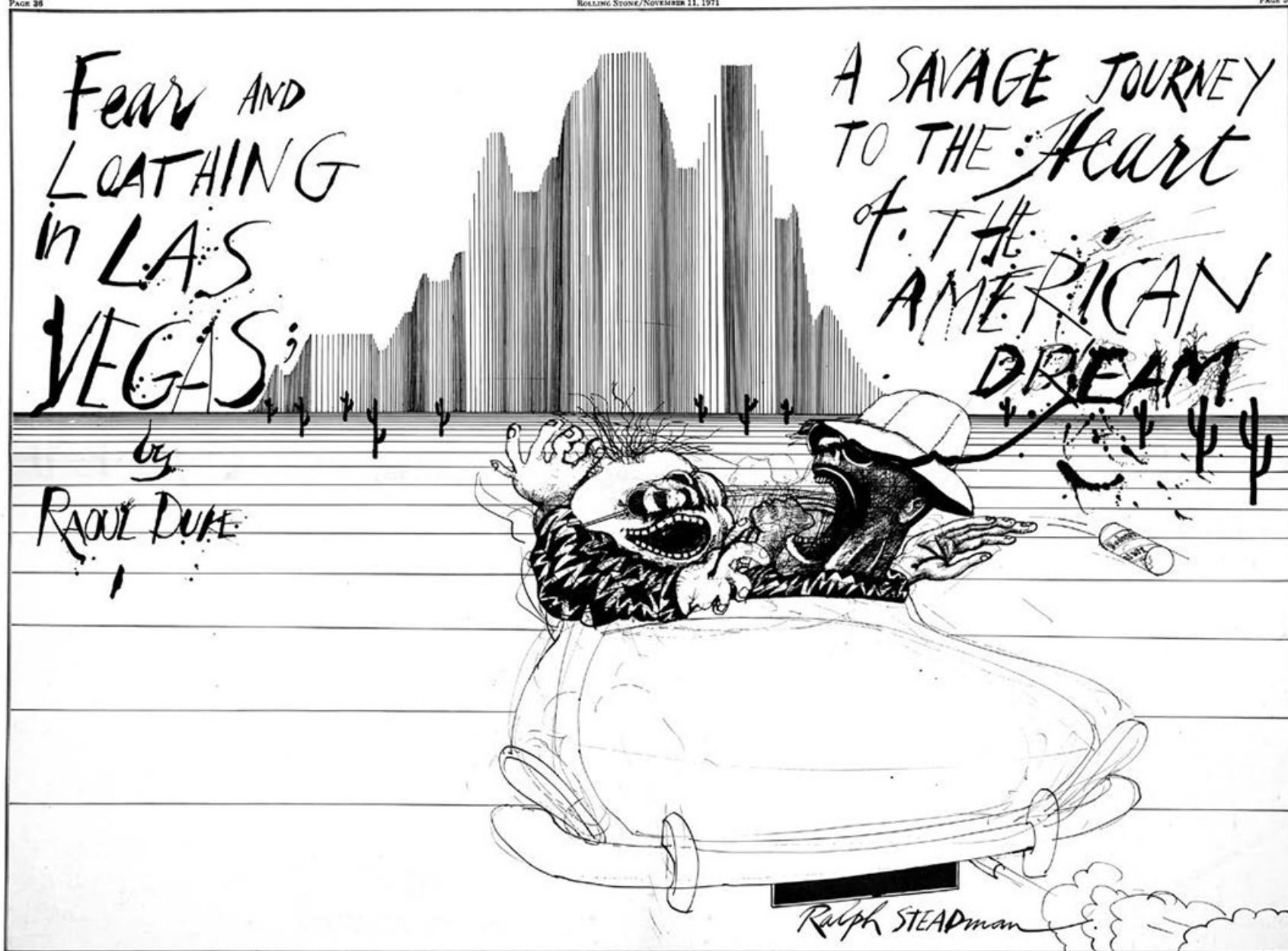
**Duane Allman's Final Days on the Road**  
**The Five Year Plan of Donovan R. Leitch**  
**The Conclusion of Fear and Loathing in Las Vegas, A  
Savage Journey to the Heart of the American Dream**

"The sight of a 344-pound police  
chief from Waco, Texas, necking  
openly with his 290-pound wife when  
the lights were turned off for a Dope  
Film was just barely tolerable...."



Capas de Ralph  
Steadman para a Rolling  
Stone sobre a  
reportagem "Fear and  
Loathing in Las Vegas – a  
savage journey to the  
heart of the American  
Dream" de Hunter S.  
Thompson, 1971.





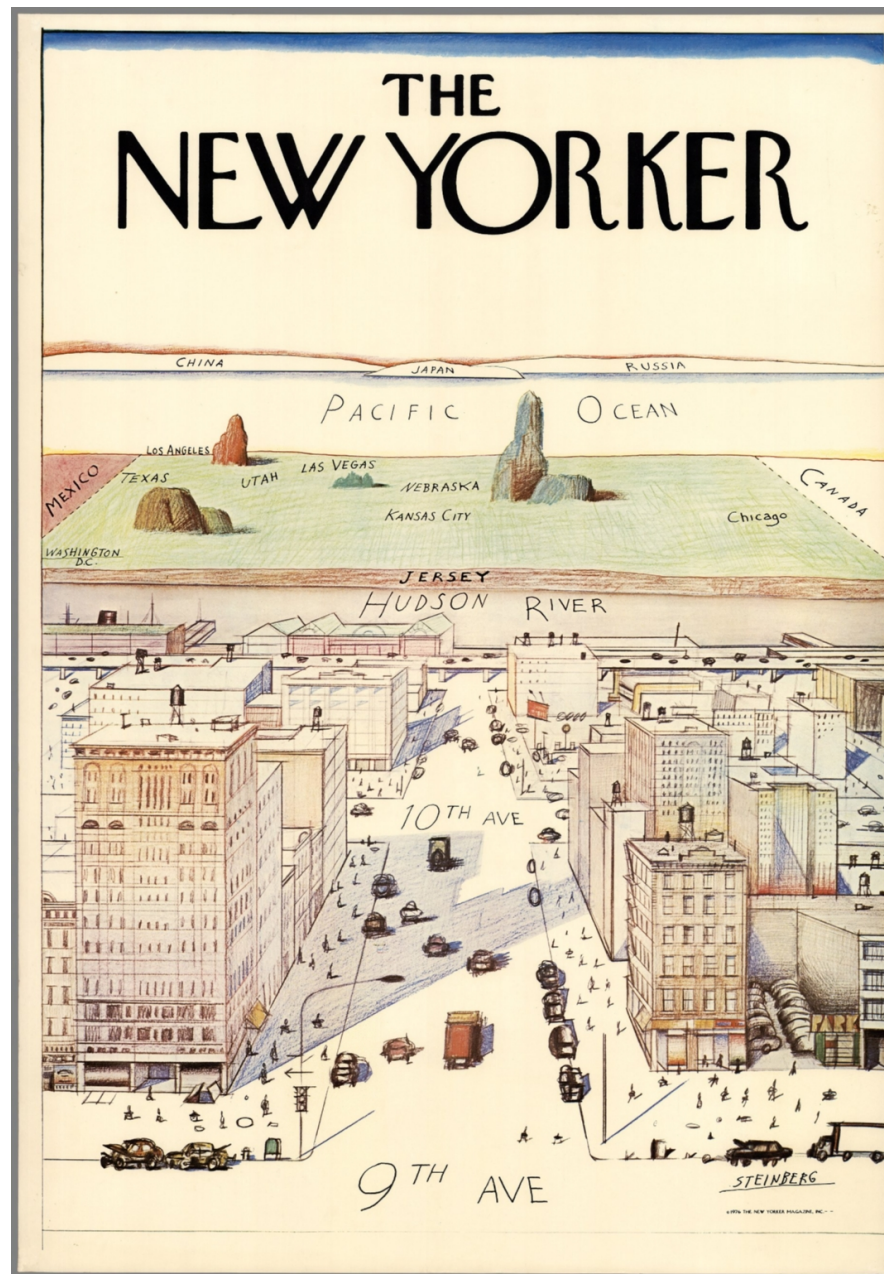
Acima, Ralph Steadman e Hunter S. Thompson, o criador do “jornalismo Gonzo”: nele, o jornalista é o personagem principal da reportagem e incorpora ao texto aspectos do cenário e da ação que jornalistas, de modo geral, não dariam importância.

Raoul Duke é o personagem fictício e anti-herói baseado em Hunter S. Thompson em seu romance autobiográfico “Fear and Loathing in Las Vegas / Medo e Repugnância em Las Vegas”.

Ao lado, desenho de Steadman publicado na Rolling Stone em 1971.

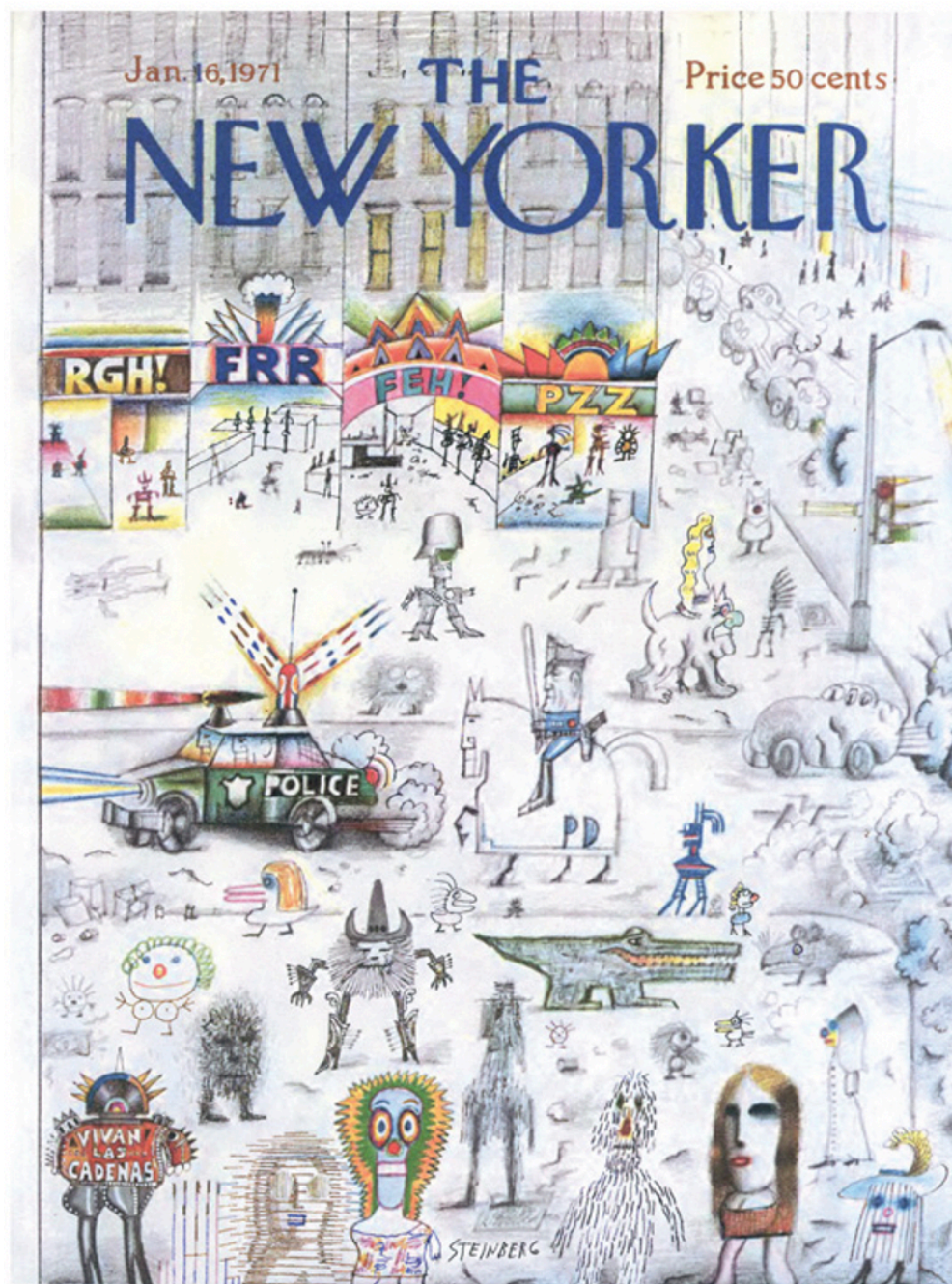
Foto: KMazur / WireImage





Saul Steinberg: acima à esquerda, a famosa ilustração “View of the World from 9<sup>th</sup> Avenue”, capa da New Yorker, 1976; à direita, desenho de 1986.

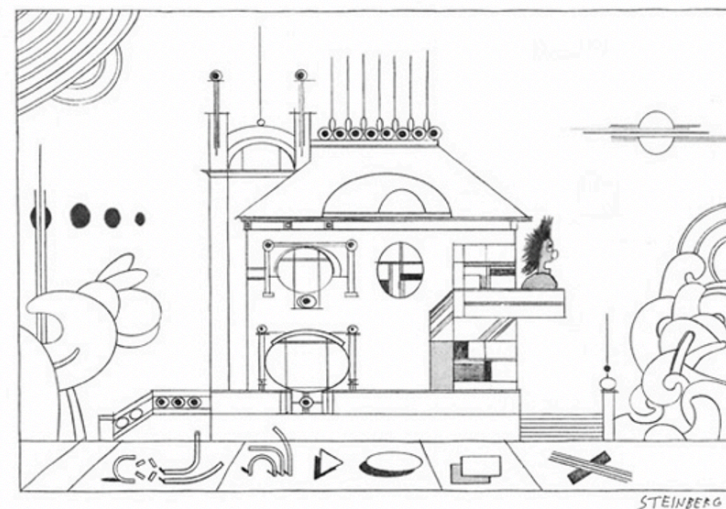
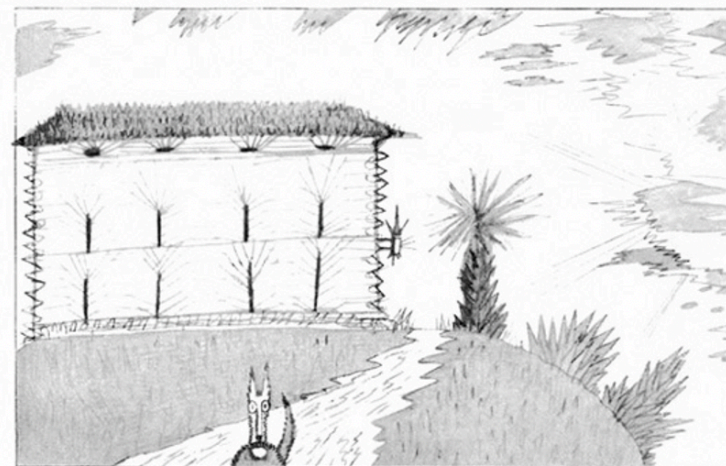




Saul Steinberg: capa da The New Yorker, 1971.







Saul Steinberg: a partir de 1973 praticamente todos os seus trabalhos para a New Yorker viriam a ser publicados no formato Portfolio.

Ao lado, Steinberg com seu gato Papoose, 1974.





Emory Douglas – Artista americano, nascido em 1943, que trabalhou como Ministro da Cultura do Partido dos Black Panthers de 1967 até o partido se dissolver na década de 1980. Sua arte gráfica foi destaque na maior parte das edições do jornal The Black Panther. Acima, foto de Emory publicada na revista Print em 2015.





Douglas redesenhou o jornal e passou a explorar tecnologias de impressão baratas – impressão fotostática e presstype, texturas e estampas/grafismos – tornando possível a publicação de um tablóide semanal em duas cores, fortemente ilustrado. Os valores da produção gráfica associados à publicidade sedutora e ao desperdício em uma sociedade decadente se tornaram armas da revolução. Foto de Stephen Shames, 1970.



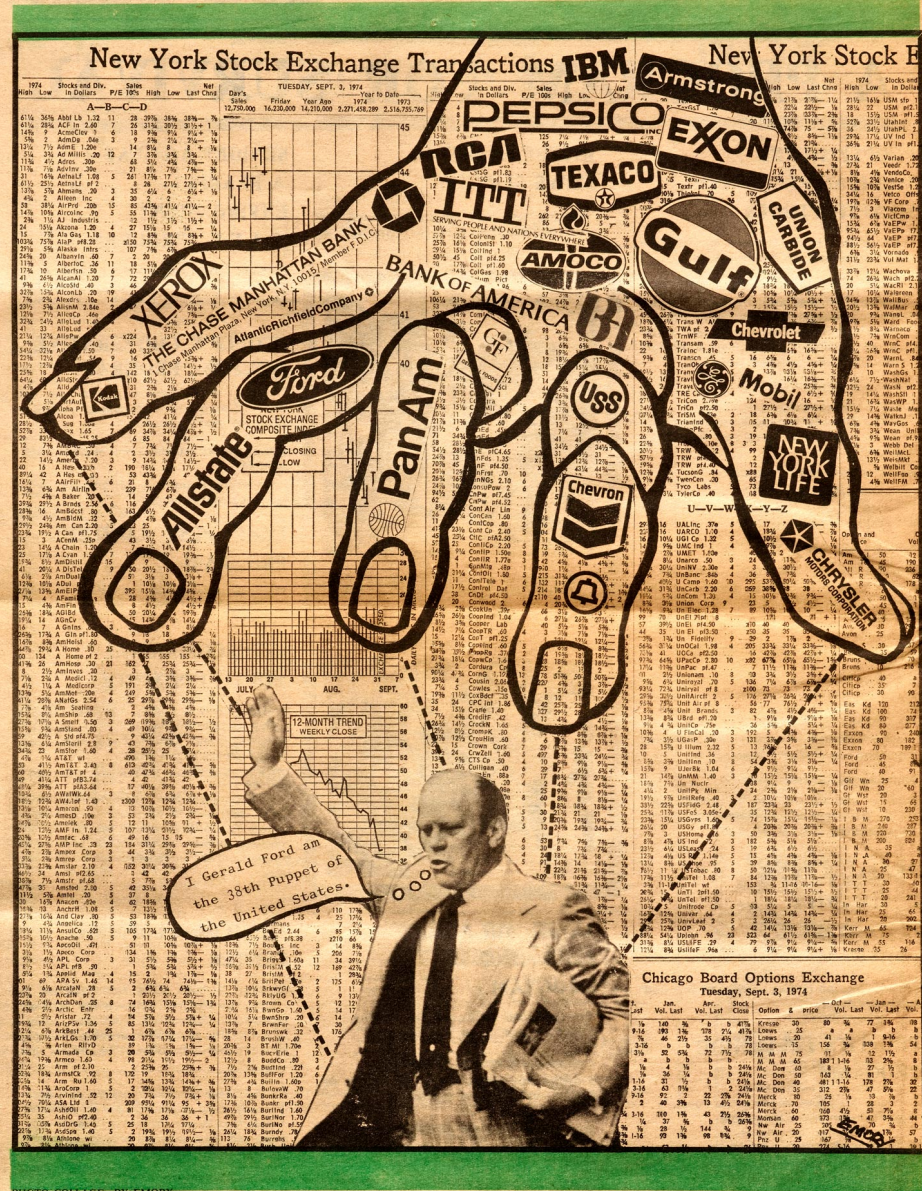


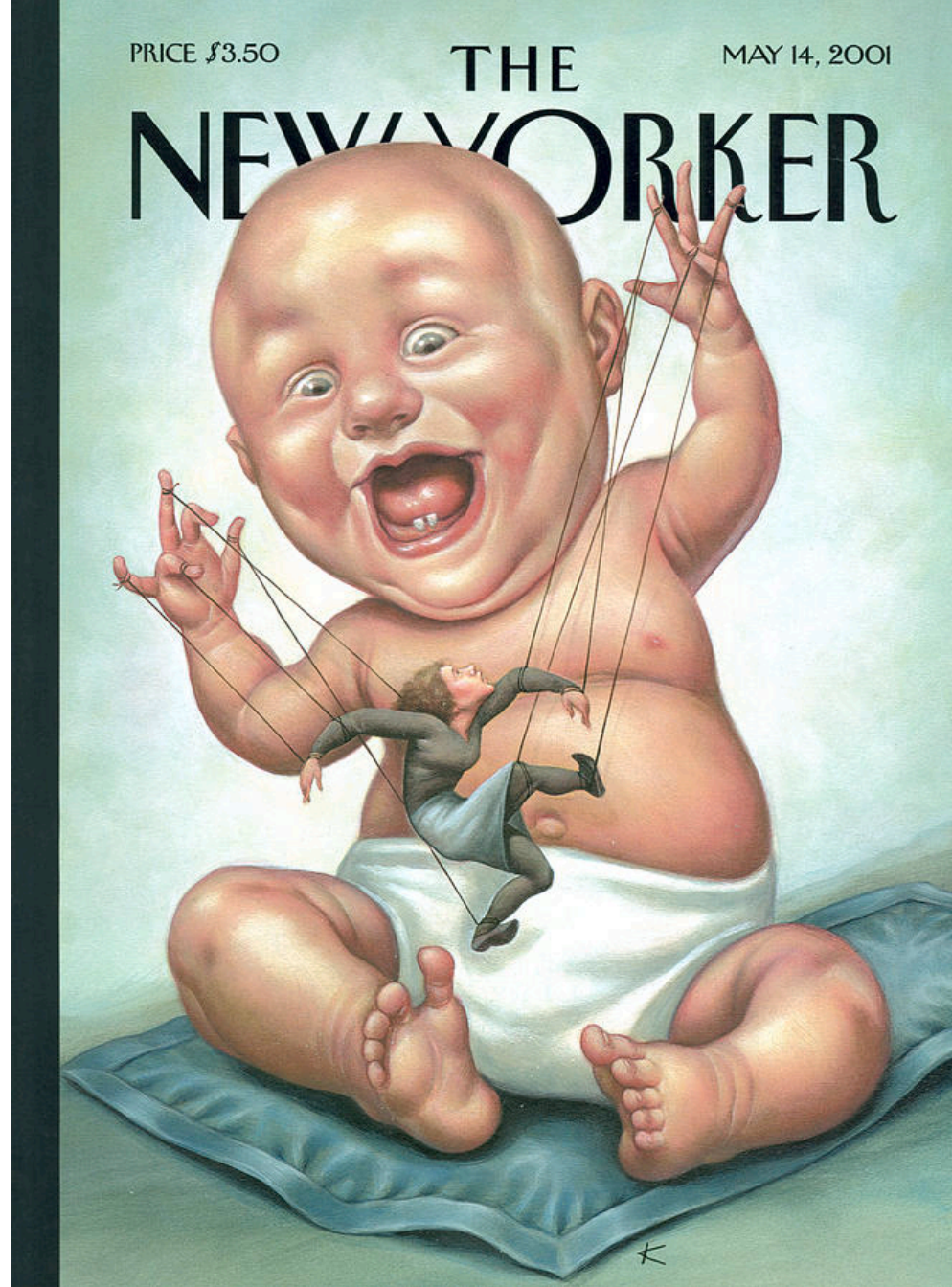
PHOTO COLLAGE BY EMORY

WE SHALL SURVIVE, WITHOUT A DOUBT



Acima, páginas do jornal The Black Panther com trabalhos de Emory Douglas.





Anita Kunz: capas para a revista The New Yorker, 2001 e 2016.



# ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: OPINIÃO

Processo criativo / Geração de idéias



# **Ilustração: estendendo uma idéia**

Vamos agora conferir o trabalho de Edel Rodriguez e perceber como uma idéia não precisa ficar limitada a uma ilustração.

Ela pode promover continuidade em uma matéria, integrando e conferindo unidade às várias páginas.

Uma solução pode eventualmente, também, ser utilizada em outras revistas e trabalhos – sempre trazendo alguma nova surpresa, como se fosse uma “série”.

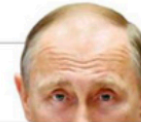




Edel Rodriguez: capas com Trump para a alemã Der Spiegel e a americana Time, 2018.



"The Russians had honed their craft, while the FBI agents were struggling to keep up." » P.16



NATIONAL SECURITY

# Madman on the Potomac

Can anyone stop Trump from starting a nuclear war with North Korea?

**ONE NIGHTMARE SCENARIO GOES LIKE THIS:** Donald Trump emerges from his White House bedroom in the middle of the night, cell phone in hand, enraged by the latest taunt from North Korea's Kim Jong Un. He spots the military aide sitting in the corridor with a black valise in his lap. It's called the nuclear football.

"I'm gonna take care of this son of a bitch once and for all," Trump growls. "Big time. Gimme the codes."

The aide cracks open the valise and hands the president a loose-leaf binder with a colorful menu of Armageddon options. They range from total annihilation plans for Russia and China down to a variety of strikes tailored to North Korea.

"I'll take that one," Trump says.

The aide then hands him an envelope with a set of numbers and letters, the ones that verify it's really him when he calls Defense Secretary James Mattis. It's the same code that will go down to theater commanders, B-1 bombers, Wyoming missile silos and submarines lurking off North Korea.

"Do it," he tells Mattis. "Wipe him the hell out."

What was once just a nervous joke among Washington policymakers and

military experts when Trump ran for the presidency has suddenly crept closer to a horrendous range of possibilities, judging from a *Newsweek* survey of former Pentagon officials and experts. And no one knows where the confrontation is headed after weeks of increasingly personal insults and military provocations from both sides.

On September 26, days after the Pentagon sent B-1 bombers and fighter escorts near North Korea in a display of military force, Pyongyang "moved a small number of fighter jets, external fuel tanks and air-to-air missiles to a base on its eastern coast," according to reports. And Trump threatened Pyongyang once again, saying he was prepared for "a military option" to solve the crisis, which would be "devastating."

Analysts with long experience in the region say they fear an accident—a collision of jets or ships, a wayward artillery shell—could quickly cause the situation to spiral, especially with Trump and North Korean officials exchanging insults. In his United Nations speech on September 19, Trump called Kim "Rocket Man," followed later by "Little Rocket Man." Kim responded by calling Trump a "mentally deranged U.S. dotard," a word long out of use that sent millions scurrying for

BY  
**JEFF STEIN**  
♥ *SpyTalker*

**ONE BOMBY NIGHT**  
Analysts say they fear an accident could quickly cause the North Korea standoff to spiral.

THOMAS PETERGUTTY



their dictionaries. (It means some- one decrepit and senile.) Trump then vowed that Kim and his foreign minister "won't be around much longer."

"I think this tit for tat Trump has ginned up is not only dangerous and unnecessary but creating an escalation spiral that is increasing the odds of miscalculation," says Robert Manning, a former senior U.S. intelligence expert on Korea and strategic weapons in the George W. Bush and Barack Obama administrations. "It's not just a war of words," he tells *Newsweek*. "We keep flying B-1s up their kazoo." That, along with Trump calling Kim names, says Manning, now a senior fellow with the Brent Scowcroft Center on International Security at the Atlantic Council, "inflates" Kim's ego. It's "mind-bogglingly stupid."

As if to make the point, on September 25 North Korea's foreign minister buffed Trump's threats into a declaration of war. "That's absurd," White House spokeswoman Sarah Huckabee Sanders said. The regime also vowed to "take countermeasures, including the right to shoot down bombers."

But so far, there have been no signs North Korea is preparing to attack South Korea, Japan or U.S. bases in the region, even as it threatens to explode a hydrogen bomb somewhere over the Pacific. With the acrimony deepening, however, an increasing number of analysts now fear something less lethal but profoundly dangerous: a constitutional crisis, provoked by an impulsive Trump order for a pre-emptive strike. "Someone in the chain would say no," says a former senior Pentagon official, sharing his views with *Newsweek* on condition of anonymity due to the issue's sensitivity. "That's what I believe, having worked with these guys"—meaning military leaders from Mattis on down to the U.S. forces commander in South Korea, General

Vincent Brooks. "It would be really hard for Trump to be capricious about a spur-of-the-moment attack," the former official continues. "He'd have to make it a major strategy thing that's been long planned, in consultation with Mattis and Dunford." General Joseph Dunford is chairman of the Joint Chiefs of Staff.

The former official adds that Brooks, especially, who has won a wide circle of admirers for his forthright yet nuanced views on the intersection of domestic politics and military strategy, would not follow such a midnight order. "If Brooks truly felt Trump was just saying, 'Tuck it, I want to attack today'—that there was not a truly imminent threat to U.S. forces and the homeland, he might refuse the order." Brooks could not be immediately reached for comment.

It's not likely a Trump order would get down that far, analysts say. People who know Mattis tell *Newsweek* he would resign rather than carry out an impulsive order from Trump to attack North Korea, with nuclear weapons or not. Trump could fire Mattis, but that could set off "a political firestorm and even a constitutional crisis that could prevent prompt execution of the order," says Kingston Reif, director of disarmament and threat reduction policy at the Arms Control Association in Washington, D.C.

**Kim called Trump a "mentally deranged U.S. dotard," which sent millions scurrying for their dictionaries.**

In October 1973, President Richard Nixon sparked a crisis by ordering his attorney general, Elliot Richardson, to fire the special prosecutor overseeing investigations into the crimes that became known as Watergate. Richardson refused and resigned, and so did his deputy. Nixon finally found somebody to carry out that deed, but the move backfired, inflaming the impeachment drive and forcing him from office 10 months later.

Even more relevant to Trump, says a growing chorus of commentators, is another incident from Nixon's final days, when, according to various accounts, his chief of staff Alexander Haig, an army general, asked military commanders to check back if they received any unusual directives from the deeply depressed, sometimes drunk president.

Chris Whipple, author of *The Gatekeepers: How the White House Chiefs of Staff Define Every Presidency*, tells *Newsweek* that John Kelly, Trump's chief of staff, "needs to take a page from that...and just be sure that he's in the loop when it comes to the nuclear football."

There's no rule stopping Trump from firing Mattis and continuing down the chain of command until he finds someone willing to attack North Korea, analysts say. Any defense secretary, notes Kathleen Hicks, a former principal deputy undersecretary for policy at the Pentagon, is merely "a check in the system against overenthusiasm" on the president's part for letting loose the nukes. Under the rules of the National Command Authority, the only weapon Mattis has to stop Trump's launch order is persuasion. If he blocks it, "then the president may, in his sole discretion, fire" him, it says, and tap the next person in the

**There's no rule stopping Trump from firing Mattis and continuing down the chain of command until he finds someone willing to attack North Korea.**



REIF: RODRIGUEZ

chain of command to carry it out. If he wants, Trump can reach right down to a general heading a regional command. The Uniform Code of Military Justice requires sworn officers to carry out a bad but lawful order, setting up the kind of dilemma dramatized in the hit 1992 court martial drama *A Few Good Men*.

"To say that the secretary of defense and his subordinates have a legal duty to comply with presidential orders is not to say that they should do so," Jack Goldsmith, who held high positions in the Justice and Defense departments, wrote recently. But "they have to be prepared to accept the consequences of defiance," which include "resigning...resisting until fired, informing congressional leaders (in or out of public), or quietly coordinating with the vice president and others for presidential removal under the 25th Amendment."

"All of this is uncharted territory," says Reif. And compounding the legal, military and political complexities of the situation, some analysts envision Kim hitting first with a limited strike, such as a barrage of rocket and artillery fire on Seoul, which would kill tens of thousands of people, prompting U.S. and South Korean counterfire. But then Kim could sit back and let Trump make the next big move. "President Trump would then be faced with an unimaginable decision: continue the attack and see potentially millions more die, or give in to Kim's demands and stop," wrote retired Lieutenant Colonel Daniel Davis (who served under White House national security adviser H.R. McMaster in Iraq). Given North Korea's hardened defenses, massive rocket supplies and nuclear weaponry, "the interests of the United States would be gravely harmed no matter what choice Trump makes at that point," Davis says.



# Ilustração: esboço em várias etapas

Como já foi comentado, não há regra fixa para o processo criativo, ou seja, alguns ilustradores gostam de trabalhar com esboços e outros preferem lidar com o imprevisto e surpresas durante o ato de desenhar.

De qualquer modo, o esboço é culturalmente bastante presente no meio da Ilustração Editorial.

Vamos conferir agora o trabalho do ilustrador americano Marshall Arisman, conhecido por uma abordagem gráfica bastante marcante e peculiar, pautado pelo grotesco e toques neo expressionistas.

Reparem como ele desenvolve esboços em mais de uma etapa no desenvolvimento de seu trabalho.





Marshall Arisman: capas para a revista Time, 1980 e 1981.



# Words and Pictures: Reviving the Adult Illustrated Novel

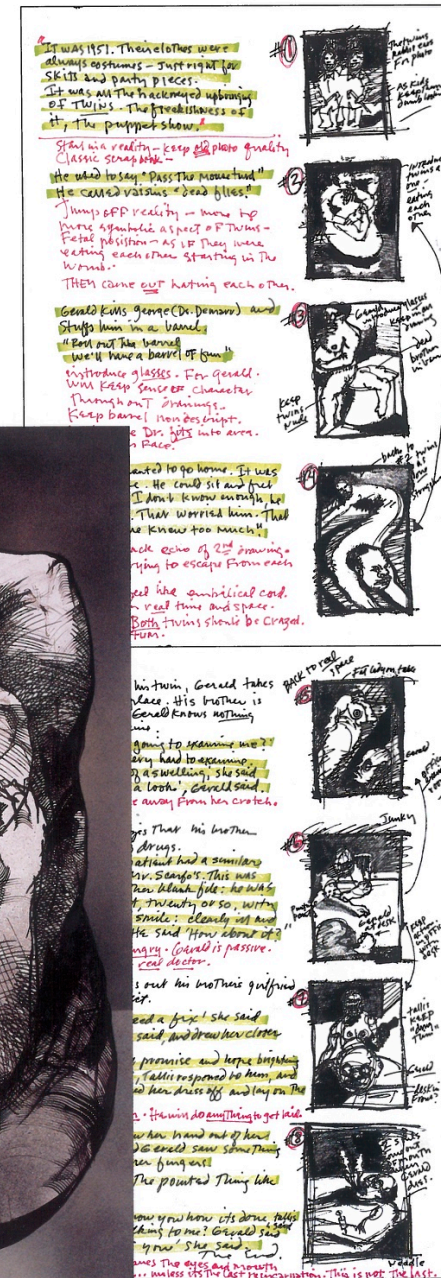
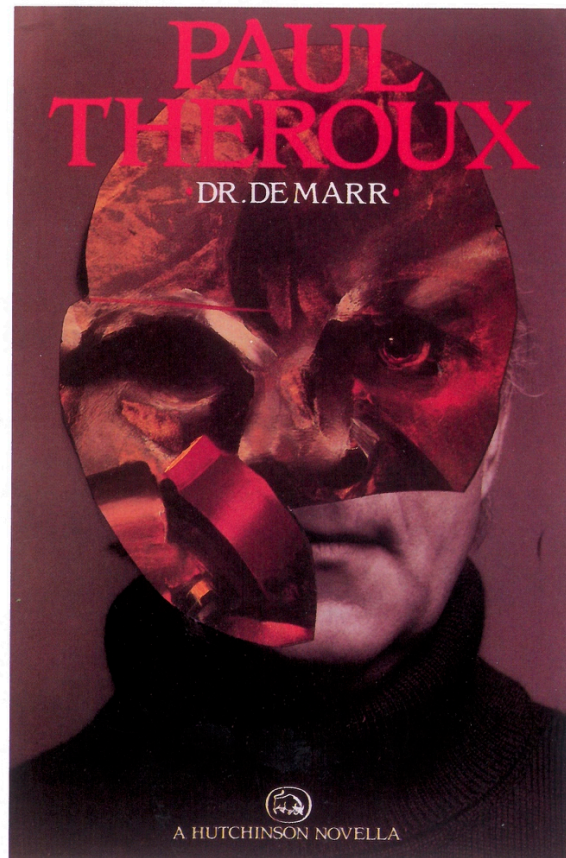
Text and images mesh in a macabre novella about twins, illustrated by Marshall Arisman.

By Susan E. Davis

Imagine that a writer and an artist—friends who share a decidedly offbeat sensibility—are asked to collaborate on an illustrated novel. Imagine the writer spinning a sinister tale of twins tied in a blood-knot of duplicity, deception and death. Imagine the artist selecting a few key scenes and then going “between the words” to express his own interpretation.

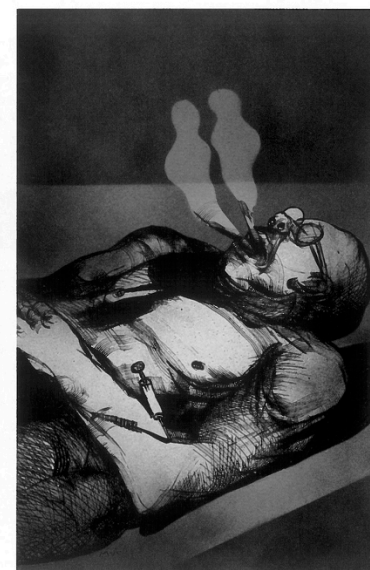
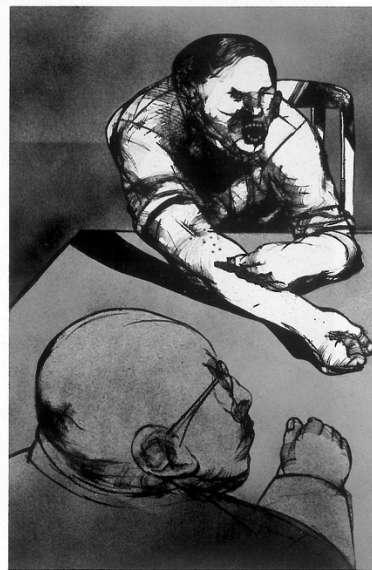
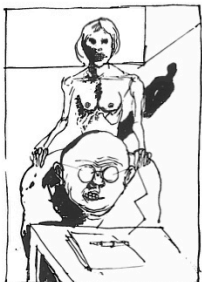
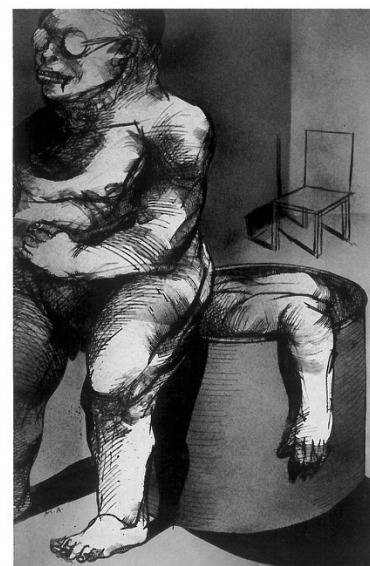
The result is an illustrated book for adults, a genre that was once popular a century ago—chapters appeared first in weekly magazine installments—but now almost entirely reserved for children’s books. **INITIATING COLLABORATION** The Hutchinson novella series was based on the notion of writer and artist working together. “Part of the pleasure of the whole thing was to be the collaboration between [Paul Theroux and Marshall Arisman],” notes Richard Cohen, who edited a score of books in the series for British publisher Century Hutchinson beginning in the mid-1980s. Conceived by Frank Delaney, the illustrated novellas were envisioned as the basis for a television (Continued on page 44)

**Twin Talents: Text and Image** The novella “Dr. DeMarr” represents a unique genre of adult fiction. In addition to the color jacket cover (at right), Marshall Arisman created eight interior black-and-white illustrations (one of which is shown on the opposite page). His thumbnails and notes for the project are shown at far right.



Marshall Arisman: As páginas seguintes foram publicadas na revista “Step by Step”, 1992.

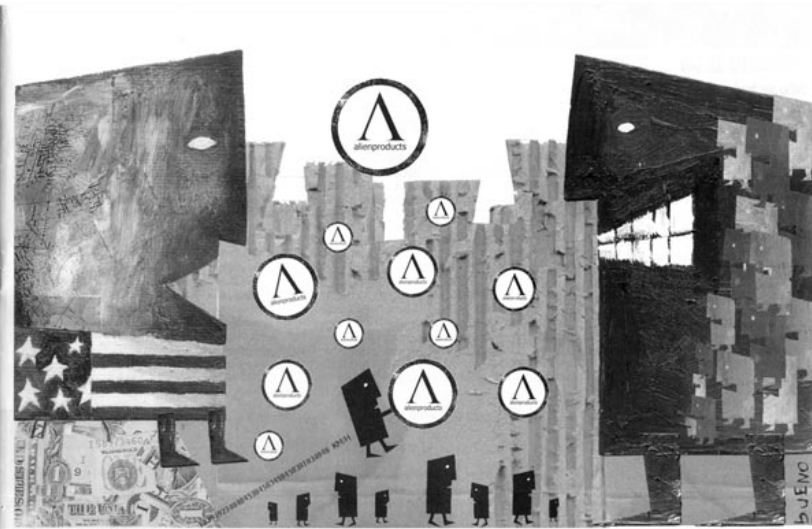




**Sketching is Learning** For Arisman the sketching process is a learning process, a way of "teaching myself how to draw these two guys." Using India ink and Sumie paper—a paper that bleeds and takes the ink the way Arisman likes it—the artist creates light-and-dark studies (shown on these pages next to their respective final sketches) with brush and crow quill pen. These brush drawings were positioned next to his drawing board as he started each original.



# Ilustração: síntese e depuração



## MILTON SANTOS > COMO REVERTER A GLOBALIZAÇÃO PERVERSA

Ocasões como a de Porto Alegre são um marco, mas há um risco a considerar

O Fórum Social Mundial, apesar, com êxito ainda maior, manifestações como as de Seattle, Washington etc., nas quais a consciência, dialéticamente depurada com a globalização, vai abrindo espaço na opinião pública e contribuindo para transformá-la.

A noção de solidariedade e moralidade *alterprodutiva* já se vinha manifestando concretamente em diversas oportunidades desordenadas, sobretudo, de guerras e conflitos internacionais, mediante a instalação de tribunais e outras formas de julgamento de agravos à humanidade. Agora, trata-se de dar corpo a uma inconformidade frente a um modelo de civilização que se generaliza apesar de sua perversidade, o modelo globalitário, abrangente de todos os lugares e de todas as manifestações de vida sobre o planeta.

Antes, a condenação da guerra e de outras formas de barbárie se justificava pelo próprio fenômeno. Mas eram momentos infelizes da história, que pareciam reitorar o seu curso quando a paz e a vida civilizada retornavam os seus direitos. Já a forma da atual globalização pretende ser permanente e, apesar de seus efeitos claramente nefastos, nunca em se apresentar como redentora. Seus defensores apontam para um futuro cujo horizonte é indefinido, mas o apresentavam como capaz de levar a uma sociedade globalmente mais justa. Todavia, assistimos em toda parte ao aumento das desigualdades tradicionais e à produção de novas desigualdades, enquanto as ações públicas e privadas que levam a esse resultado fazem parte de um credo ideológico solidamente contruído, e a partir do qual as sociedades nacionais são induzidas a aceitar tal caminho como se fosse o único. Modelos produtivos, em que prevalece uma competitividade sem quartel, e modelos sociais nos quais toda competição é abolida, passam a presidir o destino dos povos.

Mesmo assim, houve e ainda há quem admita e defenda tais metas, consideradas como uma promessa avulsante. Mas, já agora, as

maioria da humanidade descobre que tais sistemas aumentam os privilégios para um pequeno número de atores e disseminam a pobreza e a necessidade entre a maior parte das populações. Descobre-se, também, o mecanismo com o qual é posta em marcha essa máquina desigualitária. Há algum tempo, porém, as vítimas desse processo, cada vez mais numerosas, se mantinham indefesas e só recentemente manifestaram a vontade de libertação desse jogo.

Porto Alegre é, pois, um marco. Sem dúvida, essa cidade brasileira se tornou a conflúncia das insatisfações mais diversas e de diferentes formas de protesto. De todos os pontos do globo, vozes isoladas encontraram um cenário comum, mesmo se reivindicações tão diversas podem, em certos casos, parecer disparatadas. O fato é que o âmbito universal da nova situação e a fúria do discurso que a justifica tornam difícil localizar os conjuntos coerentes de causas e contradições freqüentemente a tomar como alvo esta ou aquela matéria, considerada isoladamente. Todos acreditam que dessa forma estão dando o necessário combate. Mas o que fazer? Solicitar às organizações não governamentais, aos políticos e a homens de boa vontade que criem os braços e não ofereçam nenhuma resistência? Ou deixá-los prosseguir nessa luta difícil, mesmo sem ordem, dispersa? Seja como for, ocasiões como a de Porto Alegre são um bom começo, pois não apenas mostram a variedade e amplitude das reivindicações, como deixam ver que, de um modo geral, há convergência de preocupações.

Todos sabem que instâncias como essa continuam, às vezes, um verdadeiro estorvo para desencadear mudanças em cada lugar, levando a movimentos de maior amplitude com o qual grandes reformas acabam sendo viáveis.

Sem dúvida, quando as reivindicações se multiplicam a ponto de parecerem pulverizadas há, paralelamente, o risco de um entrançamento quanto à busca do alvo principal, isto é, o desvio das causas mais profundas dos males que se deseja debelar

isoladamente. Aliás, o risco é grande porque, às vezes, uma medida apresentada contra um aspecto da problemática pode encobrir o fortalecimento da situação sistêmica que, exatamente, se deseja superar. Nesse caso, se fala, com boa vontade, e mesmo com perfeição, a coisa errada. Essa, aliás, é a crítica que intelectuais e pensadores com preocupações mais sistêmicas e totalizantes levantam frente às ações isoladas. Por sua vez, ativistas de toda ordem, impacientes por resultados, não raro consideram os pensadores como pessoas que se contentam com formulações abstratas, sem sempre praticamente utilizá-las. Esse dilema haverá sempre. O fato, porém, é que, se não se dominam as causas essenciais dos fenômenos tal como eles se apresentam empiricamente, a luta pela mudança está condenada a menor eficácia e, mesmo, ao fracasso. Daí o papel insubstituível dos intelectuais.

Nos tempos de globalização, as exigências de ação concreta são prementes e às vezes são tomadas iniciativas equivocadas. Daí a urgência do encontro da hierarquia das causas para que uma série de realizações práticas encontre uma ordem lógica e cronológica, de modo que o esforço de hoje não anule o de ontem, ou seja anulado pelo de amanhã. É dessa maneira que, levando em conta os diferentes graus de desenvolvimento das situações de globalização nos diversos países, poderemos reverter a condição atual a chegar, de modo sistemático, a identificar as práticas políticas que conduzam a um modelo econômico e social capaz de produzir o que hoje pode parecer um milagre: a construção de um mundo unido, onde o bem-estar das populações não seja um privilégio, mas um bem comum.

Milton Santos é geógrafo, professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e autor, entre outros livros, de *Por uma Outra Globalização*, Record, Rio de Janeiro (4ª edição).

Um aspecto importante na hora de desenvolver uma idéia de ilustração é:

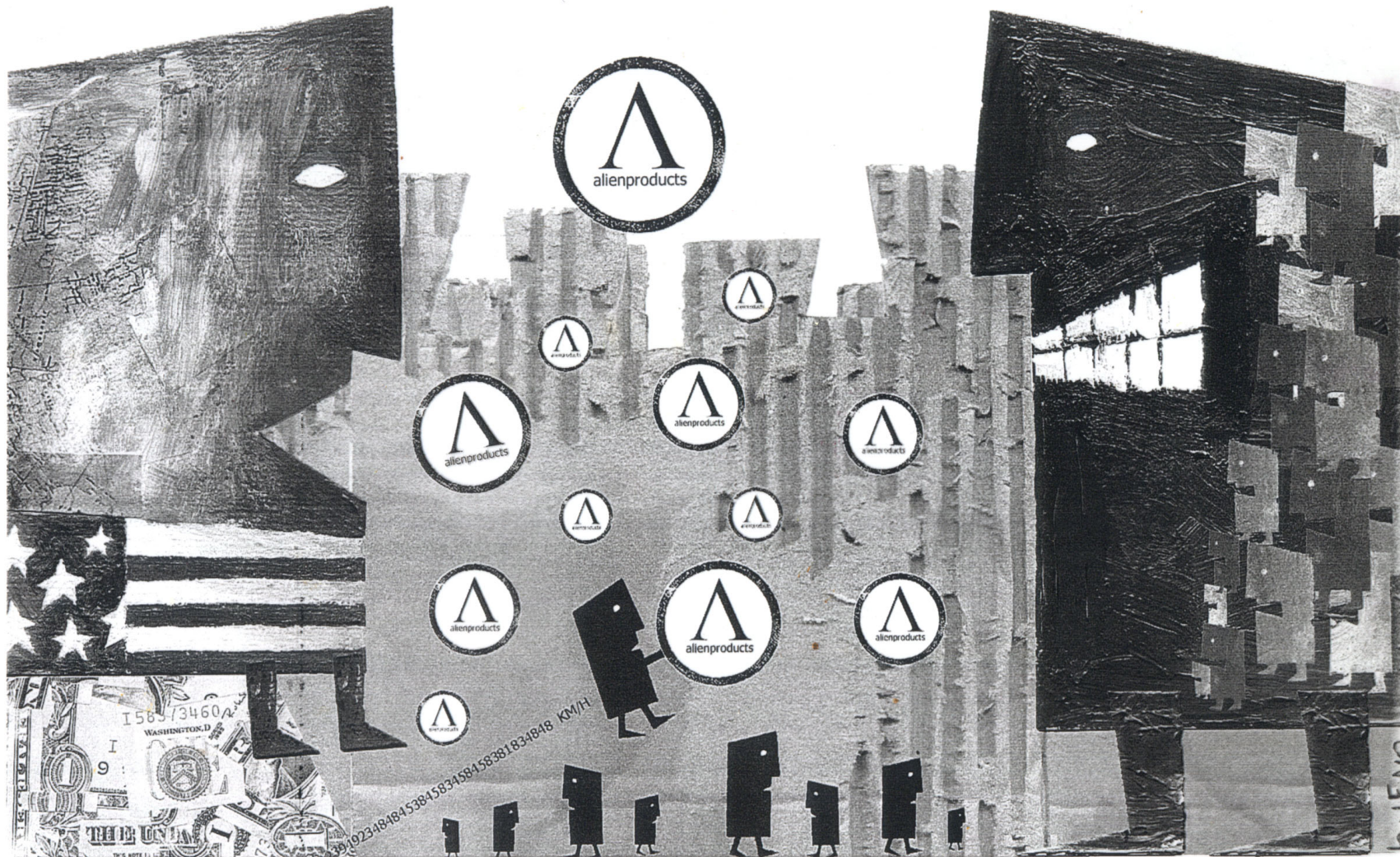
Como comunicar? Como organizar as informações?

Nesse sentido, síntese e depuração são palavras importantes.

Vou comentar esse assunto mostrando uma ilustração que fiz no começo de carreira pra revista Caros Amigos.

Fiquei entusiasmado em ilustrar um texto do grande geógrafo Milton Santos e procurei comentar muitos aspectos do artigo na ilustração.





Posteriormente, avaliando o trabalho e conversando com professores e colegas, percebi que a ilustração não tinha foco e era confusa, pois queria “explicar demais”. No fundo, um detalhe dessa ilustração já poderia gerar um resultado interessante.



Vale dizer de novo: uma ilustração não precisa e nem deve se preocupar em transmitir informações e inúmeros detalhes das coisas como se fosse um infográfico.

Ela não funciona muito bem se for um amontoado de alegorias.

Uma ilustração comunica bem quando traz algum aspecto interessante, mexe com a percepção do leitor, e dá abertura para que ele complete sentidos e significados com sua imaginação.

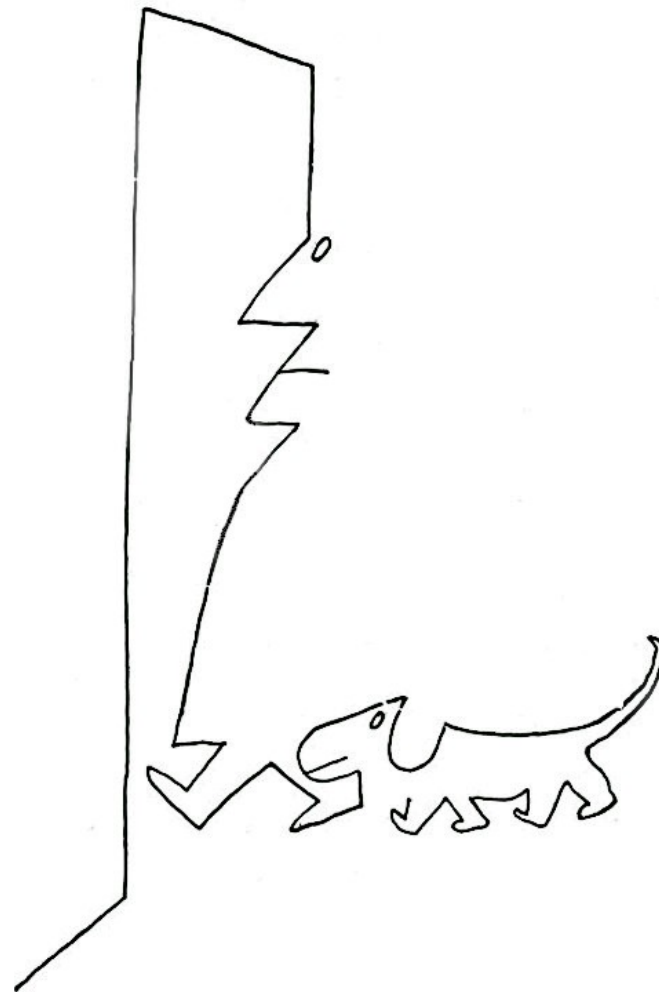
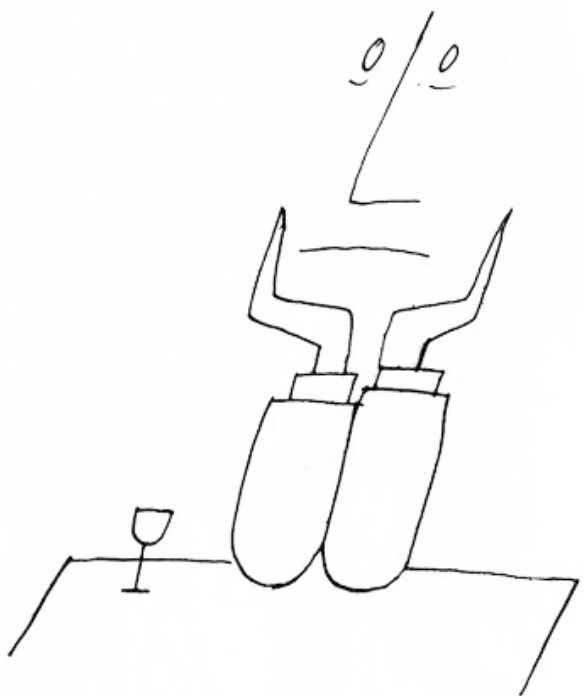






Com o intuito de estudar síntese na ilustração, fiz esse trabalho com mais de 60 desenhos sintéticos em sequência no meu Trabalho Final de Graduação (FAU-USP, orientação do prof. Silvio Dworecki).

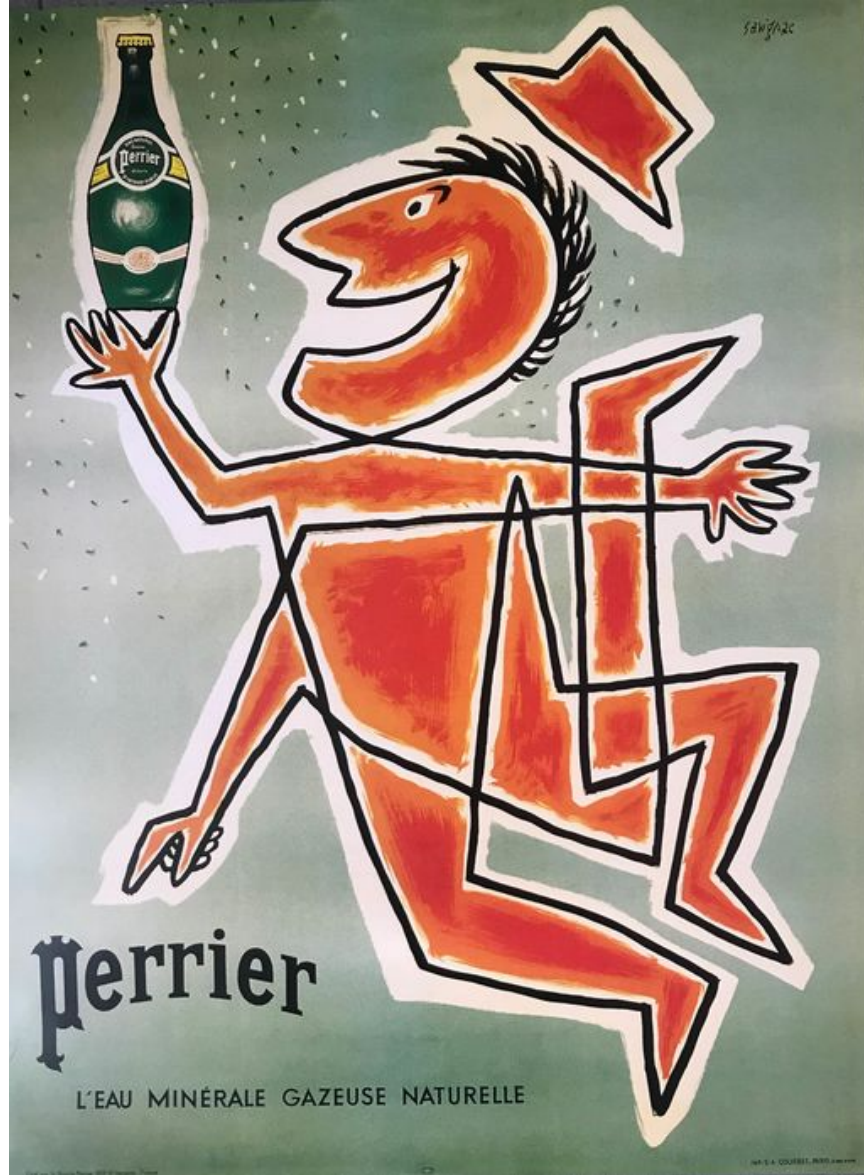




Desenhos de Saul  
Steinberg  
publicados no livro  
The Passport,  
1954.

Artistas como Saul Steinberg foram importantes para me mostrar que não precisamos colocar tudo num desenho, e que ele tem uma lógica própria.





No canto esquerdo,  
cartaz “Perrier”, 1955.  
Ao lado, cartaz de 1972.

Cartazes publicados no  
livro “Savignac – L’Affiche  
de A à Z”, 1987.

Artistas como o cartazista Savignac me ensinaram sobre foco claro e definido na ilustração.





## Os Seminários de Gil

"Vamos reunir, vamos arredondar"  
Jô Soares, nos tempos da ditadura.

**P**osso manifestar de caruote minha decepção com o desempenho de Gilberto Gil no Ministério da Cultura, nos sete meses iniciais, porque aqui neste espaço defendi sua indicação, recebida com torres podres pelos membros da Ku Klux Klan nacional e pelos tecnocratas que, por outro tipo de preconceito, não acreditam que um artista possa revelar-se um bom administrador tanto na iniciativa privada quanto no poder público. Continuarei inabalavelmente contrário aos dois preconceitos, mas a fé que me despertou a indicação de Gil deixou de ser uma vela acesa e transformou-se numa poça de cera.

Não conheço os cabeças do Ministério da Cultura, mas o fato de serem desconhecidos, para mim e para o mundo da Arte, do Artesanato e do Folklore nacionais, não os desabona. No entanto, tenho medo de que Gil esteja cercado daquilo que Mário de Andrade chamava de "diletantismo petulante". O relatório dos seis meses do atual Ministério da Cultura distribuído através da Internet, pela secretaria de Comunicação Social do Minc, justifica esse recio. Depois tentarei dizer por quê.

O Brasil não é só uma "terra de contrastes", como disse Roger Bastide, é também a dos paradoxos. Foi justamente Gustavo Capanema, titular do Ministério da Educação e Saúde do Estado Novo, um ex-camisa-parda, jamais liberto de seus amigos integralistas, que reuniu a mais ilustre equipe ministerial que este país já teve notícia, o que o ajudou a tornar-se o melhor ministro da cultura que já tivemos em nossa história. Sua equipe de privilegiados talentos era composta, no entanto, de uma democrática heterogeneidade ideológica. Para justificar-me, vou citar alguns nomes de seu Ministério, em ordem alfabética, para não trair minhas simpatias: Afonso Arinos, Augusto Meyer, Cláudio Pinheiro, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Lúcio Costa, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Oscar Niemeyer, Rodrigo de Melo Franco e Villa Lobos, entre outros. Apoiou os remanescentes da Semana de Arte Moderna, publicou as obras completas de Alfonsus de Guimaraes,

estimulou a arquitetura moderna, mesou com tudo. Durante seu tempo de ministro da Educação e Saúde, foi com a produção cultural do país que ele mais se preocupou. Afinal, fez, sem haver prometido, uma admirável administração cultural.

Quando Gilberto Gil foi indicado, a esperança de que o fenômeno Capanema se repetisse, e até que a minha área, a Literatura, "a prima pobre das artes", segundo Flávio Paes, recebesse alguma mesadinha, cresceu, e depois feneceu. Ele é o ministro que menos audiência pediu a Lula. Se for por orgulho, quem vai perder somos nós.

Como, durante a campanha, houve uma porra de encontros temáticos em cada região do país, que se resumiu no documento petista para a cultura, intitulado *A Imagem e a Sertão do Brasil*, eu pensei: agora, que os problemas culturais foram discutidos democraticamente com a sociedade, afastando a hipótese de qualquer dirigismo, basta Lula assumir, e seu Ministério da Cultura cair em campo, para trabalhar.

Certamente a equipe de transição — relativa à administração cultural — já sabia que dos R\$ 3 bilhões investidos pela Lei Rouanet e do Audiovisual, no período entre 1996 e 2002, R\$ 2 bilhões cobririam os gastos em eventos (vale o grifo) que se realizam no Rio de Janeiro e São Paulo. E... o que é mais significativo: 90% desse dinheiro foram para os bolsos de artistas consagrados, que não precisam de dinheiro público, porque os empresários brigam para dirigir seus negócios. Sabiam disso, com certeza, porque entre os quatro itens principais dos documentos que saíram dos seminários de campanha, um deles propõe a criação de um Sistema Nacional de Política Cultural, que ficou sendo visto como uma espécie de "SUS da Cultura".

Passaram-se sete meses e, analisando o relatório das realizações do Ministério da Cultura, dou-me conta de que, de novo, iniciou-se um projeto chamado Refavela, mas não se diz onde e o que foi feito, no mais apenas deu-se continuação, de modo vegetativo, às atividades rotineiras das Secretarias de Música e Artes Cênicas, do Patrimônio, Museus e Artes Plásticas, do

Livro e da Leitura, da Fundação Nacional de Arte (Funarte) e da Fundação Casa de Rui Barbosa. Claro, houve muitos espetáculos, fóruns e seminários promovidos. Por falar em seminário, o que eu ia discorrer, mesmo, era sobre o Seminário Cultura para Todos, que se vem realizando em todas as regiões, ocupando o pessoal ligado à cultura, até o dia 19 deste mês, tendo-se iniciado, em Brasília, em 16 de junho. Por falta de seminário, na administração Gil, certamente nenhum padre ficará na rua. Claro que, para analisar todas as propostas e juntá-las num documento operacional, o Ministério levará o resto deste semestre perdido,

deste ano perdido. Nestas horas, lembro-me como nós, os nordestinos, temos do que nos queixar. Em 2002, o Rio teve R\$1 bilhão em investimentos das leis de incentivo; São Paulo, R\$950 milhões. E o Nordeste inteiro? Apenas R\$ 197 milhões. Enquanto isso, um filme norte-americano, como *O Exterminador do Futuro II* teve um orçamento de 170 milhões. De dólares!

Perguntar não ofende: Cadê a Loteria Cultural? ■

Alberto da Cunha Melo é poeta, jornalista e sociólogo.



Ilustração de Daniel Bueno para a coluna Marco Zero, de Alberto Cunha Melo, revista Continente Multicultural, 2003.

Essa pesquisa teve rebatimentos em meu trabalho para as revistas e jornais. Pesquisar, observar, estar atento a referências é importante no trabalho do ilustrador.



# Ilustração autoral: exemplo

Irei mostrar agora um exemplo de ilustração autoral, feita com liberdade em abordagem gráfica e idéias.

Foi uma ilustração para a revista de ilustração argentina Gooo. Eles me sondaram, me convidaram para participar de uma edição de tema “bruxaria”.

Vamos ver como recebi as informações deles e conferir o processo criativo desse trabalho.



-----  
\*Göoo #7\*

\*Topic: Brujería (Witchcraft)\*

/We're not only looking for witches' representations; but for spellings, curses, charms, amulets, rituals, black magic, voodoo, satanic pacts, witches' sabbath, potions, and so on. It can be existent or made up from your own imagination. We want you illustrations to bewitch our imagination!/

The piece is a 30 x 11cm spread (5mm bleed per side included).

The format of the final file should be JPG or TIFF 300 dpi in CMYK.

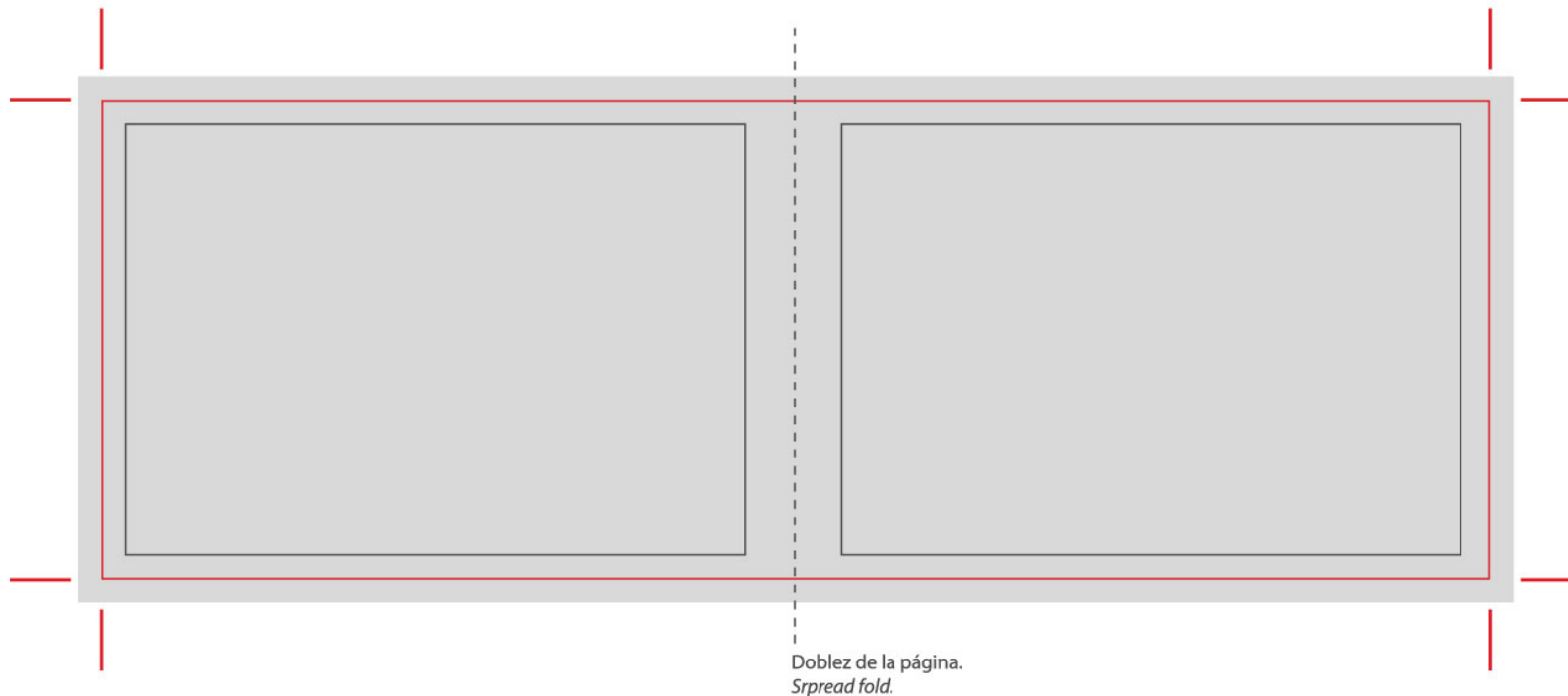
\*Deadline: March, 31st 2009




\*

-----

Numa mensagem de e-mail recebi os dados gerais do trabalho: tema, formato, resolução, prazo.





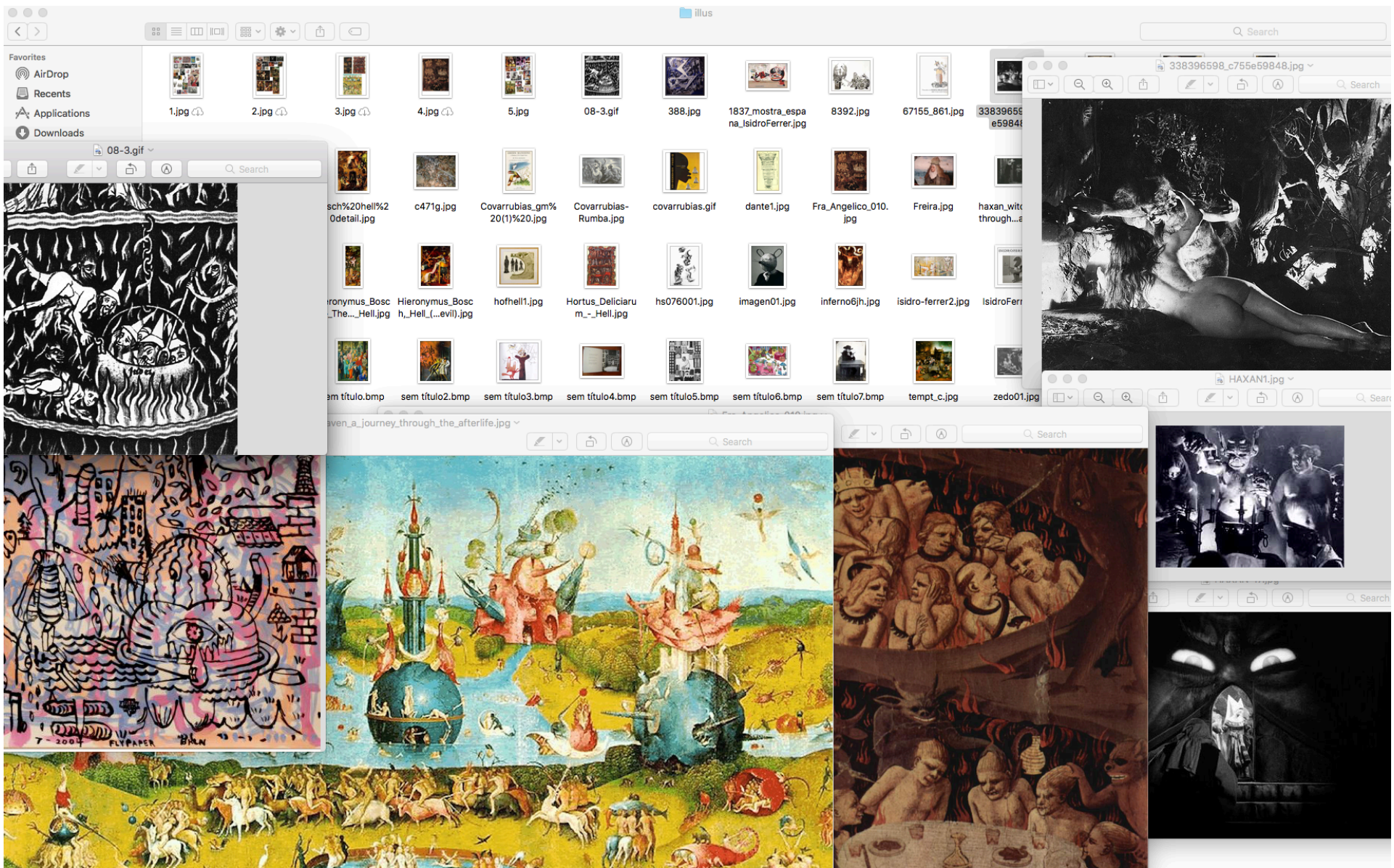
-  Archivo Final. 30x11cm con demasias.  
Formato Tiff o Jpg. 300 dpi. CMYK
-  Área de impresión. 29x10cm.
-  Áreas Recomendadas para textos e imagenes principales de la composición.

-  Final File. 30x11cm with Bleeds  
Format Tiff or Jpg. 300 dpi. CMYK
-  Print Area. 29x10cm.
-  Recomendated areas for text and principal layout images.

Também recebi um PDF com template.

Reparem nas especificações de “área de impressão” e linhas de corte.





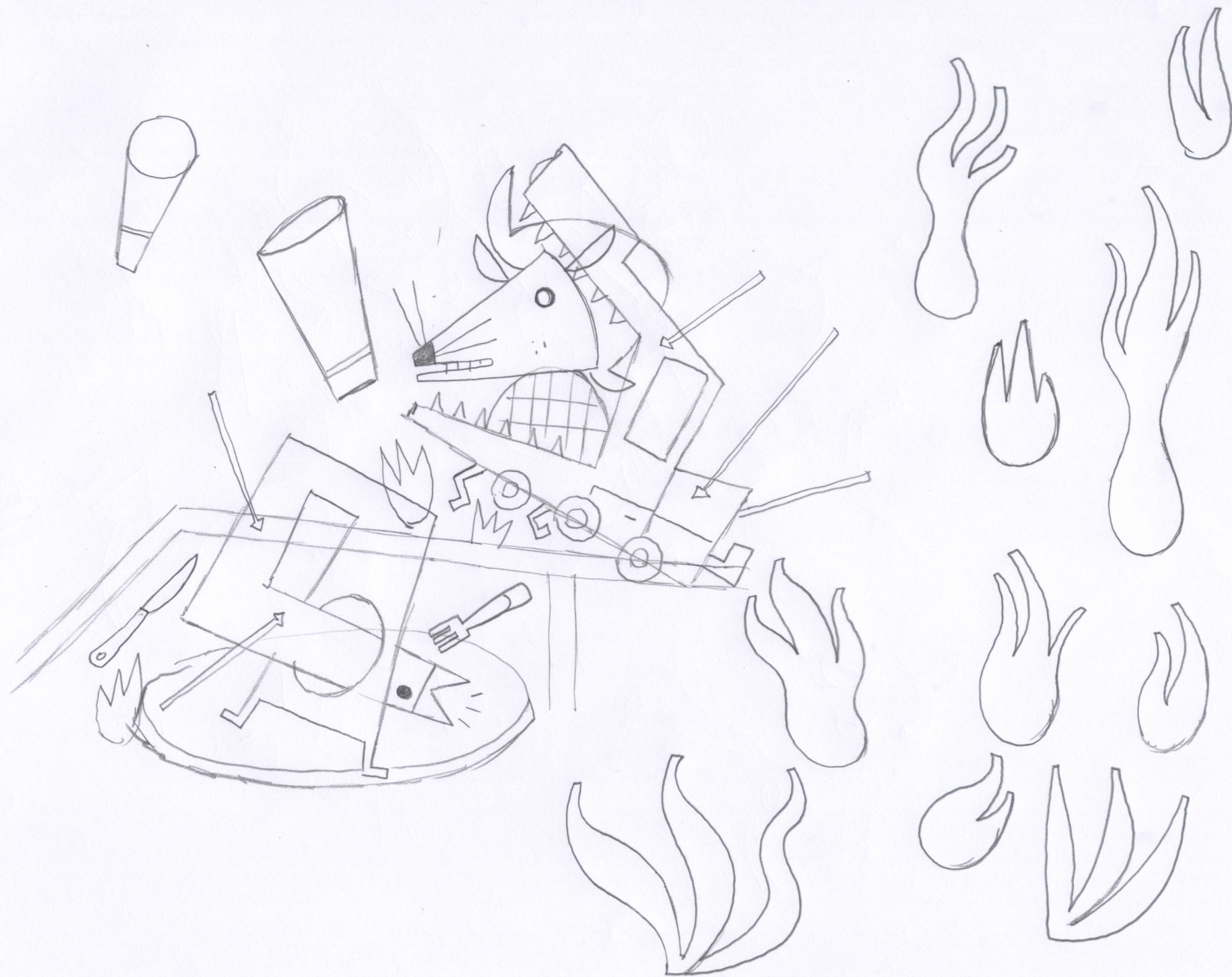
Ao começar um trabalho, sempre pesquiso referências e guardo as imagens numa pasta.





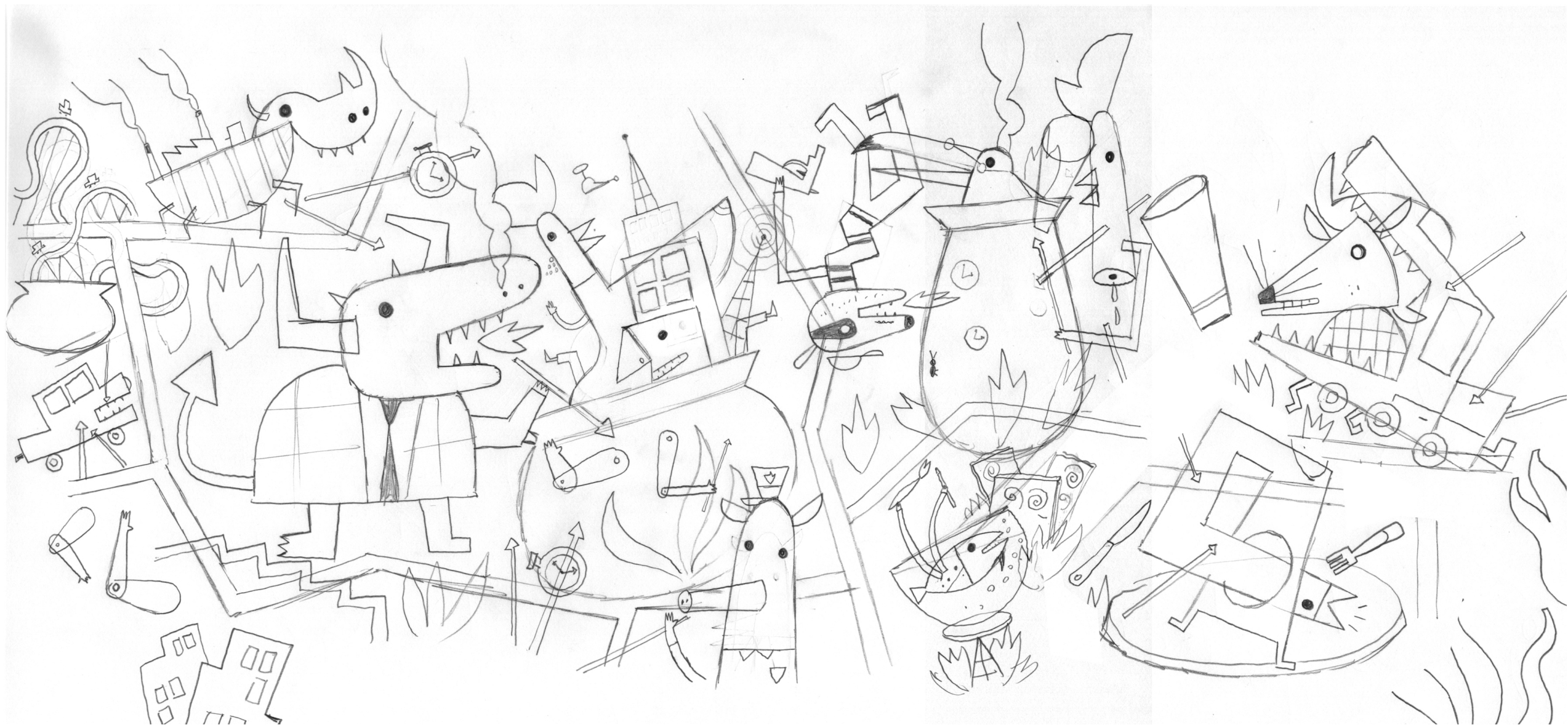
Primeiros  
esboços.





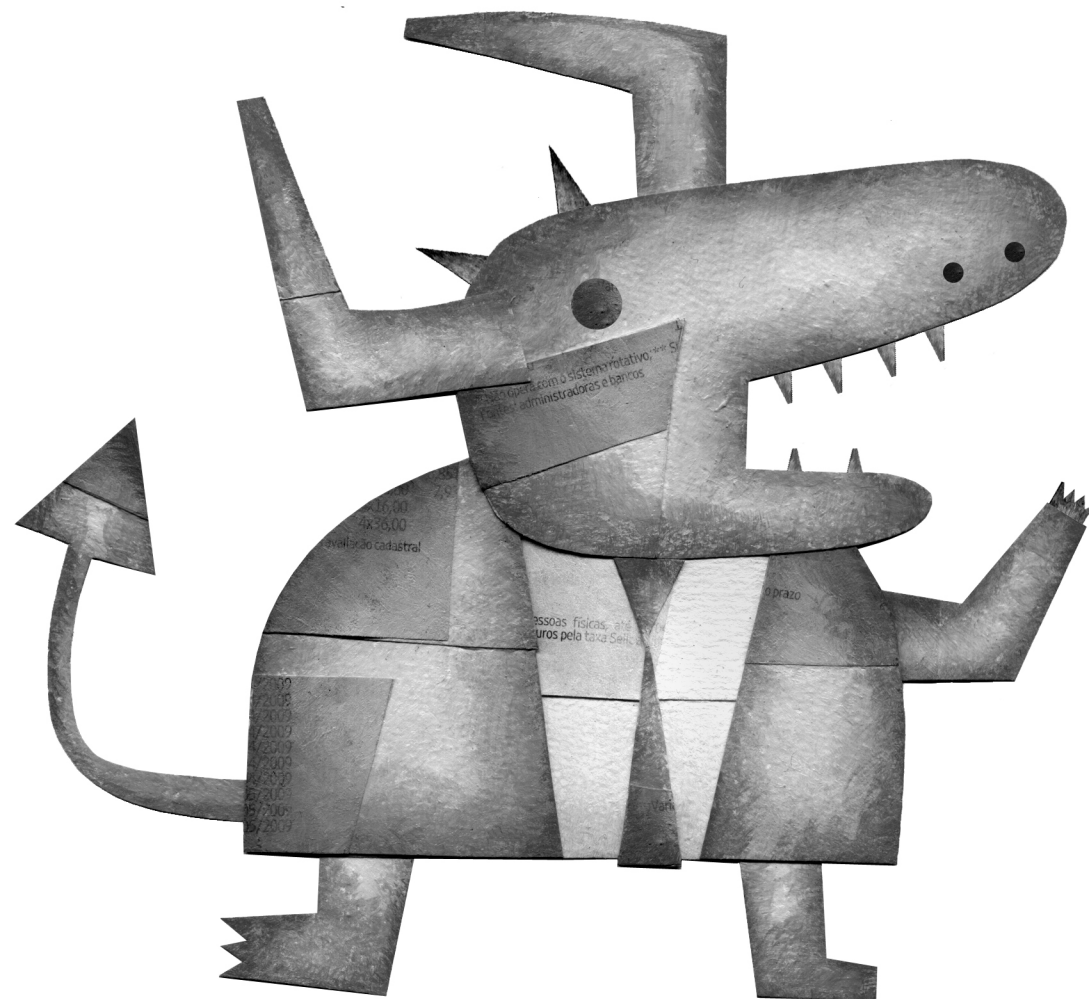
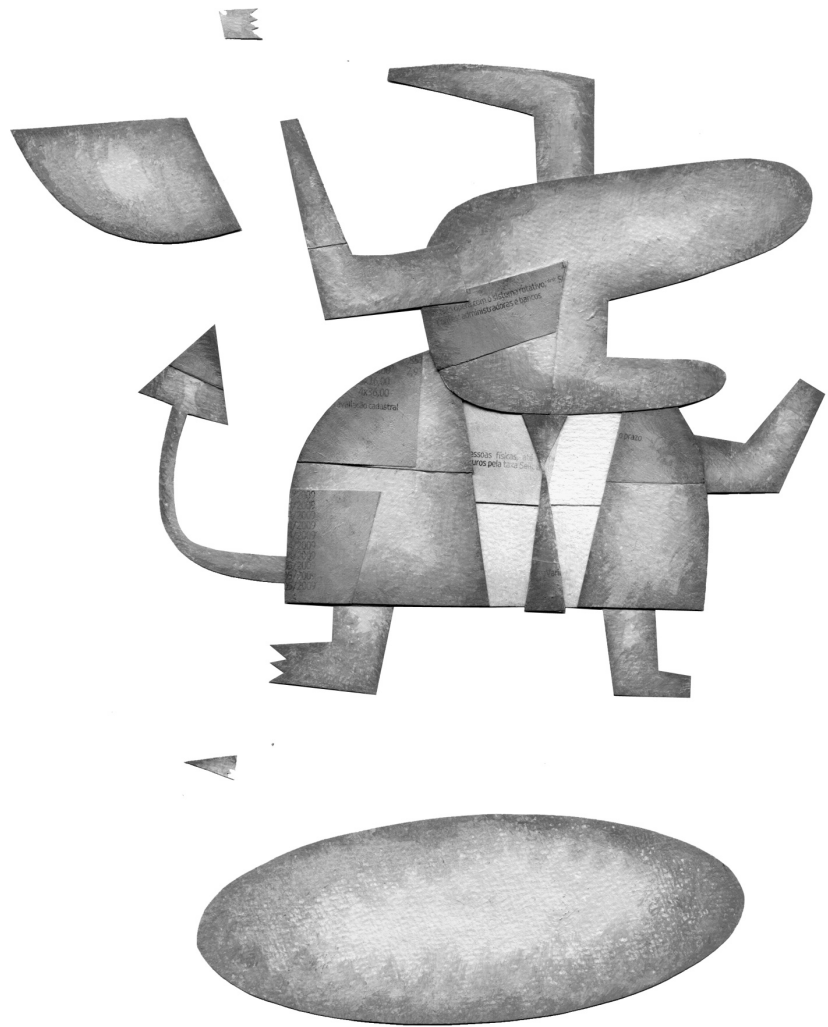
Primeiros  
esboços.





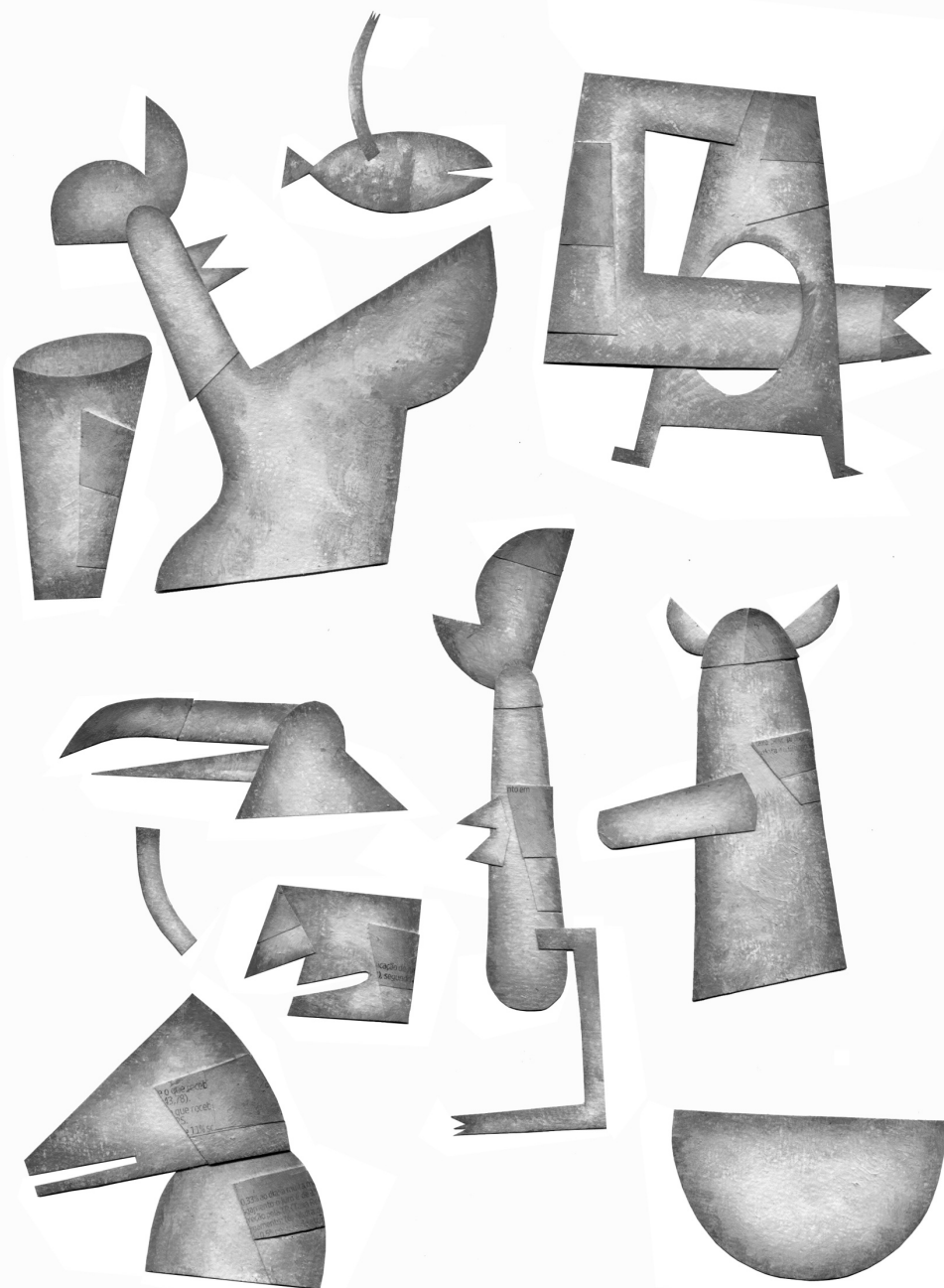
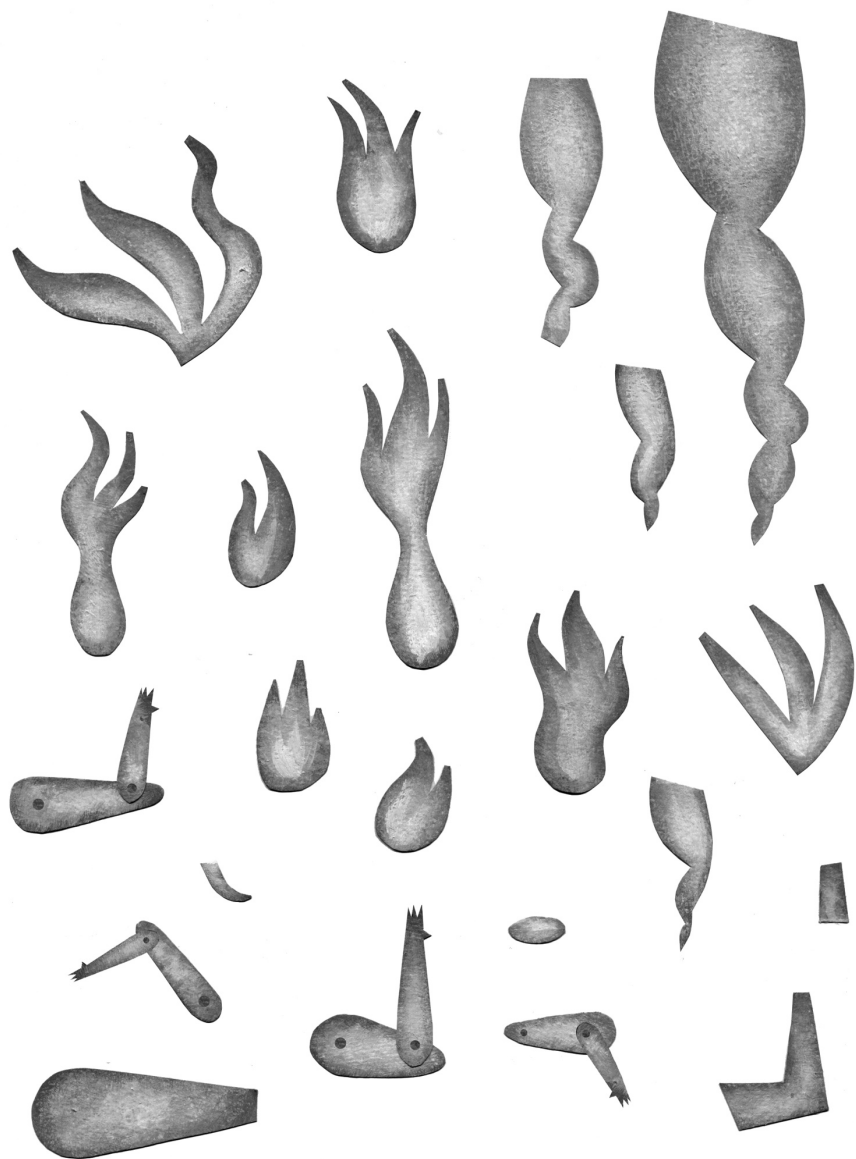
Organizei a composição escaneando os esboços e juntando eles (no Photoshop) numa imagem só.





A partir dos rascunhos são desenvolvidas, em trabalho manual, peças soltas com colagem, tinta acrílica e camadas de papel. Elas são posteriormente escaneadas e trabalhadas no Photoshop.





Foram criados  
muitos elementos,  
sendo várias peças  
pequenas.

Repare como os  
personagens ao lado  
ainda não  
receberam olhos,  
retoques, etc.





Depois de finalizar todas as peças no Photoshop, todos os elementos foram trabalhados num único arquivo. O rascunho ajudou a orientar a composição final, e elementos gráficos adicionais como manchas com carimbos (feitas em arte manual) e um papel escaneado pro fundo contribuíram pra amarrar toda a cena. Por fim, foram feitos testes de cor, num proposta intencionalmente monocromática. Depois de concluído o trabalho, a ilustração foi enviada por e-mail para a revista.



# Geração de idéias

Um texto chega para o ilustrador ilustrar. E agora, como começar a trabalhar?

Como já vimos, não há apenas um modo de trabalhar. Cada ilustrador, com o tempo, vai desenvolvendo seu método de criar.

Vou mostrar agora um método muito comum de geração de idéias, envolvendo anotações e esboços rápidos.



**Assunto:** Texto de sexta

A radicalização do terrorismo no Brasil

A estratégia do Estado Islâmico de recrutar simpatizantes autóctones por meio das mídias sociais, iniciada entre 2012 e 2013, apresenta seus primeiros resultados. Nesse aspecto, o Brasil possui um potencial significativo de possibilidades, fato percebido pelas lideranças do terrorismo extremista islâmico.

Com o aumento dos protocolos de segurança em países da comunidade europeia e o intercâmbio de informações de órgãos de inteligência, uma das alternativas dos grupos radicais pode ser direcionar suas ações à América Latina, especialmente o Brasil, terreno ainda inexplorado.

Tais circunstâncias derrubam a tese, defendida por muitos, de que o Brasil está longe do terrorismo extremista, já que somos pacíficos e não estamos envolvidos em operações bélicas e de inteligência em zonas conflagradas, em especial o Oriente Médio e o norte da África.

Infelizmente, são falsas premissas. Para o terrorismo internacional, baseado na anomia e irracionalidade de ações, tais argumentos são irrelevantes.

Por isso, a prisão, pela Polícia Federal, de uma suposta célula terrorista ligada ao Estado Islâmico, que planejava ações durante os Jogos Olímpicos do Rio, é um marco histórico no Brasil que tende a se repetir com certa frequência.

Pela primeira vez foram utilizados dispositivos da lei federal de combate ao terrorismo, sancionada em 16 de março deste ano, que pune, inclusive, os atos preparatórios.

A questão principal desse contexto é o recado institucional das autoridades brasileiras para todo e qualquer movimento terrorista que possua intenções semelhantes.

A prisão demonstrou a capacidade operacional e de coleta de dados de inteligência das forças de segurança para detectar e neutralizar ameaças em qualquer parte do território nacional. Tais ações contribuirão, ainda, para aplacar parte da tensão de delegações e turistas estrangeiros em relação a atentados.

Sabe-se que é difícil identificar com antecedência os terroristas autóctones, como os chamados lobos solitários ou mesmo células descentralizadas e autodidatas, uma vez que não existe um perfil ou biótipo definido. Eles transitam no ambiente urbano com naturalidade.

Podemos perceber alguma intenção em gestos, atitudes e diálogos se os suspeitos forem monitorados por câmeras por algum tempo, o que permite analisar o conjunto de suas atitudes, e não um comportamento pontual. Também podem ser investigados por meio do monitoramento das comunicações eletrônicas ou digitais, a exemplo do que ocorre nos países que possuem familiaridade no trato com o terrorismo internacional.

Naturalmente, os desafios a serem enfrentados são imensos. O recrutamento de brasileiros pela ideologia extremista já é uma realidade. Segundo a inteligência do país, cerca de cem pessoas são consideradas "altamente radicalizadas"; sites em português fomentam tal comportamento.

Soma-se a essa conjuntura o fato de que não existe 100% de segurança. Nem mesmo a mais capacitada preparação técnica seria capaz de varrer o terrorismo do mundo.

Finalmente compreendemos que nenhum país, hoje, pode se iludir a respeito dessa dura realidade, a menos que queira ser surpreendido.

ANDRÉ LUÍS WOLOSZYN, 51, analista de inteligência estratégica pela Escola Superior de Guerra, especialista em terrorismo pelo Colégio Interamericano de Defesa (EUA), é diretor do Instituto de Seguridad Global (Brasil-Espanha)

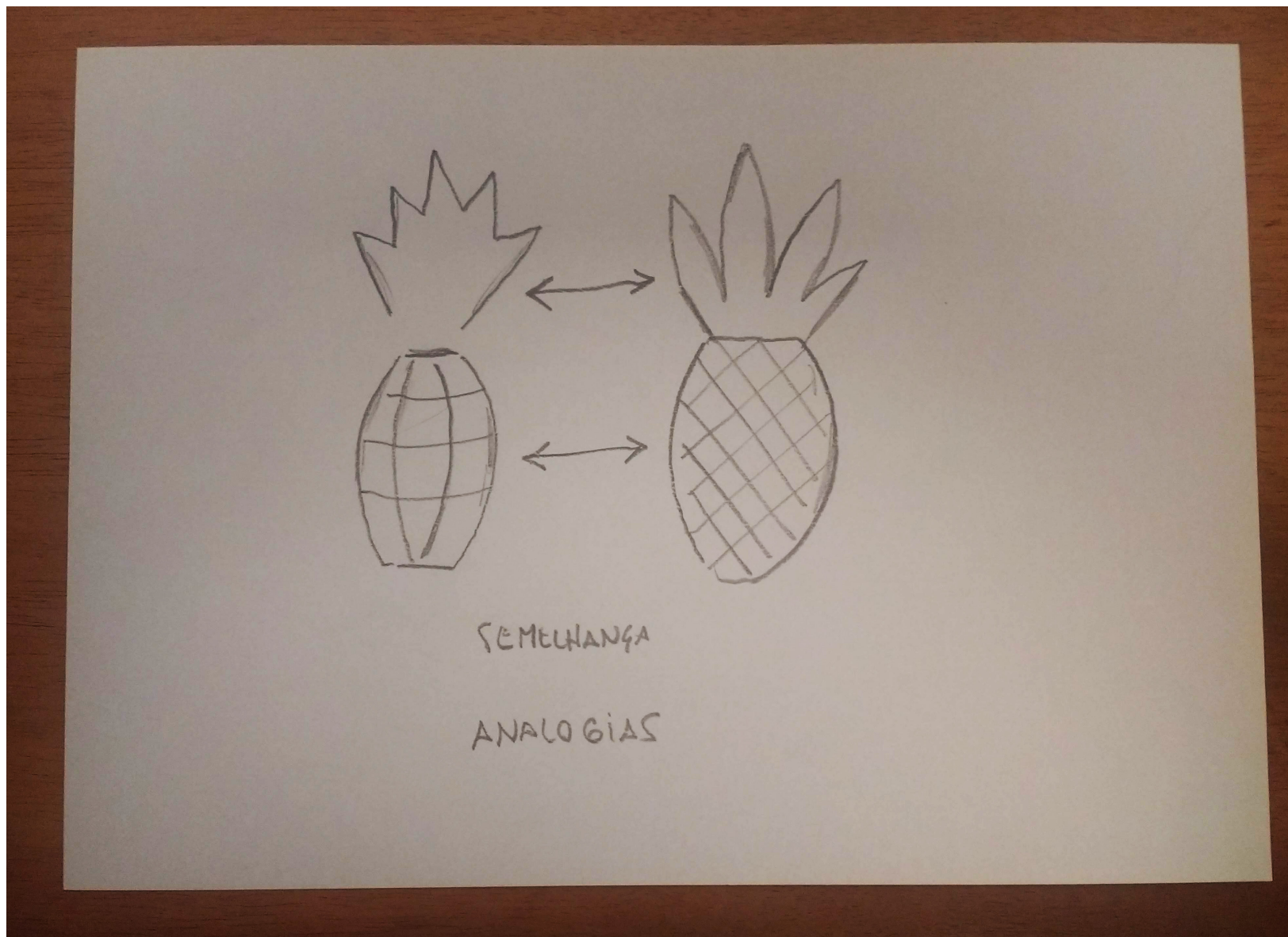
No exemplo acima, o ilustrador recebeu por e-mail um texto para um espaço opinativo na página 3 do jornal. O prazo era de uma hora, a técnica era livre. O texto basicamente versa sobre conexões do Brasil com o terrorismo.





Depois de ler o texto, ou mesmo durante a leitura, o ilustrador vai anotando palavras e desenhos rápidos relacionados ao conteúdo do artigo. Vale anotar qualquer coisa que passe pela cabeça – depois você vê se interessa ou não.





Diante dos inúmeros desenhos que o ilustrador tem anotados no papel, é possível fazer conexões e analogias entre eles. Olhar desenhos pode ajudar no sentido de perceber semelhanças formais entre elementos a princípio desconectados. A partir daí o ilustrador passa a fazer rascunhos de idéias, até chegar em alguma que lhe pareça consistente.





ES DE MENEZES

## nos do Rio

músicas oficiais da Rio-  
tariam destinadas a um  
ue maior do que essas  
sonoras motivacionais  
am ter nos Jogos, por-  
música brasileira ainda  
luto cultural mais pre-  
ém das fronteiras.  
chancela dos organi-  
não é sinal de quali-  
lgo evidente quando  
recorre ao YouTube  
clipes de "Alma e Co-  
"Os Deuses do Olim-  
am o Rio de Janeiro",  
ais hinos do torcedor.  
na diferença notável  
canções da Rio-2016  
de músicas criada na  
Mundo de 2014.  
goleada alemã, a tor-  
regava a esperança de  
comunicação musical  
exibia letras confian-  
verbos que indicavam  
da inexorável da sele-  
no ao hexa: "ganhar",  
r" e "conquistar".  
no os brasileiros não vão  
ar ao primeiro lugar  
aro de medalhas não  
ática muda. Agora o  
letras é mais a festa, a  
do Brasil, o calor humi-  
receber bem os visitan-  
essa terra que é linda".  
s cliques dessas música  
abém nas propagandas

A estratégia do Estado Islâmico de recrutar simpatizantes autóctones por meio das mídias sociais, iniciada entre 2012 e 2013, apresenta seus primeiros resultados. Nesse aspecto, o Brasil é um campo de muitas possibilidades, fato percebido pelas lideranças do terrorismo extremista islâmico.

Com o aumento dos protocolos de segurança em países da comunidade europeia e o intercâmbio de informações de órgãos de inteligência, uma das alternativas dos grupos radicais pode ser direcionar suas ações à América Latina, especialmente ao Brasil, terreno ainda inexplorado.

Tais circunstâncias derrubam a tese, defendida por muitos, de que estamos longe do terrorismo extremista, já que somos pacíficos e não participamos de operações bélicas e de inteligência em zonas conflagradas, em especial o Oriente Médio e o norte da África.

Infelizmente, são falsas premissas. Para o terrorismo internacional, baseado na anomia e irracionalidade de ações, tais argumentos são irrelevantes.

Por isso, a prisão, pela Polícia Federal, de uma suposta célula terrorista ligada ao Estado Islâmico, que planejava ações durante os Jogos Olímpicos do Rio, é um marco histórico no Brasil que tende a se repetir com certa frequência.

Foram utilizados, pela primeira vez, dispositivos da lei federal de combate ao terrorismo, sancionada em 16 de março deste ano, que pune, inclusive, os atos preparatórios.

A questão principal desse contexto é o recado institucional das autoridades brasileiras para todo e qualquer movimento terrorista que possua intenções semelhantes.

A prisão demonstrou a capacidade operacional e de coleta de dados de inteligência das forças de segurança para detectar e neutralizar ameaças em qualquer parte do território nacional. Tais ações contribuirão, ainda, para apagar parte da tensão de delegações e turistas estrangeiros em relação a atentados.

ANDRÉ LUÍS WOLOSZYN



Daniel Bueno

ra que o juiz  
te afastada seja feito ante  
finição da cassação do de  
do Eduardo Cunha ("Ex-a  
nista, Renan passa a atua  
apoio de Temer", "Poder  
Essa é uma situação abso-  
que coloca em destaque  
tunismo de quem está no  
do. Mostra ainda que o c  
impeachment é uma que  
lítica, não jurídica. É ma  
situação desfavorável pa  
ceito da classe dos polít

URIEL VILLAS BOAS (Santos, SP)

Está chegando ao fim  
político mais longo da  
brasileira. O PT e os de  
tidos que apoiam o gov  
ma querem esticar a co  
co se importando com  
do Brasil. A crise não c  
quanto não acabar ess  
do impeachment. É im  
que os brasileiros tire  
ra suas vidas e aprend  
nas próximas eleições

IZABEL AVALLONE (São Paulo, SP)

Se é verdade que n  
visão legal para afast  
um governante que, p  
petência, ação ou om  
va um município, um  
o país à ruína, então  
admitir que a legisla  
necessita ser corrigi  
mente. A sociedade  
car refém de irrespo

ROBERTO FISSMER (Porto)

### Operação L

Correndo o ris  
lado como mais  
cis que ainda n  
perança de ver  
lhos, ousou per  
o STF tanto t  
cá, de Sarn  
Bernardo e d  
("Cunha cita  
der cassação"  
CARLOS ALBERTO BEL

Os desafios são imensos. O recrutamento de brasileiros pela ideologia extremista já é uma realidade. Nenhum país

Segundo a inteligência do país, cerca de cem pessoas são consideradas "altamente radicalizadas"; si-tes em português fomentam tal comportamento.

Uma vez definida a  
idéia e elaborado  
um rascunho, o  
ilustrador parte para  
a finalização.

Aqui no caso, a arte  
foi feita digitalmente  
por ser mais rápida,  
pois todo o processo  
criativo devia  
envolver apenas  
uma hora de  
trabalho.

As cores fortes e  
formas sintéticas  
típicas dessa  
abordagem gráfica  
comunicam a idéia  
com clareza.

Ilustração de Daniel  
Bueno para o espaço  
Tendências e  
Debates, página 3 da  
Folha de S. Paulo.